



Universidade do Porto

Faculdade de Ciências do
Desporto e de Educação Física

Configuração do Processo Ofensivo no Andebol

Estudo da superioridade numérica, na relação
cooperação/oposição relativa à zona da bola,
em equipas portuguesas de níveis competitivos
distintos.

**José Ireneu Mirão
Alves Moreira**

Outubro de 2001

*Dissertação de Mestrado em
Desporto para crianças e jovens
sob a orientação do
Prof. Doutor Fernando Tavares*

Universidade do Porto
Faculdade de Ciências do Desporto e de
Educação Física

Configuração do processo ofensivo no andebol

Estudo da superioridade numérica, na relação cooperação/oposição relativa à zona da bola, em equipas portuguesas de níveis competitivos distintos.

Dissertação apresentada com vista à obtenção do grau de Mestre em Ciências do Desporto, na área de especialização em Desporto para Crianças e Jovens.

Orientador: Professor Doutor Fernando Tavares

José Ireneu Mirão Alves Moreira

Porto, Outubro 2001

Agradecimentos

A realização deste trabalho, apesar de ser uma tarefa individual, não dispensou a colaboração, apoio e incentivo de várias pessoas e instituições. A todas elas expresso o meu mais sincero reconhecimento. Aos que mais de perto privaram gostaria de agradecer, em particular:

Ao Prof. Doutor Fernando Tavares, por ter sido o orientador deste trabalho, pela disponibilidade sempre demonstrada, pela pertinência das sugestões, incentivo constante, pela precisão dos seus comentários críticos e firmes, e sobretudo pelo seu perfil em que alia o aspecto humano à competência profissional.

Ao Colega António Cunha, pela amizade, pela forma importante como tem contribuído na minha formação na área específica do andebol e pela paciência e solidariedade sempre demonstrada.

Aos Colegas de Gabinete José António Silva, Luísa Estriga e Paulo Queirós pela amizade, companheirismo e interesse demonstrados.

Aos Colegas Carla Pinto, Cláudia Oliveira, Dimas Pinto, José A. Soares, Olga Fonseca, pela amizade e incentivo que os tornam sempre presentes.

À Federação de Andebol de Portugal pelas facilidades concedidas no acesso ao material em vídeo.

Aos meus Amigos que, em nome da amizade, não devo agradecer.

À minha família, em particular aos meus Pais, pelo apoio incondicional que sempre demonstrou.

À Paula, que para além de tudo o mais, demonstrou apoio, compreensão e paciência sem limites durante a realização deste trabalho.

Resumo

O presente estudo tem como objectivo analisar e comparar a configuração do processo ofensivo no jogo de andebol, em equipas masculinas portuguesas de distintos níveis de competição, considerando a relação cooperação/oposição relativa à zona da bola.

A amostra é composta por dois grupos distintos: (i) o Grupo Sénior, constituído pelas quatro equipas melhores classificadas no Campeonato Nacional da 1ª divisão; (ii) o Grupo Juvenil, constituído pelas cinco equipas que disputaram a final do Campeonato Nacional da 1ª divisão.

Para comparar as situações de efectividade numérica consideradas recorreu-se à análise da variância (ANOVA).

Os resultados obtidos permitiram salientar as seguintes conclusões:

1. Os dois Grupos, Grupo Sénior (GS) e Grupo Juvenil (GJ), utilizam os métodos de jogo de acordo com estruturas idênticas aos padrões internacionais e conforme os padrões de identidade da própria modalidade, sendo portanto o de jogo em ataque posicional o mais utilizado, que apresenta um carácter colonizador no Grupo Juvenil (85% dos ataques), comparando com o Grupo Sénior (76%) e padrões internacionais (60-80%). Os métodos de jogo no grande espaço necessitam de se afirmar em ambos os Grupos, sendo preocupante a sua ausência no Grupo Juvenil, com 9,9% de contra-ataque (GS apresenta 19,9%) e 5,5% de ataques rápidos (GS apresenta 3,9%).
2. Ambos os Grupos apontam para que as melhores condições de finalização sejam claramente as de igualdade numérica relativa (GS, 15,3 μ ; GJ, 13,3 μ), porque as condições de finalização em superioridade numérica relativa, criadas pela equipa são muito inferiores (GS, 9,9 μ ; GJ, 9,8 μ). Os jogadores do Grupo Sénior conseguem de uma forma geral converter estas situações em vantajosas, na relação numérica relativa, aquando da perda de posse da bola e apresentam, para este caso, diferenças

estatisticamente significativas no método de jogo em ataque posicional, em simetria.

3. Ambos os Grupos, nas situações de assimetria, apresentam no ataque posicional características idênticas no aumento/redução da relação numérica relativa, das condições de finalização para as de perda da posse de bola, não sendo muito claro o proveito do benefício no Grupo Juvenil. A solicitação do método de jogo em ataque posicional é dominante e destaca-se no Grupo Sénior o aumento das situações de superioridade numérica na perda da posse de bola, atingindo mais de metade dos ataques nestas condições, em ambas as situações de assimetria, enquanto que nas mesmas situações o Grupo Juvenil não obtém um terço, sendo este resultado obtido nas condições mais favoráveis.
4. Relativamente à solicitação das diferentes linhas dos sistema de jogo, não se verificam diferenças entre os dois Grupos. A preponderância da primeira linha do sistema de ataque no jogo é comum aos dois Grupos, sendo de salientar a particularidade de este aspecto se manter nas situações de inferioridade numérica absoluta, em que emergem especialistas de remate em inferioridade numérica relativa, no Grupo Sénior. Nestes casos temos diferenças estatisticamente significativas.
5. O Grupo Juvenil não tem capacidade ou necessidade de efectuar tantos passes de ataque como o Grupo Sénior, pese embora a maior preponderância de utilização da primeira linha do sistema de jogo, no Grupo Sénior, aponte para a situação inversa. A oposição, no Grupo Juvenil, deve ser menos significativa nos duelos, que no Grupo Sénior.

Palavras-chave: andebol; rendimento/formação; processo ofensivo; simetria/assimetria numérica

Summary

The purpose of this work is to analyse and compare the handball attacking process in Portuguese male teams of different levels of competition, considering the relation of co-operation/opposition at the ball area.

The sample is made up of two different groups: (i) the Senior Group consisting of the 4 best ranked teams of the 1st. Division of National Championship; (ii) the Young Group consisting of the 5 teams who contested the 1st National Division's Final Game.

We applied to the variance analysis (ANOVA) in order to compare the situations of numerical effectiveness we have considered in this study. The results we got allow us to point out the following conclusions:

1. Both Groups – Senior Group (SG) and Young Group (YG) – apply to game methods with a structure similar to the international models and according to identity models of the modality itself. The positional attack is the method most often used by the Young Group (85% of the attacks), almost with a colonizer nature compared to the Senior Group (76%) and to international models (60-80%). The Game methods used on the large space must be implemented by both Groups, specially by the Young Group where its absence is even worrying with 9,9% of counter-attack (SG – 19,9%) and 5,5% of fast attack (SG – 3,9%).
2. Both Groups show clearly that the best finishing conditions are those in relative numerical equality (SG – 15,3 μ ; YG – 13,3 μ) as the finishing conditions raised by the team in relative numerical superiority situation are much lower (SG – 9,9 μ ; YG – 9,8 μ). The Senior Group players usually turn these situations into advantageous situations of relative numerical relation when there is a loss of ball possession. In this case, they show significant differences using positional attack method when they are in symmetry situation.

3. In asymmetry situation, both Groups, using positional attack, show similar performance to increase/decrease the relative numerical relation of the finishing conditions to those of loss of ball possession. However, it is not very clear that Young Group profits from the benefice. The positional attack is the most used game method. In the Senior Group, the numerical superiority situations at the loss of the ball possession increase and reach more than half of the attacks under these conditions in both asymmetry situations. In the same situations, the Young Group doesn't even get the third part and this result is only got under the most advantageous conditions.
4. There are no differences between the two Groups concerning the importance of the different lines of the game systems. The preponderance of the game attack system's first line is the same in both Groups. This preponderance remains under absolute numerical inferiority situations where experts in shooting in relative numerical inferiority emerge at the Senior Group. In these cases we have differences statistically significant.
5. The Young Group has no ability or need of performing as many attack passings as the Senior Group although the preferential use of the game system's first line by the Senior Group leads to the inverse situation. In the Young Group, the opposition in the duels is not as significant as in the Senior Group.

Keywords: handball; performance/training; attacking process; numerical symmetry/asymmetry.

Résumé

L'object de cette étude c'est d'analyser et de comparer la configuration du processus offensif au jeu d'handball des équipes portugaises masculines, des différents niveaux de compétition, en considérant les rapports coopération/oposition relativement à la zone du ballon.

L' échantillon est constitué de deux groupes différents : (i) le Groupe Senior, composé des 4 équipes mieux classifiées au Championnat National de la 1^{ère} division ; (ii) le Group Juvénile composé par les cinq équipes qui ont disputé la finale du Championnat National de la 1^{ère} division.

Pour comparer les situations d'effectivité numérique, en étude, on a fait recours à l'analyse de la variation (ANOVA).

Les résultats obtenus permettent de faire ressortir les conclusions suivantes :

1. Les deux Groupes – Groupe Senior (GS) et Groupe Juvénile (GJ) – utilisent les méthodes de jeu d'accord les mêmes structures des modèles internationaux et d'après les modèles d'identité de la modalité elle-même. La méthode la plus utilisée est celle de l'attaque de position qui présente un caractère colonisateur au Groupe Juvénile (85% des attaques), par comparaison avec le Groupe Senior (76%) et les modèles internationaux (60-80%). Les méthodes du jeu au grand espace ont besoin de s'affirmer dans les deux Groupes, mais son absence devient préoccupante au Groupe Juvénile, avec 9,9% de contre-attaques (GS-19,9%) et 5,5% d'attaques rapides (GS – 3,9%).
2. Les deux Groupes indiquent nettement que les meilleures conditions de conclusion sont celles d'égalité numérique relative (GS – 15,3 μ ; GJ – 13,3 μ) parce que les conditions de conclusion, en supériorité numérique relative, créées par l'équipe, sont très inférieures (GS – 9,9 μ ; GJ – 9,8 μ). Les joueurs du Groupe Senior arrivent généralement à transformer ces situations en situations avantageuses, dans

ce qui concerne la relation numérique relative au moment de perte de possession du ballon. Ils présentent, par ce cas, des différences statistiquement expressives à la méthode d'attaque de position en situation de symétrie.

3. Les deux Groupes, aux situations d'assymétrie, présentent, à l'attaque de position, des caractéristiques pareilles, quand ils augmentent/reduisent la relation numérique relative, des conditions de conclusion pour celles de perte de possession du ballon, n'étant pas certain l'avantage pour la part du Groupe Juvénile. La méthode du jeu en attaque de position est prédominante et le Groupe Senior rend évident l'augmentation des situations en supériorité numérique, au moment de perte de la possession du ballon, dépassant la moitié les attaques dans ces conditions, à toutes les deux situations d'assymétrie. Le Groupe Juvénile n'obtient qu'un tiers ; et ce résultat-même n'est obtenu qu'aux conditions les plus avantageuses.
4. Il n'y a pas de différences entre les deux Groupes en ce qui concerne l'importance des différentes lignes du système de jeu. La prépondérance de la première ligne du système d'attaque au jeu est la même aux deux Groupes et cet aspect se maintient aux situations d'infériorité numérique absolue, où des spécialistes de tirs au but en infériorité numérique relative émergent au Groupe Senior. Dans ces cas, nous avons des différences statistiquement significatives.
5. Le Groupe Juvénile n'en est pas capable et il n'a pas besoin d'accomplir autant de passes d'attaque que le Groupe Senior, bien que la prédominance de l'utilisation de la première ligne du système de jeu au Groupe Senior indique la situation contraire. Au Groupe Juvénile, l'opposition aux duels n'est pas aussi expressive qu'au Groupe Senior.

Mots-clé : handball ; rendement/formation ; processus offensif ; symétrie/assymétrie numérique.

ÍNDICE de figuras e quadros

Fig. 1 - Passa-e-vai	28
Fig. 2 - Penetrações sucessivas	29
Fig. 3 - Cruzamento	29
Fig. 4. - Troca de posto específico	30
Fig. 5 – Bloqueio	31
Quadro 1 – Estudos no âmbito da análise do jogo no Andebol	15
Quadro 2 - Terminologia relativa aos meios táticos de acordo com os autores e países de origem.	32
Quadro 3 - Registo da fiabilidade das observações nas variáveis em análise	52
Quadro 4 - Resultados gerais relativos aos métodos de jogo, com número total de ataques, percentagem e média por jogo, relativamente aos dois grupos.	55
Quadro 5 - Valores da análise das condições de finalização que a equipa criou em ataque posicional, com média (μ), desvio-padrão (DP), amplitude, para cada um dos grupos, e os valores de F e p referentes à comparação dos grupos.	60
Quadro 6 - Valores da análise da perda posse de bola que a equipa criou em ataque posicional, com média (μ), desvio-padrão (DP), amplitude, para cada um dos grupos, e os valores de F e p referentes à comparação dos grupos.	60
Quadro 7 - Análise comparada das condições da perda de finalização e de perda posse de bola que a equipa criou e de que tirou proveito em ataque posicional, com os valores de F e p referentes à comparação.	61
Quadro 8 - Valores da análise das condições de finalização que a equipa criou em ataque rápido, com média (μ), desvio-padrão (DP), amplitude, para cada um dos grupos, e os valores de F e p referentes à comparação dos grupos.	62
Quadro 9 - Valores da análise da perda posse de bola que a equipa criou em ataque rápido, com média (μ), desvio-padrão (DP), amplitude, para cada um dos grupos, e os valores de F e p referentes à comparação dos grupos.	63
Quadro 10 - Análise comparada das condições de finalização e de perda posse de bola que a equipa criou e de que tirou proveito em ataque rápido, com os valores de F e p referentes à comparação.	63

Quadro 11 - Valores da análise das condições de finalização que a equipa criou em contra-ataque, com média (μ), desvio-padrão (DP), amplitude, para cada um dos grupos, e os valores de F e p referentes à comparação dos grupos.	65
Quadro 12 - Valores da análise da perda posse de bola que a equipa criou em contra-ataque, com média (μ), desvio-padrão (DP), amplitude, para cada um dos grupos, e os valores de F e p referentes à comparação dos grupos.	66
Quadro 13 - Análise comparada das condições de finalização e de perda posse de bola que a equipa criou e de que tirou proveito em contra-ataque, com os valores de F e p referentes à comparação.	66
Quadro 14 - Valores da análise das condições de finalização que a equipa criou em ataque posicional em assimetria absoluta, com média (μ), desvio-padrão (DP), amplitude, para cada um dos grupos, e os valores de F e p referentes à comparação dos grupos.	69
Quadro 15 - Valores da análise da perda posse de bola que a equipa criou em ataque posicional em assimetria absoluta, com média (μ), desvio-padrão (DP), amplitude, para cada um dos grupos, e os valores de F e p referentes à comparação dos grupos.	70
Quadro 16 - Análise comparada das condições de finalização e de perda posse de bola que a equipa criou e de que tirou proveito no método de jogo posicional em assimetria absoluta, com os valores de F e p referentes à comparação.	71
Quadro 17 - Valores da análise das condições de finalização que a equipa criou no método de jogo em contra-ataque, em assimetria absoluta, com média (μ), desvio-padrão (DP), amplitude, para cada um dos grupos, e os valores de F e p referentes à comparação dos grupos.	72
Quadro 18 - Valores da análise da perda posse de bola que a equipa criou no método de jogo em contra-ataque em assimetria absoluta, com média (μ), desvio-padrão (DP), amplitude, para cada um dos grupos, e os valores de F e p referentes à comparação dos grupos.	73
Quadro 19 - Análise comparada das condições de finalização e de perda posse de bola que a equipa criou e de que tirou proveito no método de jogo de contra-ataque em assimetria absoluta, com os valores de F e p referentes à comparação.	74
Quadro 20 - Valores da análise da solicitação da 1ª linha do sistema de jogo, com média (μ), desvio-padrão (DP), amplitude, para cada um dos grupos, e os valores de F e p referentes à comparação dos grupos.	75

Quadro 21 - Valores da análise da solicitação da 2ª linha do sistema de jogo, com média (μ), desvio-padrão (DP), amplitude, para cada um dos grupos, e os valores de F e p referentes à comparação dos grupos.	76
Quadro 22 - Valores da análise da solicitação das diferentes linhas do sistema de jogo, no Grupo Sênior, com média (μ), desvio-padrão (DP), amplitude, para cada um dos grupos, e os valores de F e p referentes à comparação dos grupos.	76
Quadro 23 - Valores da análise da solicitação das diferentes linhas do sistema de jogo, no Grupo Juvenil, com média (μ), desvio-padrão (DP), amplitude, para cada um dos grupos, e os valores de F e p referentes à comparação dos grupos.	77
Quadro 24 - Percentagens de utilização do número de passes de ataque relativos á perda de posse de bola em cada método de jogo	79

ÍNDICE

I. Introdução	1
1.1. Apresentação do problema	2
1.2. Objectivos	5
1.3. Hipóteses	5
1.4. Estrutura do trabalho	7
II. Revisão da literatura	8
2.1. A observação e análise nos JDC	9
2.2. O modelo praxiológico	10
2.2.1. O regulamento	11
2.2.2. O terreno de jogo	11
2.2.3. A técnica	12
2.2.4. A comunicação motriz	12
2.2.5. O tempo desportivo	13
2.2.6. A táctica/estratégia	13
2.3. A dimensão jogo	14
2.3.1. A análise do jogo no Andebol baseado no rendimento em competição	15
2.3.2. Métodos de jogo	16
2.3.3.1. O contra-ataque	18
2.3.3.2. O ataque rápido	19
2.3.3.3. Ataque posicional – sistemas de jogo	21
2.3.3.3.1. A criação da superioridade numérica relativa no ataque posicional	25
2.3.3.3.2. Meios tácticos básicos ou de grupo	26
2.3.3.3.2.1. Passa-e-vai	28
2.3.3.3.2.2. Penetrações sucessivas	28
2.3.3.3.2.3. O cruzamento	29
2.3.3.3.2.4. Troca de posto específico	30
2.3.3.3.2.5. Bloqueio	31
2.3.3.3.3. Situações tácticas prévias em assimetria ou meios elementares	33
2.3.3.3.4. A circulação da bola e a circulação de jogadores	37
2.3.3.3.5. A importância do passe no jogo	39
2.3.3.3.6. Configuração do jogo – características das situações de jogo	42
III. Material e métodos	45
3.1. Amostra	46
3.2. Material de apoio à realização do estudo	46
3.2.1. Recolha de imagens	46
3.2.2. Gravação dos jogos em vídeo	46
3.2.3. Redacção do estudo	46

3.3. Análise do jogo	47
3.4. Caracterização e explicitação das variáveis	48
3.5. Fiabilidade da observação	52
3.6. Procedimentos estatísticos	53
IV. Apresentação e discussão dos resultados	54
4.1. Os métodos de jogo	55
4.2. As condições de finalização e a perda de posse de bola nos diferentes métodos de jogo em simetria absoluta	59
4.2.1. Ataque posicional	60
4.2.2. Ataque rápido	62
4.2.3. Contra-ataque	65
4.3. As condições de finalização e a perda da posse de bola nas relações assimétricas absolutas nos diferentes métodos de jogo	67
4.3.1. Ataque posicional	69
4.3.2. Contra-ataque	72
4.4. A solicitação das diferentes linhas do sistema de jogo	74
4.4.1. A solicitação das diferentes linhas, nos dois Grupos, do sistema de jogo ofensivo no método de jogo em ataque posicional e ataque rápido	74
4.4.2. A solicitação das diferentes linhas, em cada Grupo do sistema de jogo ofensivo no método de jogo em ataque posicional e ataque rápido	76
4.5. Número de passes de ataque anterior à perda da posse de bola, em cada método de jogo	79
V. Conclusões	83
VI. Bibliografia	86
VII. Anexo	93

I. INTRODUÇÃO

1.1. Apresentação do problema

A designação Jogos Desportivos Colectivos (JDC), que engloba entre outras modalidades o Basquetebol, o Futebol e o Andebol, refere-se a uma forma de actividade social organizada que ocupa um lugar importante na cultura desportiva contemporânea (Garganta, 1994). Estas modalidades podem ser classificadas pelas suas características comuns, pela forma como se desenvolve a acção de jogo, durante a qual as equipas se enfrentam num duelo, o que as torna particulares dentro dos jogos desportivos e permite designá-los como jogos de cooperação/oposição (Moreno, 1994).

Considerando a oposição como característica marcante e o facto de o indivíduo que joga ter que responder em situações ricas em imprevistos, em que as condições se alteram permanentemente, podemos designá-los ainda como situacionais (Garganta, 1994 e Garganta citando Morino, 1985). Assim, não deixa de ser relevante o facto de o desempenho dos jogadores depender em larga medida dos aspectos relacionados com a tomada de informação (leitura de jogo) e das decisões (Tavares, 1994). Assim, os JDC configuram-se a partir da dimensão estratégico-táctica, em que esta dimensão assume um papel determinante, sendo mesmo a parte essencial do jogo (Petit, 1987), o elemento central dos desportos de oposição (Riera, 1995).

Deste modo os JDC caracterizam-se por um complexo de relações de oposição e cooperação cujas configurações decorrem dos objectivos dos jogadores das equipas em confronto e do conhecimento que estes possuem acerca de si próprios e do adversário (Garganta e al., 1996). Os jogadores devem coordenar as suas acções com a finalidade de recuperar, conservar e fazer progredir a bola, tendo como objectivo criar situações de finalização e marcar golo ou ponto (Garganta, 1994), ou seja, produzir acções com a finalidade de transformar, momentânea ou definitivamente, a relação de oposição de forma vantajosa (Tavares, F. 1994).

As finalidades divergentes das equipas que actuam em confronto, a oposição, e o dinamismo das acções consertadas dos jogadores da mesma equipa, a cooperação, conduzem a um conflito sistemático que não é mais do que um processo antagónico de objectivos, motivações e interesses, condicionados pelo regulamento existente.

É este regulamento que promove a diferença e garante as particularidades da identidade de cada modalidade, enquanto que a oposição e a cooperação se regem por regras e princípios que podem ser comuns às diferentes modalidades (Latiskevits, 1991). O mesmo autor refere ainda que para resolver as situações de oposição que vão surgindo permanentemente ao longo do jogo há a necessidade de exigir aos jogadores a utilização de processos racionais de forma a eleger e a operacionalizar as acções de jogo mais adequadas a cada fase e a cada momento. Relativamente ao ataque, a base do êxito deste passa por obter como consequência de colocação adequada, uma vantagem numérica numa determinada parte ou zona do campo (Czerwinski, 1993).

Esta vantagem numérica é habitualmente designada por superioridade numérica, a qual pode ser absoluta ou relativa, independentemente do facto de se verificar no ataque ou na defesa (Garganta, 1997).

A superioridade numérica absoluta verifica-se quando envolve questões regulamentares e superioridade numérica relativa quando, por questões decorrentes do próprio jogo, se cria essa vantagem numérica através duma gestão racional do tempo e espaço, nomeadamente nas acções que se desenvolvem no centro do jogo, ou seja, onde se encontra a bola (Czerwinski, 1993; Castelo, 1996). Para Teodurescu (1984), a manifestação dessa vantagem numérica, a qual inclui a vantagem posicional, verifica-se nas condições favoráveis para acções de finalização ou de manutenção da posse da bola.

O Andebol apresenta uma particularidade de identidade nas regras de jogo que é realçada no próprio jogo, pois pode prever-se situações de superioridade/inferioridade numérica garantidas à partida: (i) quando se trata de sanções que consideram a exclusão, desclassificação e expulsão (regra 16); ou (ii) particularidades regulamentares do próprio jogo, como o caso do número de jogadores exigidos para iniciar ou realizar o jogo (regra 4:1).

Esta particularidade de identidade é parte integrante do jogo por razões regulamentares e tem como consequência próxima e implícita a previsão e a certeza da ocorrência, pelo que também importam como objecto de estudo (Germanescu, s.d.; Landuré e Horvart, 1989; Paolini, 1990; Czervinsky, 1993; Constantini, 1997; Garcia, 1998; Barbosa, 1999; Silva, 2000; Ramalho, 2000;

Prudente, 2000), sendo no entanto a superioridade numérica relativa a que nos importa.

A origem do interesse pelas questões da superioridade numérica relativa, surgiu pelas seguintes razões: (i) enquanto praticante, pela capacidade de tirar proveito e, mais tarde, de a criar; (ii) como espectador, porque são estas situações que permitem acções autenticadas, o assomar de virtuosismo, cujo registo na memória perdurará como impar; (iii) na função de treinador exigindo a sua aplicação nas mais diversas formas de manifestação; (iv) como dirigente, pelas renovadas preocupações e reforço de análise, na solidão dos pares; e (v) como docente ao verificar que os diversos autores apresentam quase que exclusivamente, nas suas propostas de trabalho, finalização em superioridade numérica.

Considerando a elevação do fenómeno *jogo formal* a objecto de estudo, como uma prioridade e por ser um momento privilegiado da operacionalização do comportamento táctico (Garganta, 1994), nada melhor para o efeito que a observação e análise das competições, tarefa fundamental para o conhecimento dos complexos aspectos que condicionam o jogo (Sousa, 1994) e que permitem não só avaliar a realidade do próprio jogo mas também organizar e regular os processos de ensino, de treino e da própria competição (Fonseca, 1999).

O estudo de equipas de alto nível competitivo tem sido o alvo preferencial de investigadores, como é exemplo o caso de estudos desenvolvidos em Portugal (Espeçada & Cruz, 1984; Borges, 1996; Leitão, 1998; Barbosa, 1999; Fonseca, 1999; Mortágua, 1999; Silva, 1999; Sousa, 2000, Soares 2001). Devemos salientar neste âmbito, como excepção, os casos de Silva (1993) e Conceição (1998) que estudaram o jogo de jovens, no masculino e feminino, respectivamente.

No presente estudo pretendemos analisar o jogo das melhores equipas nacionais, de jovens (*juvenis*) e adultos (*seniores*), de forma a configurar a organização ofensiva pela superioridade numérica relativa, dos dois grupos. Importa-nos a análise das condições de finalização, condições essas criadas pela equipa ou pelo jogador, traduzida pela relação numérica de cooperação/oposição nas condições em que se verifica a perda da posse da bola.

1.2. Objectivos

O presente estudo tem como objectivo geral a análise da configuração do processo ofensivo, pela relação numérica de cooperação/oposição relativa à zona da bola, no jogo de andebol das melhores equipas portuguesas de distintos níveis competitivos (de jovens e de adultos).

Pretendemos atingir os seguintes objectivos específicos:

- 1) Descrever e comparar a incidência de utilização dos distintos métodos de jogo nos dois níveis competitivos.
- 2) Descrever e comparar a relação numérica de cooperação/oposição relativa à zona da bola nas condições de finalização e de perda da posse da bola, nos dois níveis competitivos.
- 3) Relacionar as situações de desigualdade absoluta, nos métodos de jogo, com as condições de finalização e perda de posse da bola, nos dois níveis competitivos.
- 4) Configurar o jogo dos dois níveis competitivos pela relação numérica relativa.

1.3. Hipóteses

De acordo com os objectivos formulados devemos poder verificar, como hipótese geral:

As configurações da relação numérica de jogadores no processo ofensivo no jogo de andebol, das melhores equipas portuguesas de jovens e de adultos, não permitem identificar a preocupação de criação de superioridade numérica relativa.

Devemos ainda poder verificar o seguinte corpo de hipóteses secundárias:

- 1) A relação numérica de cooperação/oposição relativa à zona da bola nas condições de finalização e de perda de posse da bola não apresenta diferenças significativas entre os dois grupos.
- 2) A superioridade numérica relativa não é predominante como condição de finalização e de perda de posse de bola.
- 3) O método de jogo de ataque posicional é colonizador para o jogo de jovens.
- 4) A incidência de solicitação, nas situações de desigualdade absoluta, dos diferentes métodos de jogo sofre alteração significativa nos dois grupos.
- 5) A primeira linha do sistema de jogo é mais importante no jogo adulto.
- 6) Os jovens necessitam de um maior número de passes de ataque para criarem condições de finalização.

1.4. Estrutura do trabalho

Adoptámos a seguinte estrutura de forma a cumprir os objectivos propostos para o presente estudo:

No capítulo da Introdução, além da apresentação do problema, que considera o âmbito e pertinência do estudo, são definidos os objectivos, formuladas as hipóteses de investigação e definida a estrutura do trabalho.

No Capítulo II é efectuada a revisão da literatura o mais exaustiva possível e de forma a contextualizar o problema. Será estruturada em três partes: (i) a caracterização dos modelos de observação e análise nos Jogos Desportivos Colectivos; (ii) dos quais destacamos as particularidades do modelo praxiológico; (iii) incidindo de forma particular sobre a observação e análise da dimensão jogo, no que se refere à criação da superioridade numérica relativa no ataque.

No Capítulo III é descrito o material utilizado e a metodologia do trabalho, desde a definição da amostra, à explicitação das variáveis e aspectos relativos à metodologia de observação.

No Capítulo IV são apresentados e discutidos os resultados obtidos neste estudo, as interpretações suscitadas e a sua análise comparada com a de outros estudos.

No Capítulo V são apresentadas as principais conclusões deste trabalho.

Nos Capítulos VI e VII são apresentados, respectivamente, a bibliografia e os anexos.

II. REVISÃO DA LITERATURA

2.1. A observação e análise nos JDC

Partindo da classificação de desportos de Parlebas (1986), autores como Moreno (1994, 1998, 2001), Alvaro (1995), Velázquez (2001) e Gimenez (2001) propõem classificá-los de acordo com a seguinte forma: (i) desportos psicomotores ou individuais; (ii) desportos de oposição; (iii) desportos de cooperação; e (iv) desportos de cooperação/oposição.

Com esta classificação, os referidos autores pretenderam aumentar o rigor da classificação dos desportos, sendo que no que se refere aos desportos de cooperação/oposição consideraram ainda a necessidade de efectuar três subdivisões: (i) desportos cuja acção se desenvolve num espaço separado com a participação sobre o móbil de forma alternativa (por exemplo Ténis em pares, Badminton em pares ou Voleibol); (ii) desportos em espaço comum e com participação alternada (por exemplo a Pelota Basca); e (iii) desportos em espaço comum e acção simultânea sobre o móbil (por exemplo Futebol, Rugby, Hóquei, Andebol e Basquetebol).

Caracterizam estes últimos por serem aqueles em que a equipa que detém a posse do móbil (a bola, a patela) procura conquistar o terreno de jogo ao adversário, de forma a que possam atingir mais vezes com o móbil o alvo (baliza, cesto, área do terreno de jogo) adversário. Por esta razão, da conquista do terreno do adversário, são também referenciados como desportos de invasão, pela invasão do terreno adversário.

Considerando a opinião de Garganta (1997) de que a coerência de observações, ideias ou metodologia não é dada, mas construída de acordo com processos e estratégias referenciados a modelos, em que o modelo utilizado para apreender a inteligibilidade dum fenómeno decorre, necessariamente, de um quadro conceptual e temporal em relação ao qual se referencia.

Alvaro e col. (1995) consideram que as correntes de análise da actividade humana desenvolvidas nas décadas de 70 e 80 marcaram um ponto de reflexão importante, especialmente no âmbito dos Desportos Colectivos como é o caso do trabalho de Mahlo, (O acto táctico, s/d). Consideram ainda que a partir daí foi possível verificar que essa altura a análise se tinha centrado muito na execução e que, neste caso dos desportos colectivos, tendo em conta o

elevado número de elementos em interacção constante, a tomada de decisão adquiria de facto uma acentuada importância, sem deixar de considerar que esta era precedida pela observação e pela análise da situação.

Para complementar a afirmação os autores referidos apresentaram o que consideram ser os diferentes modelos de análise dos desportos colectivos:

- Analítico – relacionado com o treino, e muito utilizado nas décadas de 70 e 80, este modelo foi muito importante, tendo como autores de referência Matveiev e Platonov.

- Estrutural – tem como autor de referência Bayer que considera que são denominadores comuns dessa constante a bola, o terreno de jogo, as balizas, as regras, os companheiros e os adversários.

- Funcional – também considerando os estudos desenvolvidos por Bayer, mas com continuidade em Blásquez, Moreno e Antón. Com este modelo são estabelecidas situações distintas que têm como ponto de partida o facto de a equipa estar de posse da bola (ataque) ou de ser a equipa adversária que a tem (defesa).

- Ergogénico – baseado nas necessidades biológicas, apresenta dois aspectos fundamentais: fontes energéticas e capacidade motora.

- Praxiológico – corrente criada a partir dos estudos de Parlebas, com o objectivo de estabelecer ou analisar a relação entre os parâmetros que compõem a estrutura dos desportos e que configuram a “lógica interna”.

2.2. O modelo praxiológico

Um dos âmbitos de estudo da praxiologia motriz, aplicada ao desporto, é actualmente e de acordo com Velázquez (2001), conhecer a lógica interna de um grupo de jogos desportivos ou de um desporto em particular, como se produz o desenvolvimento das acções de jogo, considerando a estrutura dos desportos e da praxis motriz.

Relativamente a este modelo praxiológico verificamos que, tal como Moreno (1994), Velázquez (2001) e Castelo (1996) consideram que a configuração estrutural é determinada por: (i) regulamento de jogo; (ii) o terreno de jogo; (iii) a técnica; (iv) o tempo; (v) a comunicação; e (vi) a táctica/estratégia.

2.2.1. O regulamento

No âmbito das questões regulamentares, Tavares (1994) refere que o jogador ao participar num jogo aceita o sistema de regras e submete-se à autoridade destas, estando a cumprir um “contrato de jogo”. As consequências verificam-se na relação do indivíduo com: (i) os outros jogadores; (ii) a bola; e (iii) o espaço de jogo. Assim o regulamento normaliza a conduta dos jogadores, determinando o seu grau de liberdade de acção e portanto os limites na sua conduta. Considera ainda que o facto de as regras não serem exaustivas e os comportamentos dos jogadores não serem prescritos formalmente, permite a treinadores e atletas explorar as insuficiências e as limitações próprias. Castelo (1996) considera a necessidade de regulação de desvios de comportamento, através de alterações das regras, por forma a manter a identidade e mesmo a espectacularidade do jogo, caso se verifique que os referidos desvios colidam com o designado “espírito de jogo”. Alerta ainda para o facto de não se poder ignorar que as alterações às regras vão produzir efeitos na própria estrutura de jogo.

2.2.2. O terreno de jogo

Relativamente ao espaço de jogo verificamos que qualquer prova desportiva evolui no interior de um campo fechado, sendo que para além deste espaço o jogo não tem sentido, o que exige que cada jogador tenha consciência da superfície onde vai desenvolver as suas acções, dos seus limites e da posição dos seus companheiros e adversários, conforme refere Castelo (1996 citando Parlebas, 1974 e Teissie, 1970).

O espaço de jogo e a relação da forma de ocupação desses espaços pelos jogadores é para Teodurescu (1984) e Gréhaine (1992) fundamental para a forma geral de organização das acções dos jogadores, que se traduz num dispositivo preciso na determinação das tarefas e princípios de colaboração entre eles, sendo esta estrutura fundamental da táctica colectiva designada por sistema de jogo. É neste quadro que adquirem particular importância e objectividade os comportamentos técnico-tácticos, os quais têm significado consoante os diferentes espaços de jogo.

Para Gréhaine (1992) o espaço no terreno de jogo é a primeira das preocupações para a análise do jogo, sendo que toda a dinâmica da execução técnico-táctica individual e colectiva está centrada e canalizada neste elemento estrutural.

2.2.3. A técnica

Os aspectos técnicos são como que o produto da evolução de cada jogo desportivo colectivo, constituindo-se como o seu próprio património (Bayer, 1983).

Devemos no entanto ter presente que hoje nos JDC as acções individuais, desenvolvidas sob a égide de um comportamento diferenciado, têm uma estrutura específica denominada de pensamento táctico (Teodorescu, 1984). Assim, no âmbito dos desportos colectivos, a análise da acção técnica, ou modelos de execução, de forma integrada e em função da situação estratégica, leva-nos a afirmar que a interpretação dessa mesma técnica deve considerar como referência o papel estratégico motriz assumido por cada jogador em cada momento e não como acção técnica isolada e à margem da situação concreta de jogo (Velázquez, 2000; Moreno, 2001).

2.2.4. A comunicação motriz

O recurso ao gesto como meio fundamental e autónomo de comunicação apresenta um papel importante nos jogos desportivos, verificando-se que os jogadores principiantes falam bastante entre eles, durante o jogo, mais do que os jogadores de alto nível. Ao referir-se a esta constatação Castelo (1996 citando Irlinger, 1973) procura demonstrar que comunicamos com o mesmo êxito através de frases como através da posição do corpo e o ritmo dos nossos movimentos no espaço. A acção de um jogador é portadora de um sentido e de um significado que para quem a realiza, “escreve o jogo”, enquanto que para os outros jogadores (companheiros e adversários) tem sentido e significado de acordo com a capacidade de “ler o jogo” (Castelo, 1996; Senlanne, 1996). Assim, caracterizam o jogo através das formas de interacção no seio de redes de comunicação (cooperação) e de contra-comunicação (oposição), que se

traduzem na aplicação de acções técnico-tácticas individuais e colectivas, organizadas e ordenadas num sistema de relações e inter-relações coerentes e consequentes, de ataque e defesa, tendo em vista o desequilíbrio do sistema opositor, na procura de uma meta comum.

No entender de Castelo (1996) a multiplicidade de sentidos da comunicação motriz é a fonte de ambiguidade do acto estratégico, já que para um mesmo significado, o jogador dispõe de todo um inventário de significados que se opõem.

2.2.5. O tempo desportivo

Temos por um lado o tempo que é configurado pelas regras de jogo como é o caso da duração do jogo ou de determinadas acções como o “time-out” e, por outro, as acções técnicas que se desenvolvem numa estrutura temporal (Castelo, 1996; Velázquez 2001). Consideram os autores referidos que as acções técnicas decorrem tendo em conta as adaptações de espaço (repartição por zonas) e do tempo (momentos favoráveis) das estruturas da equipa, relativamente às do adversário, à orientação das suas linhas de força em função da bola e da baliza.

Podemos concluir que a situação mais favorável para a equipa atacante é quando a bola e um dos seus jogadores chegam simultaneamente a um espaço livre numa zona idónea, porque se esse espaço estiver ocupado por um jogador que se tenha antecipado à chegada da bola, provavelmente terá havido uma resposta dos defensores anulando a vantagem antes do atacante receber a bola, e assim anulando todas as vantagens que advêm da criação e exploração dos espaços de jogo, conforme refere Castelo (citando Cunha, 1987).

2.2.6. A táctica/estratégia

A táctica como utilização concreta dos meios de acção e a estratégia como arte de estabelecer as tácticas para o objectivo estabelecido são a concepção (estratégia) e a execução (táctica), em relação à quais temos que considerar duas vertentes: a individual e a colectiva (Castelo, 1996).

Na sua vertente individual verificamos que predominam as condutas de decisão sobre a execução, isto é, os jogadores, na resolução dos problemas do jogo, passam sucessivamente por três fases fundamentais em estreita correlação conforme define Mahlo (s/d): (i) a percepção e análise da situação de jogo; (ii) a solução mental da situação de jogo; (iii) a solução motora da situação de jogo.

Na sua vertente colectiva, e atendendo à invariante número (de jogadores), a superioridade numérica (ultrapassagem) é um factor que se realiza através de combinações tácticas que a possuem como objectivo imediato, pelo que se procuram condições favoráveis para as acções de finalização ou de manutenção de posse da bola (Teodurescu, 1984).

2.3. A dimensão jogo

A análise dos desportos pode ser baseada no rendimento em competição, sendo que a observação da competição de grande importância mostra formas de manifestação no jogo que não podem ser justificadas pela intervenção exclusiva das variáveis que definem a dimensão jogo, mas parecem dependentes de outras variáveis que não são consideradas na dinâmica ataque-defesa (Alvaro e col., 1995). Estas variáveis afectam tanto os comportamentos colectivos como as condutas individuais, bem como a eficácia das mesmas. Assim, para os autores referidos, deve-se considerar que as actividades próprias do jogo desenvolvem-se em dois níveis distintos, (i) colectivo (situações de jogo) e (ii) individual (condutas), dependendo este último do primeiro.

É a partir desta diferenciação de níveis que definem as variáveis que configuram as situações de jogo: (i) sistema de jogo da equipa; (ii) intenções tácticas colectivas; (iii) espaço em que actuam; e (iv) posse ou não de bola. O mesmo se passa em relação às variáveis que configuram as condutas: (i) situação de jogo; (ii) posse da bola (jogador de posse da bola; companheiro de posse da bola; jogador cujo adversário directo tem a posse da bola; companheiro do oponente que tem a posse da bola); (iii) intenção táctica individual; (iv) características individuais; e (v) grau de fadiga.

2.3.1. A análise do jogo no Andebol baseado no rendimento em competição.

Como resultado da pesquisa efectuada no âmbito da revisão da literatura verificamos que há um conjunto de trabalhos que devem ser considerados no âmbito da análise do jogo de Andebol e baseados no rendimento em competição.

Constatamos que no que se refere à análise da competição temos que os jogos internacionais (Jogos Olímpicos; Campeonatos do Mundo; Campeonatos da Europa) constituem a quase totalidade das amostras. Essa preocupação mantém-se em relação à análise do jogo, embora haja neste âmbito de análise maior incidência sobre as provas nacionais, em absoluto ou em comparação com as provas internacionais. De sublinhar a particularidade de existirem, aliás como já foi referido, apenas dois trabalhos cuja população alvo, masculina e feminina, são escalões jovens nacionais.

Quadro 1– Estudos no âmbito da análise do jogo no Andebol

Análise da competição:	Espeçada e Cruz (1984) ; Landuré et. Al. (1989); Mráz (1991) Krumbholz (1993); Bayer (1994); Costa (1994); Czerwinski (1994); Krumbholz (1994); Spate (1994); Czerwinski (1995); Costantini (1995); Ehrt et al. (1995); Krumbholz (1995);Taborsky (1995); Bana (1996); Czerwinski & Taborsky (1996); Conceição (1996); Krumbholz (1996); Landuré & Curelli (1996); Marinho (1996); Andrés (1997); Blaise et al. (1997); Czerwinski (1997); Germain (1997); Santos (1997); Nouet (1997); Brugnot (1998); Czerwinski (1998); Klein (1998); Malfondet & Faure (1998); Krumbholz (1998); Seco (1998); Silva (1998); Legall (1999); Magalhães (1999); Seco (1999); Costantini (1999); Germain & Soubrane (1999); Cannayer & Verdon (2000); Czerwinski (2000); Penati et al. (2000); Silva (2000);
Análise do jogo:	Spate (1991); Spate (1992); Ferreira (1993); Silva (1993); Martin (1996); Spate (1996); Conceição (1998); Krumbholz (1998); Leitão (1998); Barbosa (1999); Fonseca (1999); Mortágua (1999); Ramalho (2000); Cunha (2000); Soares (2001):
Situações de jogo	
Condutas	Sousa (1994); Curreli & Krumbholz (1994); Leite (1995); Mortágua (1995); Oliveira (1996); Teixeira (1998); Santos (1999).

2.3.2. Métodos de jogo

Conforme refere Fonseca (1999), os diferentes autores da literatura específica do Andebol, procuram dividir e diferenciar os métodos de jogo ofensivo, que designam de fases, em formas de divisão e de classificação, que numa análise comparada, manifesta uma grande confusão conceptual e de terminologia.

Teodorescu (1984) também refere, talvez de forma mais consistente, as fases do jogo. Considera, neste caso para o ataque, a passagem para o terreno de ataque como sendo imediatamente após a entrada na posse da bola (primeira fase). Nesta segunda fase e se a entrada na posse da bola se deu na zona defensiva próxima da própria baliza, considera que a passagem para o terreno de ataque se pode verificar de forma (i) rápida, com contra-ataque ou ataque rápido ou (ii) lenta, com ataque posicional, indo determinar as condições de finalização. Considera esta situação (fase) anterior à ocupação de dispositivo de ataque que visa a passagem à zona de ataque e que consta da circulação e colocação dos atacantes no dispositivo de ataque, de acordo com o sistema adoptado. Temos que neste caso são distintos os conceitos das subdivisões efectuadas relativamente à análise do desenrolar do processo de ataque, desde o início até à consumação.

As fases do processo ofensivo, que consideram a construção do processo ofensivo, a criação de situações de finalização e a finalização (Castelo, 1994), traduzem um processo enquanto que o conceito tradicional de fases utilizado no Andebol refere-se mais a formas de organização. Os conceitos apresentados por Germanescu (s/d) foram de alguma forma colonizadores, ao tempo e pela qualidade do seu trabalho, tendo este apresentado quatro fases para o ataque: (i) o contra-ataque; (ii) o contra-ataque apoiado; (iii) a organização; e (iv) a finalização em sistema de jogo específico. Assim, os diferentes autores (Mraz, 1989; Bayer, 1990; Sánchez, 1991; Spate, 1992; Czrewinski, 1993; Silva, 1993; Trosse, 1993; Lasierra, Ponz e Andrés, 1993; Ribeiro, 1994; Krumbholz, 1996; Germain, 1997; Leitão, 1998; Conceição, 1998), com mais ou menos divisões e/ou sub-divisões, apresentam propostas idênticas na sua essência.

Diferenciemos as formas de organização das acções dos jogadores do processo. Para isso devemos considerar relativamente à forma como a equipa se organiza para concretizar os objectivos do ataque, que esta obedece a princípios que visam a racionalização do processo ofensivo para assegurar a progressão/finalização e a manutenção da posse da bola, com formas gerais de organização das acções dos jogadores no ataque, as quais se devem designar por método de jogo (Castelo, 1994).

Esta forma geral de organização das acções dos jogadores no ataque, método de jogo, manifesta-se dentro do sistema de jogo previamente definido pela equipa. Este dispositivo táctico, ou sistema de jogo, preciso na determinação das tarefas e princípios de colaboração entre eles, representa o modo de colocação de base dos jogadores no terreno de jogo, sendo uma estrutura fundamental da táctica colectiva (Teodorescu, 1984; Castelo, 1994).

Com a definição de métodos de jogo passamos a adoptar o conceito de *grande espaço* (Lannuzel, 1998; Benkreira, 2000) para o jogo na totalidade do terreno de jogo disponível e de jogo de *espaço reduzido*, no jogo em zona próxima da baliza, ou seja, próximo ao limite da área de baliza, conforme refere Czerwinski (1991) e onde se verifica a maior densidade de jogo, conforme destaca Silva (1993, citando Czerwinski, 1991) . Assim temos: (i) contra-ataque, ou jogo no grande espaço; (ii) o ataque rápido, ou jogo no grande espaço e de espaço reduzido; e (iii) o ataque posicional, ou jogo do espaço reduzido.

É neste quadro que a conduta dos jogadores de Andebol, nesta última década, se tem apresentado muito mais rica, de forma global e com maior intencionalidade em todas as suas acções. Esta melhoria é extensiva a todos os elementos que configuram o jogo. Assim é visível uma tendência nítida no sentido de explorar uma maior variedade de soluções táctico-estratégicas, suportadas num maior dinamismo e velocidade no jogo.

Actualmente o jogo da defesa em profundidade exige uma grande capacidade de manobra, cooperação nas acções de todos os defensores e capacidade de análise de cada situação de jogo. Qualquer atitude passiva, esperando pela iniciativa do atacante, traduz-se numa falta de acção defensiva e consequente insucesso. A actividade e pressão defensiva traduzem também outras preocupações, como procurar desenvolver acções individuais de luta,

em que se procura evitar o ataque da baliza e dificultar a organização das acções de ataque (Garcia, 1998).

2.3.3.1. O Contra-ataque

A preocupação de recuperar a posse da bola na defesa antecipatória, que caracteriza os modelos defensivos modernos (Fonseca, 1999), aponta no sentido da possibilidade real de se efectuar com maior frequência o contra-ataque.

Sendo o contra-ataque a forma mais simples de obter um golo (Czerwinski, 1994) é lícito questionar que se uma equipa tem uma grande eficácia de passe, nomeadamente uma equipa de nível internacional, para realizar dois ou três passes do guarda-redes ao jogador que finaliza, há necessidade de preparar um sistema mais estruturado (Salas, 2001).

De acordo com Czerwinski (1995), pela análise deste método de jogo é possível verificar que o número das acções rápidas no Andebol ainda é muito baixo. Suportado na análise de provas internacionais de meados da década de 90, refere o autor que em relação ao contra-ataque os jogadores quando se apoderam da bola, em condições de utilizar este método de jogo, preocupam-se em passar a bola a um colega recuado, apesar de se deslocarem rapidamente para o terreno de ataque. Nessa zona do campo ocupam uma posição no terreno, que aparentemente terá sido definida previamente, ao mesmo tempo que não abdicam da expectativa de eventualmente receberem um passe de um dos seus colegas, sendo este um comportamento que caracterizou a equipa da Polónia dos princípios da década de 70.

A aposta sistemática no contra-ataque promove um jogo mais rápido e espectacular, facto extremamente importante para a conquista de público para a modalidade (Ehert, 1995; Kovacs, 1998; Silva, 1999).

No que se refere à importância deste método de jogo no Andebol, no nível nacional, o estudo realizado por Espeçada e Cruz (1984), apresentou um índice de solicitação de 16,3%. O estudo realizado com base na estatística de um Campeonato Mundial (1990), permitiu a Sánchez (1991) apresentar registos de 13% para a média das equipas e de 14% para o caso particular da equipa nacional espanhola.

Relativamente ao nível internacional temos que no Campeonato Mundial de 1984, e analisando situações de exclusão ou de assimetria absoluta, Garcia (1994) verificou que as equipas nessas condições utilizam esse método de contra-ataque, cerca de 20% num registo de 49 situações, para as equipas em inferioridade numérica absoluta e valores idênticos para as que encontravam em superioridade. No estudo desenvolvido por Barbosa (1999), com equipas de nível internacional este concluiu que o contra-ataque surge como o segundo método de jogo mais utilizado, discriminando os valores de utilização de 15% em situações de superioridade numérica absoluta, 19% na igualdade numérica absoluta e 18% na situação de inferioridade numérica absoluta.

Estes valores têm correspondência no estudo que Czervinsky (1991) apresenta, na análise do campeonato mundial feminino de 1993, em que encontra valores de 20% das acções de ataque.

Este tipo de estudos, da utilização deste método de jogo ofensivo e no particular do andebol feminino, mereceram a atenção de Fonseca (1999) que efectuou uma síntese de dados e apresentou dois grupos: (i) o das competições internacionais (5 competições) onde se registavam valores percentuais que oscilavam entre 15% e 20%; (ii) o das competições nacionais (2 competições) em que os valores variavam com o nível da competição, mas em que o nível mais elevado da competição nacional apresentava 33% e o mais baixo 18%. No seu estudo comparado, o autor citado obtém valores de 17% (para o grupo de nível internacional) e de 15% (para o grupo de nível nacional).

Com estes valores podemos apresentar a possibilidade de os valores em causa oscilarem com o nível competitivo, sendo que os padrões de configuração estão definidos para o nível internacional e nacional, e são idênticos no masculino e no feminino.

2.3.3.2. O ataque rápido

Quando se esgotam as hipóteses de obtenção de golo em superioridade numérica, as equipas de elite não se organizam necessariamente em ataque posicional. Elas mantêm uma elevada agressividade ofensiva, continuando a exercer pressão sobre o adversário que se acabou de organizar,

defensivamente, no seu dispositivo defensivo, procurando criar rapidamente situações de finalização (Fonseca, 1999).

O ataque rápido é um híbrido de dois métodos de jogo: (i) um que explora o jogo de grande espaço, o contra-ataque e (ii) outro que se desenvolve de uma forma mais segura, mais lento e mais elaborado no espaço reduzido, o ataque posicional. Assim uma equipa que ao procurar promover o contra-ataque não obtenha êxito encadeia essa acção com o ataque posicional propriamente dito, sendo que este encadeamento pressupõe, ou não, um momento de mudança de ritmo (Sánchez, 1991).

Podemos também considerar que a quase ausência do ataque rápido detectada por Czervinsky (1991) tem vindo a ser contrariada pela importância crescente que o contra-ataque tem vindo a assumir no jogo (Krumbholz, 1996). As dificuldades com conceitos e terminologia relativamente às fases do jogo de Andebol têm consequências directas nos modelos de análise pelo que por vezes é difícil interpretar alguns dos resultados apresentados em que a separação do contra-ataque e do ataque rápido não se verifica. As afirmações de Krumbholz (1996) referem-se às consequências da crescente exploração do jogo no grande espaço mas padecem do facto de considerar o ataque rápido como uma fase do jogo, como fase intermédia entre o contra-ataque e o jogo em ataque posicional.

Podemos referir como particularidades deste método: (i) é pouco utilizado; (ii) é preferível quando não há a pressão estratégica das assimetrias numéricas absolutas; e (iii) é necessário um grande domínio das diferentes vertentes do jogo para o operacionalizar. Em relação a este último aspecto devemos realçar a importância do domínio do tempo, de decisão e de acção, e do espaço de jogo, de relação e de percurso.

O desenvolvimento e operacionalização do conceito de ataque rápido está associado ao sucesso da equipa nacional sueca na última década, em que, como Spate (1991) destaca, venceu a final do Campeonato do Mundo (Praga, 1990) contra a URSS, tendo concretizado um terço dos golos em contra-ataque (e ataque rápido). A elevada maturidade, sublinhada pela idade avançada, dos jogadores, permitiu explorar com grande sucesso este método, rigidamente operacionalizado. Se a surpresa da interpretação táctica deste método no jogo

teve alguma influência no resultado, a competência da estratégia consolidou este método.

Convém referir que no trabalho de Spate (1991) este apresenta o processo de jogo ofensivo dividido em duas fases (contra-ataque e jogo de posição), apresentando, para o que designa de contra-ataque de três ondas: (i) primeira vaga, com passe longo para a zona próxima da baliza adversária, podendo a equipa predispor dois a três jogadores para efectuar a recepção da bola e eventualmente cooperarem no objectivo de atingir a finalização; (ii) segunda vaga (ou contra-ataque apoiado), com passe para jogadores na zona de meio-campo, os quais procuram criar situações de superioridade numérica relativa ou assistir, com passe, a desmarcação de algum dos jogadores na zona mais próxima da baliza e que integraram a primeira vaga; (iii) terceira vaga, procura explorar as dificuldades da defesa, desde a recuperação até à organização do dispositivo defensivo, momentos críticos da defesa. Esta forma de analisar o processo ofensivo é idêntica à de Germanescu (s/d), actualizada pelo reconhecimento do ataque rápido e a síntese das duas fases de ataque posicional no que Spate (1991) designa de jogo de posição.

No entanto e de acordo com Barbosa (1999) existe uma preocupação dominante de elaboração da construção, na fase de construção, do processo ofensivo, pelo que o jogo é configurado pela passagem lenta da zona de recuperação da bola para as zonas predominantes de finalização.

2.3.3.3. Ataque posicional – sistemas de jogo

O ataque posicional abarca desde diferentes formações ou sistemas de ataque, nos diferentes métodos de jogo, a comportamentos adequados aos casos de assimetria numérica ou de livres, até ao desenvolvimento de diferentes acções dentro dos sistemas e fases de ataque (Garcia 1998), bem como o respeito por determinados princípios das formas técnica e táctica do jogador, individualmente ou na cooperação entre vários jogadores (Trosse, 1993).

Os valores encontrados na literatura relativamente ao método de jogo ofensivo posicional oscilam entre os 60% (Czerwinski, 1994; 1995; Fonseca,

1999) e os 80% (Conceição, 1996, Germain, 1997, Fonseca, 1999) do número total de ataques.

Ao privilegiar o ataque posicional as equipas parecem optar pelos aspectos relacionados com a segurança, nas acções individuais e colectivas a realizar nas situações de finalização, de forma a permitirem aumentar a eficácia de concretização, facto que se tem verificado de forma mais acentuada nas competições internacionais mais recentes (Seco, 1998).

As novas concepções modificaram o rígido jogo de ataque posicional, de jogadas com as trajectórias de passes e os percursos dos jogadores estabelecidos, e a finalização programada, o que evidencia uma variação do comportamento dos jogadores, pelo que se procura hoje o jogador com jogo inteligente, capaz de jogar em várias posições, existe mesmo uma exigência quase inamovível que determina que os jogadores têm que ser “mais flexíveis entre as posições”, por exemplo, o extremo esquerdo também deveria poder jogar como lateral esquerdo e o extremo direito como lateral direito e o central como pivot (Trosse, 1993). Esta estratégia de jogo necessita de uma utilização momentânea dos jogadores em postos específicos distintos do que habitualmente ocupam, sendo essa capacidade hoje uma competência (Roman, 1998).

Digamos que esta competência, de mobilidade ou versatilidade, não se deve verificar apenas nos percursos como também, e fundamentalmente, nas mudanças de funções ou papéis, sendo estas características realçadas pelos jogadores experientes e pelos mais inteligentes. Estes distinguem-se principalmente pelo apuro das capacidades de antecipação: (i) da evolução da relação de oposição; (ii) das escolhas tácticas mais adaptadas; (iii) e da execução das operações correspondentes que lhe permitam desencadeá-las em tempo útil (Tavares, F., 1996, citando Bouthier, 1988).

Pelo que foi referido é possível compreender facilmente porque é que o ataque posicional apresenta, de forma cada vez mais frequente, o sistema de jogo 3:3, como base para passagem a 2:4 (Bana, 1996; Landuré & Curelli, 1996; Silva 1999). Ao avaliar o jogo do ponto de vista do número de elementos tácticos fundamentais nas fases ofensiva e defensiva Czervinsky (1991) verificou no ataque posicional, a elevada frequência de entradas de pontas ou

do central para segundo pivot, com o objectivo comum de jogar com dois pivots.

Os sistemas de ataque mais utilizados, e quase que exclusivamente referenciados, são o 3:3 e o 2:4. Por vezes nem surgem referências directas aos sistemas de ataque (Germanescu, s/d; Notebom, 1995; Costantini 1995), sendo que é de uma forma geral considerado que o ataque se desenvolve a partir de um sistema 3:3, e em algumas situações e no decorrer das acções de ataque anterior à finalização, com a circulação da bola e de jogadores passa a 2:4.

No entanto Czerwinsky (1993) apresenta os sistemas ofensivo em três linhas, com outras particularidades: 2:1:3; 2:2:2; e 1:2:3. Refere ainda outros sistemas que considera apenas como variantes teóricas, como por exemplo 2:0:4 ou 0:2:4.

Devemos reforçar a ideia que a referência aos sistemas 3:3 e 2:4 são quase que universais, mas o conceito de funcionalidade tradicional que encerram já não condiz com a funcionalidade observada ou desejada. A proposta de Czerwinsky (1993) que referimos não é mais do que reflexo dessa preocupação sendo que: (i) os sistemas 2:1:3 e 1:2:3 podem traduzir uma diferenciação, que consideramos hoje necessária, do jogador central na 1ª linha, sendo que este pode jogar “à frente” ou “atrás” dos laterais, com funções distintas, mantendo-se clara a correspondência ao sistema clássico 3:3; (ii) o sistema 2:2:2 deve realçar a importância da amplitude dos pontas (ou extremos) num sistema que utiliza apenas dois 1ª linhas; (iii) as propostas 2:0:4 e 0:2:4, embora o autor afirme serem modelos teóricos, encerram um conceito de profundidade distinto, por três linhas de ataque, embora o sistema clássico correspondente seja o mesmo, o 2:4; (iv) em termos de propostas teóricas, pelo que temos observado em jogos e sem paralelo na análise, podemos adiantar que deverá ter validade a um sistema 3:2:1, em que a utilização de dois pivots e um ponta seja definida, o que não tem equivalência em nenhum dos sistemas clássicos.

Entendemos que, apesar da preocupação de rigor, apenas se devem considerar dois sistemas de jogo: 3:3 e 2:4, sendo dominante o primeiro, dado que normalmente o segundo surge da circulação dos jogadores. A validade dos restantes sistemas de jogo apresentados passaria por definição mais explícita

que os permitissem diferenciar claramente, o que não encontramos referenciado, para nenhum dos casos. Assim, sem equívocos com as consequências de orientações estratégicas ou de consequência de condutas, não devemos considerar ainda as propostas complementares, por questões de rigor, pese embora o seu aparecimento traduza uma preocupação de aumento de rigor.

O método de jogo em ataque posicional tem sido o que tem merecido mais atenção, pela sua importância determinante, já que os outros métodos podem ou não ser utilizados, mas este tem necessariamente de o ser. Não podemos omitir que o jogo posicional é também a identidade do próprio jogo, em ataque posicional, o qual pode e deve ser desenvolvido no sentido de tornar o Andebol ainda mais atraente.

Os conceitos de jogo colectivo são fundamentais para o desenvolvimento do método de jogo ofensivo e, em particular, para o ataque posicional, sendo certo que é neles que o andebol tem suportado o seu desenvolvimento embora também haja outros meios, que os complementam e que também são determinantes. Esses meios que não envolvem a totalidade da equipa são habitualmente designados de meios tácticos (Trosse, 1993; Czerwinski, 1994; Fonseca 1999).

Passamos a classificar hierarquicamente os meios tácticos de acordo com os seguintes grupos (Garcia, 1998):

Situações tácticas prévias em assimetria ou meios elementares – que são situações de superioridade numérica absoluta, situações simplificadas, nas quais se deve evidenciar a colaboração entre pelo menos dois companheiros. Devemos ter presente que um jogador deve conhecer estas situações de base, simplificadas mas com a superioridade numérica absoluta garantida à partida, por forma a poder compreender a necessidade de criá-las e de ser capaz de identificar e tirar proveito delas, quando o jogo se desenvolve em igualdade.

Meios tácticos simples – são estruturas de colaboração de base que se desenvolvem no jogo qualquer que seja o nível ou categoria da equipa, e a que não é alheia a sua importância na aprendizagem,

assim como a sua simplicidade, como é o caso da circulação da bola e dos jogadores.

Meios tácticos básicos – são estruturas básicas de colaboração funcional entre dois jogadores, no mínimo, realizadas com oposição, em igualdade. A maior parte destes meios procura obter situações de superioridade numérica, ainda que alguns aceitem a situação de igualdade para desenvolver com eficácia, que permitam obter uma progressão até uma distância eficaz de remate de um jogador, de forma a obter êxito. Respondem aos modelos operativos de resolução mais frequentes no jogo. Estes métodos são: passa e vai; a penetração sucessiva; o cruzamento; a troca de posto específico; o bloqueio (o écran e a cortina).

Meios tácticos complexos – são o nível máximo e abrangem todos os meios tácticos já referidos, com a implicação de um maior número de jogadores, sendo a qualidade de execução e a capacidade de os encadear determinantes para a sua classificação a este nível.

O factor comum dos meios tácticos, a preocupação da criação de superioridade numérica, é de tal importância, na construção e desenvolvimento do jogo, que a podemos considerar como uma intenção do ataque (Bayer, 1983).

2.3.3.3.1. A criação da superioridade numérica relativa no ataque

A construção de situações de superioridade numérica relativa no jogo ofensivo, no Andebol, é a preocupação dominante para vários autores de acordo com a qual os jogadores desenvolvem as suas acções ofensivas, procurando criar situações privilegiadas de finalização (Germanescu,s/d; Bayer, 1983, 1990; Sánchez,1991; Czerwinski,1993; Silva, 1993; Trosse, 1993; Lassierra, 1993; Krumbholz; 1995; Germain, 1997; Barbosa, 1999; Soares, 2001).

Para Czerwinski (1993), no ataque posicional deve aplicar-se como norma básica, para os jogadores da primeira linha do ataque, realizar um ataque

perpendicular e estruturado, em que cada acção de ataque individual comprometa dois defesas, criando dificuldades de mobilidade à defesa, sobretudo no par de defesas que actuam juntos. Assim, quando se utilizam dois defensores contra um atacante, surge a possibilidade de o ataque solucionar a situação apoiando-se, com o que o autor designa de uma sequência seleccionada do jogo, ou seja, com meios tácticos.

É este trabalho colectivo, no que se pode considerar uma perspectiva de *jogo continuado*, que é uma das características do jogo actual no ataque, associada ao jogo individualizado dos anos 80 (Silva, 93), ou seja, valorizada pela competência individual. É assim que o desenvolvimento da acção individual, a suportar o recurso a meios tácticos de grupo ou à conjugação dos referidos meios, pode aumentar exponencialmente as soluções que os sistemas de jogo suportam. Estas acções de jogo devem sempre respeitar regras gerais, ou de base, para o desenvolvimento do processo ofensivo (ou defensivo), segundo as quais os jogadores dirigem e coordenam a sua actividade. Estas regras gerais, ou de base, habitualmente designadas por princípios (Queiroz, 1983; Teodorescu, 1984), devem ser consideradas como princípios fundamentais (Ferreira e Queirós, 1982 e Queiroz 1983):

- 1º Recusar a inferioridade numérica relativa
- 2º Evitar a igualdade numérica relativa
- 3º Criar a superioridade numérica relativa

2.3.3.3.2. Meios tácticos básicos ou de grupo.

A utilização de meios tácticos de grupo revela-se como o complemento dos sistemas de jogo, permitindo alguma criatividade a partir de combinações simples de dois ou três jogadores (Trosse, 1993; Czerwinski, 1994; Fonseca 1999). Estes meios tácticos de grupo representam os conteúdos tácticos de colaboração que se produzem no jogo e suportam, no mínimo, a coordenação recíproca entre as acções individuais dos jogadores, constituindo a base da formação e do desenvolvimento colectivo de uma equipa bem como de outros aspectos tácticos mais complexos (procedimentos, sistemas de jogo, sequência

entre fases de jogo, etc.), sendo que a sua correcta utilização é o que dá fluidez ao jogo de ataque.

Suportam-se na acção individual, pelo que cada jogador deve procurar situações de êxito, prevendo a finalização em qualquer momento da sua intervenção (Bárcenas, 1981). Quer isto dizer que são resolvidos através da técnica, pelo que os elementos fundamentais da táctica não são outra coisa que a conjugação da técnica com o modo racional como esta é utilizada (Garcia, 1998).

As intenções que se produzem no desenvolvimento dos distintos meios tácticos baseiam-se, com já dissemos, nos mesmos princípios gerais do jogo de ataque. No entanto, cada meio rege-se pelos seus próprios princípios específicos, persegue objectivos nem sempre coincidentes com outros meios, utiliza elementos técnicos próprios que são característicos e, definitivamente, todos se manifestam de diversas formas (Trosse, 1993).

Estas diferenças dão lugar aos distintos meios tácticos de grupo que uma equipa dispõe para levar a cabo os seus objectivos no jogo. De acordo com Teodorescu (1984), as combinações tácticas elementares, que representam a coordenação de acções individuais de dois ou mais companheiros numa fase de jogo, têm como objectivo realizar uma missão parcial de jogo no ataque ou na defesa, próprias de qualquer sistema de jogo. O objectivo de quase todos os meios tácticos consiste em criar superioridade numérica relativa, saber explorá-la deverá ser uma exigência que devemos considerar na formação da táctica de grupo.

Em síntese, a táctica de grupo, como parte da táctica colectiva, compreende o trabalho coordenado das interacções directas entre dois jogadores (como unidade ou núcleo de colaboração mais elementar), ou mais (grupos de jogadores), realizadas da forma mais conveniente e adaptada à situação específica de jogo, com o objectivo de criar possibilidades de superioridade numérica e explorá-las com penetrações até à área de baliza ou aproveitar as situações de igualdade numérica, criando ou facilitando espaços de progressão ao colega para distâncias eficazes de remate. Em caso algum um meio táctico deve ser interpretado como uma jogada pré-fabricada mas como meio de ataque natural e flexível (Bárcenas, 1981).

2.3.3.3.2.1. Passa-e-vai

É um meio táctico colectivo, muito solicitado em situação de grandes espaços (contra-ataque e ataque rápido) ou em defesas abertas com marcação de proximidade. Este procedimento táctico exige ao jogador com bola que efectue um passe a um companheiro e de imediato se desmarque do seu defensor, normalmente pelo lado contrário ao do passe, para voltar a receber a bola (Garcia, 1998). Este autor refere ainda que estas situações favorecem o que normalmente é designado por duplo passe, como é o caso da situação descrita, ou seja, o meio táctico é o passa-e-vai e o processo é de duplo passe (passe com devolução), procurando-se desta forma obter uma situação de superioridade numérica relativa ou conseguir a progressão de um dos jogadores até uma distância eficaz para remate.

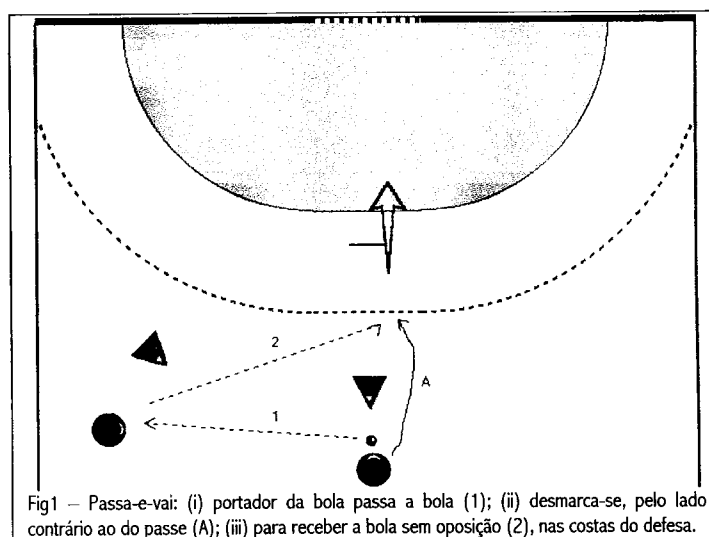
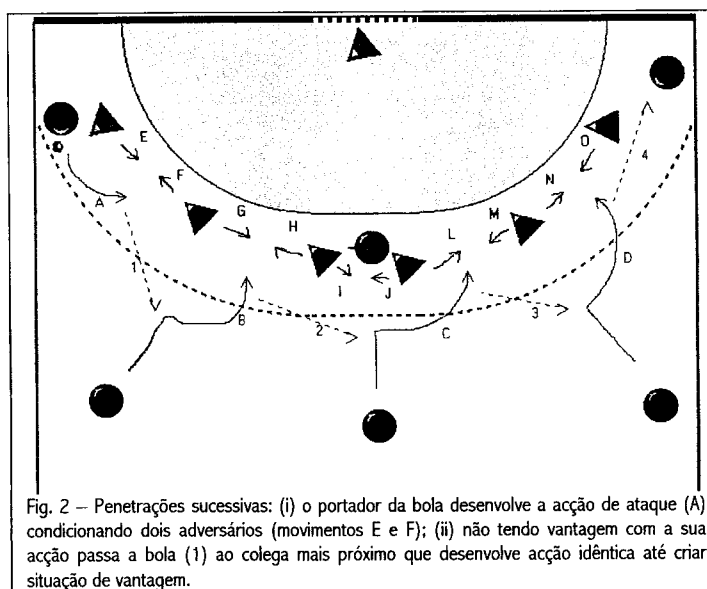


Fig1 – Passa-e-vai: (i) portador da bola passa a bola (1); (ii) desmarca-se, pelo lado contrário ao do passe (A); (iii) para receber a bola sem oposição (2), nas costas do defesa.

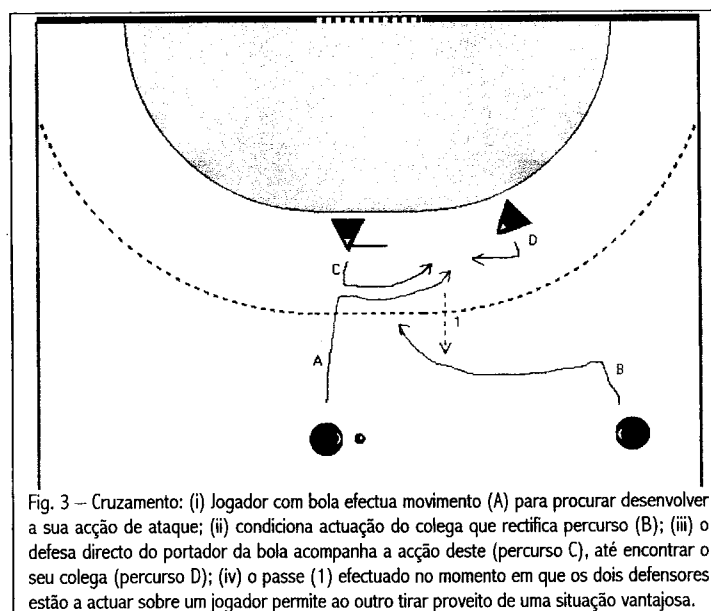
2.3.3.3.2.2. Penetrações sucessivas

Este é um procedimento táctico em que um jogador atacante procura ocupar um espaço criado por um companheiro que tenha fixado, ou pelo menos atraído a atenção do oponente, no impar, quando conjugado em termos de continuidade de acção de dois ou mais jogadores, com progressão clara em direcção da baliza. É referido por alguns autores como sendo um meio de ataque, designado por penetrações sucessivas (Germanescu, s/d; Sanchez, 1991; Garcia 1998). Consideram ainda as mudanças de sentido como acção

tática colectiva particular, mas muito relacionada com as progressões sucessivas, sendo que esta consiste em mudar o sentido da bola, por parte de algum jogador, para obter êxito no início de uma progressão sucessiva no sentido contrário.



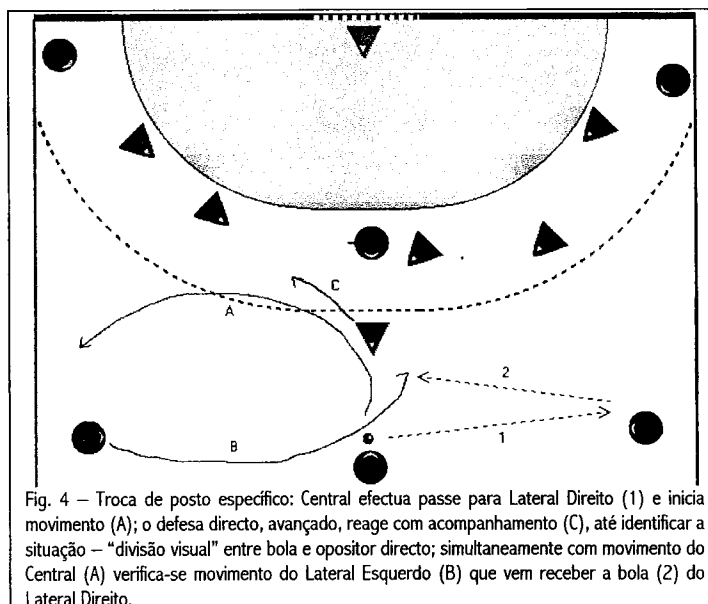
2.3.3.3.2.3. O cruzamento



Quando o jogador de posse da bola procura penetrar no espaço entre dois defensores sem sucesso, acaba por invadir o espaço de acção do colega adjacente. Se esta situação for reforçada por uma mudança de direcção de deslocamento quase que paralela à área, obrigando o seu defensor a seguir a

sua mudança de direcção, o colega adjacente, sem bola, cruza a trajectória do jogador na posse da bola, verificando-se perto da intercepção das trajectórias que o jogador de posse da bola a passa ao receptor, o colega adjacente referido (Sanchez, 1991; Lassierra, 1992, Trosse, 1993; Czerwinsky, 1993; Garcia 1998).

2.3.3.3.2.4. Troca de posto específico

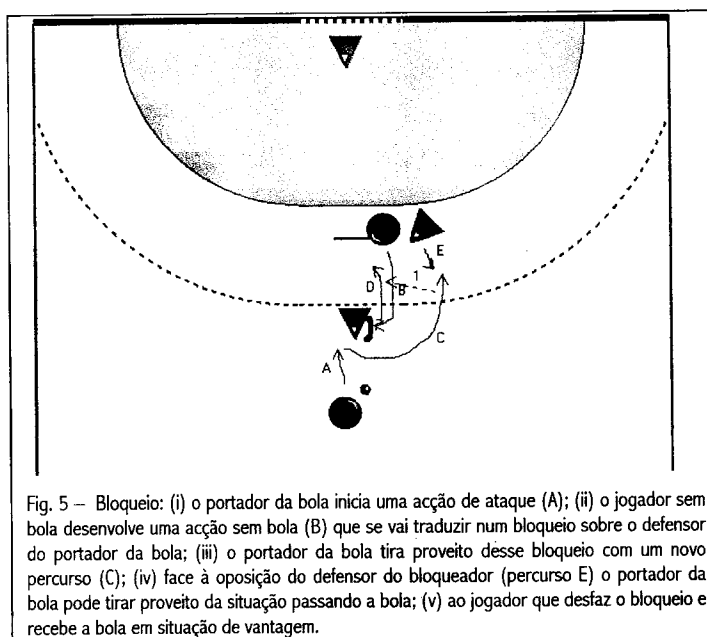


A troca de posto específico é um meio da tática de grupo em que se produz uma mudança de postos específicos entre dois jogadores atacantes, sem bola, com a colaboração de um terceiro, portador da bola/passador. Procura-se, assim, dividir a atenção dos defesas directos dos atacantes sem bola, que trocam de posto específico e a bola, ou seja, entre a acção dos seus pares e o centro do jogo, que é o local onde se encontra a bola, devendo verificar-se libertação de espaços para que o beneficiário o possa explorar com o remate de longe ou com penetração Djedjic, 1972; Sanchez, 1991; Cunha, 1994).

2.3.3.3.2.5. Bloqueio

O bloqueio é a acção de um atacante de interromper momentaneamente a trajectória de um defensor em benefício de um companheiro.

O objectivo do bloqueio é restringir a liberdade de movimento do oponente neutralizando-o através de obstrução física com o próprio corpo, para conseguir uma situação de superioridade numérica momentânea (Sanchez, 1991; Lassierra, 1992; Trosse, 1993; Czerwinsky, 1993; Garcia 1998).



Apresentamos reservas quanto à utilização dos termos écran e cortina. O écran (um ou mais bloqueios frontais) e a cortina, podem ser considerados formas de manifestação de bloqueio, sendo mesmo que este último, a cortina, é pouco considerada ou utilizada como meio táctico sistematizado, tendo tido influência nos tipos de bloqueios actuais.

A utilização do termo troca de posto específico, ou simplesmente troca, não é particularmente polémica sendo que a razão fundamental para a opção pelo primeiro termo prende-se com questões de terminologia e para evitar equívoco, no caso do segundo termo, com o utilizado na defesa.

Quadro 2 – terminologia relativa aos meios táticos de acordo com os autores e países de origem.

<i>Meios táticos (terminologia do conceito)</i>	<i>Terminologia utilizada</i>	<i>Origem</i>	<i>Autor</i>
Passa-e-vai	Passa-e-vai	Franceses	Costantini (1995)
		Espanhóis	Antón Garcia (1998)
Penetrações sucessivas	Penetrações sucessivas	Romanos	Kunst-Ghermanescu, (s/d)
			Trofin y Grigorovici (1969) ⁽¹⁾
			Paul Cercel, (1990)
		Espanhóis	Antón Garcia (1998)
			Lasierra (1992)
		Alemães	Vick (1978) ⁽¹⁾
			Busch (1978) ⁽¹⁾
			Hattig (1978) ⁽¹⁾
			Oppermann (1990) ⁽¹⁾
			Trosse (1993)
			Muller y col. (1996)
	Ataque em paralelo	Franceses	Pinturault y Ricard (1967) ⁽¹⁾
			Bayer (1983)
			Aranda (1984) ⁽¹⁾
			Neyens (1986) ⁽¹⁾
			Lacoux (1988) ⁽¹⁾
			Landuré-Horvarth (1989)
	Décalage	Espanhóis	Falkowsky-Enriquez (1979)
			Barcnas (1981)
			Sánchez (1991)
	Pontos de apoio dinâmicos (Progressões Sucessivas)	Romanos	Kunst-Ghermanescu (s/d)
			Paul Cercel (1990)
Cruzamentos	Cruzamentos	Espanhóis	Falkowsky-Enriquez (1979)
			Barcnas (1981)
			Lasierra, (1992)
			Sanchez (1991)
		Alemães	Trosse (1993)
		Polacos	Czerwinsky (1993)
		Franceses	Bayer (1983)
			Costantini (1995)
			Noteboom (1995)

(continua)

(continuação)

<i>Meios tácticos (terminologia do conceito)</i>	<i>Terminologia utilizada</i>	<i>Origem</i>	<i>Autor</i>
Troca de posto específico	Troca de posto específico	<i>Juguslavos</i>	Debic Hrovje (1972)
	Troca	<i>Espanhóis</i>	Lassiera (1992)
Bloqueio	Bloqueio		Sanchez (1991)
			Antón Garcia (1998)
		<i>Alemães</i>	Trosse (1993)
		<i>Polacos</i>	Czerwinsky (1993)
		<i>Franceses</i>	Noteboom (1995)
		<i>Romenos</i>	Paul Cercel (1990)
		<i>Espanhóis</i>	Falkowsky-Enriquez (1979)
			Barcenaz (1981)
			Lassiera (1992)
			Sanchez (1991)
			Antón Garcia (1998)
	Écran	<i>Polacos</i>	Czerwinsky (1993)
		<i>Alemães</i>	Trosse (1993)
		<i>Franceses</i>	Bayer (1986)
			Costantini (1995)
			Noteboom (1995)
	Cortinas	<i>Franceses</i>	Bayer (1986)
			Costantini (1995)
			Noteboom (1995)
		<i>Espanhóis</i>	Antón Garcia (1998)
		<i>Juguslavos</i>	Debic Hrovje (1972)
		<i>Franceses</i>	Bayer (1986)
		<i>Espanhóis</i>	Sanchez, (1992)
			Antón Garcia (1998)

⁽¹⁾ de acordo com Antón Garcia (1998)

2.3.3.3.3. Situações tácticas prévias em assimetria ou meios elementares

Tal como Mahlo (s/d), Lasierra (1992) refere que a técnica constituiu a base da educação táctica, em que os procedimentos técnicos suportam a táctica individual tal como esta suporta a colectiva, de grupo ou de equipa. Consideram que a formação da capacidade táctica não pode atingir os seus objectivos se os exercícios elementares não se inserirem no processo global de formação técnica.

Assim, na origem do processo formativo, a situação elementar de cooperação perante uma oposição com menor número de efectivos converte-se num objectivo prioritário e condição indispensável para encarar adequadamente a formação da tática de grupo em situação de equilíbrio numérico. Estas são condições prévias de trabalho no processo de formação tática, que possibilitam essa formação num processo dito global (Lassierra, 1992; Garcia, 1998), sublinhando Garcia (1998) que, também durante o jogo, se produzem situações de duelos que não são simétricos, dando-se uma situação de vantagem numérica por parte de um dos grupos que se defronta, como são os casos de: 2x1; 3x2; 4x3 (ou inversas). Ser capaz de identificar e explorar adequadamente estas situações permite tomar consciência da sua rentabilidade e da necessidade de criá-la, pelo que para tal deverá aprender antecipadamente a explorar estes espaços com segurança e eficácia, pois caso contrário será difícil poder desenvolver uma aprendizagem adequada de qualquer meio tático (Garcia, 1998).

Esta situação traduz-se também na adaptação que, pela multiplicidade e diversidade das situações, obriga à decisão e ao pensamento ligado às condições de actividade correspondentes às dos jogos (Mahlo, s/d).

As situações de assimetria referida devem verificar-se com muita frequência durante o jogo, tanto em todo o campo (durante o contra-ataque), como em espaços mais reduzidos, na zona restrita da área de baliza contrária (durante o ataque posicional), devendo ser princípio fundamental a considerar nesta situação de superioridade numérica relativa, a finalização, sendo que para tal o jogador deve ter em atenção a diferença entre a eficácia da acção e a idoneidade da solução, sendo que a solução idónea leva com frequência a obter maior eficácia na acção final (Garcia, 1998).

Para Teodurescu (1984), o que ele designa de modelo das acções individuais e colectivas em condições de adversidade (com a oposição dos adversários), deve integrar-se sucessivamente no treino, nos exercícios utilizados, de acordo com a lógica da actividade do jogador no jogo.

O conceito de situações táticas prévias em assimetria ou meios elementares é defendido por Garcia (1998), que os define como modelos de base para o trabalho em situações de superioridade absoluta, mas também são propostos por outros autores, não só nas situações propostas por Garcia

(1998), mas também em situações de igualdade numérica absoluta ou na conjugação de ambas.

Devemos considerar que estas situações, ou modelos de base, têm validade tanto para a iniciação como para o treino (Moreno, 1994). Esta é uma questão que consideramos particularmente importante porque salienta a forma como os diferentes autores entendem o que deve ser e quando deve ser, o desenvolvimento da relação entre os elementos que constituem uma equipa, na formação, e o reforço da base da tática nas de competição.

Devemos considerar o conteúdo do modelo como um sistema, uma estrutura, que no caso do modelo técnico-tático considera os seguintes subsistemas: (i) modelo de comportamento técnico-tático de cada jogador (um contra um); (ii) modelo do comportamento individual de cada jogador correlacionado com modelos similares dos companheiros (combinações táticas); e (iii) modelo de acções individuais e colectivas em condições de adversidade (com a oposição do adversário), ou seja, onde surge a variabilidade das possibilidades de relação (Teodurescu, 1984).

Sublinhando a importância da presença da oposição nos diferentes modelos de trabalho e de formação, verificamos que estes podem ser desenvolvidos, de acordo com os diferentes autores e nas suas propostas de formação tática a partir de modelos elementares:

Mahlo (s/d)

1 x 1 -> 2 x 2 -> 3 x 3 ; etc ...

Bayer (1983)

1 x 0 -> 2 x 1 -> 3 x 2 -> 5 x 4 -> 6 x 5

Marques (1984)

1 x 1 -> 2 x 1 -> 2 x 2 -> 3 x 2 -> 3 x 3 -> 4 x 3 -> 4 x 4

(são apresentadas diferenças para zona restrita e campo inteiro, sendo que para as segundas apenas são consideradas as assimetrias)

Lasierra e col. (1992)

1 x 0 -> 2 x 0 -> 1 x 1 -> 2 x 1 -> 2 x 2 -> ...

Trosse (1993)

1 x 0 (1) -> 2 x 0 (1) -> 2 x 1 (1) -> 2 x 2 (1) -> 3 x 2 (1) -> 3 x 3 (1) -> 4 x 2 (1) -> 4 x 3 (1) -> 4 x 4 (1) -> 5 x 2 (1) -> 5 x 3 (1) -> 5 x 4 (1) -> 5 x 5 (1) -> 6 x 4 (1) -> 6 x 5 (1) -> 6 x 6 (1) -> 6 x 6 (2) (jogo formal)

Cunha (1994)

1 x 0 -> 1 x 1 -> 2 x 1 -> 2 x 2 -> 3 x 2 -> 3 x 3 -> 4 x 3 -> 4 x 4 -> 5 x 4 -> 5 x 5 -> 6 x 5 -> 6 x 6

Moreno (1994)

1 x 1 -> 2 x 2 -> 3 x 3 -> 4 x 4 -> etc.

Teoria Escalonada de Roth

(apresentada por Garcia, 1999)

1 x 0 c/ apoio -> 1 x 1 c/ apoio -> 1 x 1 + (1) c/ ou s/ apoio -> 1 x 1 + 1 (1) c/ ou s/ apoio
-> 2 x 0 + (1) -> 2 x 1 -> 2 x 1 + (1) -> 2 x 2 + (1) c/ ou s/ apoio -> 2 x 3 + (1)
-> 3 x 0 + (1) -> 3 x 2 -> 3 x 2 + (1) -> 3 x 3 + (1) -> 3 x 4 + (1) -> 4 x 0 + (1)
-> 4 x 3 -> 4 x 3 + (1) -> 4 x 4 + (1) -> 4 x 5 + (1)
-> 5 x 0 e derivadas (1)
-> 6 x 5 ou 6 x 5 + (1) -> 6 x 6 + (1) -> 6 x 7 + (1)

(1) Tratam de desenvolver o jogo, o mais parecido com a situação global, mas com a necessidade de um maior movimento e mudanças de espaço para equilibrar e ocupar as diferentes possibilidades. Permite relações frequentes entre os jogadores da periferia e os do interior se se verificam de forma adequada, mostrando-se imprescindível para a situação de inferioridade 5 contra 6.

Garcia (1998)

2 x 1 -> 3 x 2 -> 4 x 3

(este autor entende que mais do que quatro jogadores já não deve ser considerado como meio tático de grupo)

Da análise destas propostas surgem algumas questões que entendemos pertinente salientar:

- Apenas Roth (citado por Garcia, 1999) considera o guarda-redes como parte, sub-sistema, dos modelos propostos;
- Se considerarmos que estamos num nível de formação ou preparação elementar ou geral é natural que nenhum dos autores diferencie postos específicos para os jogadores de campo consoante o número de jogadores que considera, mas para as situações de reforço da formação tática a liberdade de interpretação é total;

- Garcia (1998) salienta que a utilização de mais do que quatro jogadores já não deve ser considerada como meio tático de grupo, mas sim como tática colectiva. Torna-se claro, e apenas para este, que estas situações têm validade para os meios tácticos de grupo;

- Neste nível, e considerando até quatro jogadores de campo, questões como as da circulação de bola apontam para que haja também alguma preocupação com a amplitude do ataque, pelo que as escolhas são limitadas;

- Com cinco jogadores temos que a opção passa pela presença ou não de um jogador na posição de pivot. É uma questão estrutural de base mas provavelmente determinante para o desenvolvimento de cada uma das propostas que considera mais de quatro jogadores e que omitiu a orientação;

- Com os seis jogadores de campo temos que a situação anterior condicionou o desenvolvimento desta.

O modelo proposto por Marques (1984) atende objectivamente à formação dos jovens, considerando que estes não devem interpretar um jogo cujas estruturas (complexas) não estão ao seu alcance (Marques, 1983). O facto de que os jovens devem ter a possibilidade imediata de aplicar as situações pedagógicas de treino à situação real de jogo levanta um problema porque leva a que frequentemente se ofereçam modelos, utilizados por adultos, de organização standartizada do ataque e da defesa ainda nesta etapa inicial, para dar resposta a essa dificuldade (Lasierra, 1990).

No entanto há aspectos que são cruciais para todas as acções de ataque, como as estruturas de colaboração de base que se desenvolvem no jogo, qualquer que seja o nível ou categoria da equipa, constituindo elas próprias *Meios tácticos simples* (Garcia, 1998), e que conforme já referimos, são a circulação de bola e de jogadores.

2.3.3.3.4. A circulação da bola e a circulação de jogadores

O objectivo geral da circulação da bola é a mobilização e desequilíbrio do adversário e a exploração desses desequilíbrios, sendo a qualidade da circulação da bola, fundamental para a exploração desses desequilíbrios, a

qual depende essencialmente da qualidade da desmarcação, da fixação do adversário e do passe (Garcia, 1998).

A circulação de jogadores, ou seja, quando um ou mais jogadores procuram espaços livres fora dos seus postos específicos, exige coordenação de acções, disciplina colectiva e organização táctica. É um meio muito utilizado no andebol e desenvolve-se em estreita relação com a circulação da bola, sendo que o seu objectivo geral é surpreender o adversário no espaço para onde se deslocou, ou promover situações de penetração, ou mesmo de outras formas de finalização dos seus próprios companheiros (Garcia, 1999).

De acordo com Klein (1998), a filosofia do jogo de ataque está suportada em ideias e particularidades, que são traduzidas em formas simples que incluem acções pré-programadas, limitando o grau de tomadas de decisão, sendo que as diferenças fundamentais são determinadas pelo carácter dos jogadores das diferentes equipas. Cita como exemplo o caso da equipa da Jugoslávia em que a individualidade tem expressão máxima no desenvolvimento do jogo contrastando com a equipa da Suécia em que o colectivo é determinante, sendo que as restantes equipas nacionais de nível mundial oscilam entre estes dois extremos.

O aumento de recursos nas situações de 1x1 tem considerado a continuidade de jogo, principalmente pelo desenvolvimento dessas mesmas acções com o defensor na proximidade, pelo que o conceito de continuidade de jogo referida é suportada no conceito base de penetrações sucessivas. A partir desta situação de base, o jogo de ataque inicia-se, geralmente com movimentos de mudanças tácticas, com o objectivo de criar reacções defensivas inadequadas e explorá-las usando meios tácticos (Seco, 1999).

Assim, o conceito do jogo ofensivo, predominante na táctica colectiva, está baseado na mobilidade dos atacantes, na mudança de posições, transformando-o em sistema com dois pivots, ou seja, considerando esta situação como mudança de sistema de jogo ou tirando proveito da situação de transição criada. (Klein, 1998; Seco, 1999).

Perante o aumento de espaço em que os jogadores se movimentam na 1ª linha, maior deve ser a sua capacidade de variabilidade de comportamentos (Klein, 1998), pelo que aparecem mais jogadores universais, no que se refere às suas capacidades técnicas, que jogam em diferentes zonas, que variam

entre diferentes posições e tarefas, aparecendo também mais jogadores a realizar penetrações, que não apenas especialistas (Seco,1999). Por tal motivo são desenvolvidas acções em táctica de grupo, com o recurso a dois pivots, os quais mobilizam 2-3 jogadores, sendo mais frequente para estas acções a utilização de jogadores da segunda linha (Czerwinsky, 2000).

O jogo dos anos de 60 e 70 tinha como prática comum para toda a equipa proteger, em todos os sentidos da palavra, a excelência e a efectividade do seu primeira linha, sendo função destes culminar o ataque de forma eficaz, embora também fosse comum passar (assistir) ao pivot (Kovacs, 2001). O autor destaca ainda que no jogador actual, de primeira linha, se verifica o aumento de capacidades, nomeadamente na de penetrar na defesa com sucesso, fazer jogar o pivot com o passe, passar a bola aos colegas rapidamente e para os lugares adequados, ser capaz de participar no ataque rápido, não só efectivamente como também de forma eficiente. Destaca ainda que se uma equipa tem um bom primeira linha é fácil para os outros jogadores fazerem golos, considerando que a defesa deve ter uma atenção especial para com este jogador, e fazendo isto a defesa fica em desvantagem, tem que subir e isso permite mais oportunidades ao pivot. Com certeza que a criação da oportunidade e a sua concretização com êxito está dependente do trabalho da equipa. Conclui, sublinhando que nos anos noventa a tendência modificou-se, verificando-se que hoje são poucos os jogadores que só jogam por causa de serem capazes de concretizar com remates de primeira linha.

Entre outras razões, as alterações verificam-se porque a velocidade em momentos críticos da realização dos movimentos tem aumentado, com jogadores da primeira linha a serem capazes de efectuar a recepção no momento em que já iniciaram a suspensão para efectuar o remate (Klein, 1998). Aliás, a velocidade de jogo determina também a efectividade das relações grupais, as quais estão também suportadas na mobilidade dos jogadores e na variedade de combinações (Seco,1999).

2.3.3.3.5. A importância do passe no jogo

De acordo com Mortágua (1999), podemos afirmar que a utilização de meios tácticos colectivos não tem relação directa com a conclusão de

sequências ofensivas finalizadas com ou sem remate, sendo muito claro que essa finalização é suportada por meios tácticos individuais. Aliás este autor, ao constatar que os meios tácticos colectivos apresentavam um valor quase que residual (2,3%) e que os meios tácticos individuais (56,1%) eram dominantes em relação aos meios tácticos de grupo (41,7%), aponta para a necessidade de os processos de treino serem conduzidos no sentido de favorecer a continuidade das acções. Supomos serem as acções colectivas que devem ser favorecidas, mas tanto para estas como para as de grupo, a continuidade é suportada no passe.

Os registos de Barbosa (1999) apontam, através da iniciativa individual do jogador com bola, para a evidência de que os meios tácticos individuais são determinantes para a finalização, em qualquer forma de relação numérica absoluta, destacando-se as Progressões Sucessivas e a Entrada à 2ª Linha (alteração do sistema de jogo de 3:3 para 2:4), os meios tácticos preferencialmente mais utilizados.

Para Silva (1993, citando Neto, 1979) o passe é um elemento técnico básico mas muito importante na construção das jogadas, pelo que deve ser seguro, preciso, rápido, oportuno e inteligente. Refere ainda que estas características são determinantes para garantir a posse de bola, evitando a iniciativa do adversário, a não ser após a realização de remate à baliza com possibilidade de golo.

A nossa preocupação pela análise do passe levou-nos a dedicar-lhe particular atenção, a que o trabalho de Alvaro e col. (1995), dá particular sentido. Devemos salientar que estes autores consideram que as actividades próprias do jogo desenvolvem-se em dois níveis distintos: o colectivo (situações de jogo) e o individual (condutas), sendo que este último tem dependência do primeiro. Consideram ainda que as variáveis que configuram as situações de jogo são: (i) o sistema de jogo da equipa; (ii) as intenções tácticas colectivas; (iii) o espaço em que actuam; e (iv) a posse ou não de bola. Para as variáveis que configuram as condutas definem: (i) a situação de jogo; (ii) a posse da bola (jogador de posse da bola; companheiro de posse da bola; jogador cujo adversário directo tem a posse da bola; companheiro do oponente que tem a posse da bola); (iii) a intenção táctica individual; (iv) as características individuais; e (v) o grau de fadiga.

Assim, e ainda de acordo com Alvaro e col. (1995), temos que a avaliação da dimensão jogo (situações de jogo) passa, de uma forma clara, pelas relações de cooperação/oposição relativas a: (i) situações de finalização do ataque / situações de oposição à finalização; (ii) situações de progressão e criação de jogo / situações para evitar a progressão e a criação de jogo; e (iii) situações de manutenção da posse da bola / situações de recuperação da bola. Por isso referem que a pesquisa de indicadores da tática colectiva os poderia conduzir para que o melhor indicador fosse deduzido do estudo das decisões e acções individuais de cada jogador, estando convictos que a combinação das decisões e acções de todos os membros da equipa ajudaria a análise tática, no entanto não ignoram que: (i) as decisões individuais podem ser valiosas para conhecer a tática individual, mas não os aproximam da tática da equipa; (ii) a combinação e a sequência de decisões individuais de todos os jogadores de ambas as equipas, poderia ser um caminho utópico de investigação, mas que não seria útil para a análise tática de cada partida; (iii) a procura dos indicadores táticos colectivos tem que fazer-se mediante outra metodologia que permita, pelo menos, cumprir com os princípios básicos da relevância e da simplicidade.

Portanto passam a considerar que a unidade fundamental e mais simples para abordar a tática colectiva é o passe, atendendo a que este está relacionado com o facto de implicar a colaboração de pelo menos dois membros da equipa, face à oposição do adversário e considerando sempre a manutenção/protecção da posse da bola. Sublinham, com particular relevância que a cooperação/oposição e bola, são as três palavras chave para analisar a tática colectiva, tanto no ataque como na defesa pelo que se poderá dizer que a sequência tática mais importante e simples é a que está intimamente relacionada com o passe susceptível de causar prejuízo na equipa contrária.

Em termo de conclusão referem ainda que a avaliação da tática colectiva é indissociável das acções que cada equipa desenvolve para ter condições de passe ou para dificultá-lo ao adversário. Reconhecendo assim a importância do passe pode-se tipificar as acções táticas mais frequentes, tanto no ataque como na defesa, na relação de cooperação/oposição.

2.3.3.3.6. A configuração do jogo – características das situações de jogo.

Foi salientado, com particular destaque, que uma baixa qualidade e quantidade de acções rápidas é um fenómeno negativo que tem impacto no carácter do jogo (Czerwinsky, 1994a). Estas acções rápidas estão dependentes, como o nível de desenvolvimento do jogo de andebol está dependente, do nível do jogador (Czerwinsky, 1997b), pelo que as acções individuais do jogador devem ser consideradas como pré-requisitos para jogar (Czerwinsky & Taborsky, 1996). Assim, o nível táctico colectivo de uma equipa não pode progredir eficazmente (através do aumento da experiência) a não ser com a melhoria da capacidade de cada jogador, de tal forma que este consiga (i) desempenhar o seu papel individual, (ii) desempenhar o seu papel colectivo, (iii) desempenhar o papel dos outros, a um nível de representação mental e na realidade e (iv) desempenhar estes papéis no contexto das fases do jogo (Garcia, 1998).

No entanto, é de extrema importância considerar as tendências de evolução que o jogo de alto nível nos possibilita observar, por forma a manter actualizado o quadro de referências em que se deve acentuar a formação (Trosse, 1993). Tudo leva a crer que no futuro o jogo de ataque seja caracterizado pela capacidade individual de realizar uma variedade de acções a partir de diferentes posições em alta velocidade, um elevado grau de especialização com um extenso repertório e boa capacidade de aproveitar rapidamente as oportunidades bem como criar espaços na sequência de sequências de acções de ataque (Klein, 1998).

Sabemos, no entanto, que o jogo do principiante opõe-se ao jogo de alto nível pela lentidão e descontinuidade das acções e por uma grande dependência na manipulação da bola (Trosse, 1993), pelo que não é possível transpor modelos de alto nível para a prática de um principiante (Sibila, 1997), mas permitir reconhecer a forma básica do jogo, pelo que há que encontrar a forma de jogo mais simples, que contenha os elementos, partindo do conceito de jogo e considerando as regras (Trosse, 1993).

Devemos atender também a que as crescentes exigências, que se colocam relativamente ao apuro qualitativo da prestação dos jogadores e das equipas na competição, reclamam que se dedique uma atenção aturada às

características do jogo formal-competição, no sentido de perceber quais os traços dominantes que devem orientar os processos de ensino e treino. (Garganta, 1996). Assim, a observação e análise das competições permitem não só avaliar a realidade do próprio jogo, mas organizar e regular os processos de ensino, de treino e da própria competição (Fonseca, 1999).

Portanto, e de acordo com Garganta (1995), os modelos ganham particular relevância quando considerarmos que em todo e qualquer processo de ensino-aprendizagem deverá existir um modelo que funcione como referencial e que, para além de condicionar os objectivos a atingir, oriente a selecção dos meios para tal efeito. Refere ainda o mesmo autor que não se pode ignorar, que para a elaboração deste modelo, se deve proceder não só à observação do jogo de alto nível, retirando dele os princípios e características fundamentais, mas também à do jogo elementar, registando os comportamentos que o caracterizam, para que se estabeleça um fio condutor entre o jogo elementar e o jogo de alto nível, procurando assim uma lógica que possibilite a passagem a comportamentos motores mais evoluídos.

Para Oliveira (1999) o modelo constrói-se pela resposta a algumas questões estruturantes do ensino dos desportos colectivos e realizando uma análise dos diferentes elementos que caracterizam as preocupações ao nível da organização do processo de ensino-aprendizagem. Apresenta as seguintes questões estruturantes do ensino dos jogos desportivos: (i) definição dos objectivos, onde se incluem as características do jogo de alto nível (citando Garganta, 1985); (ii) análise e estruturação de conteúdos que, do mesmo modo, corresponde ao estabelecimento de um fio condutor (citando Garganta, 1985); (iii) conhecimento dos alunos; (iv) escolha de métodos e técnicas de ensino; (v) selecção das técnicas de avaliação.

Estas questões não são parte deste trabalho, embora este possa ter implicações como um contributo para a análise de aspectos que consideramos condicionais das questões estruturantes do ensino do andebol.

Não podemos ignorar que as diferenças na estrutura de jogo, diferenças nas situações de jogo, entre os dois Grupos analisados, determinam diferentes configurações. Com as diferentes situações de jogo é possível verificar condutas de jogadores que por vezes não são passíveis de se deduzir a partir da análise da situação de jogo e que perante a mesma situação de jogo pode o

mesmo jogador ter diferentes condutas, ou diferentes jogadores podem ter diferentes condutas, o que se traduz na lógica externa. Esta autonomia, possibilidade de escolha e opções a fazer, deve verificar-se sempre em qualquer tempo e espaço, estando, no entanto, condicionada por regras de conduta. Assim, se *o jogador faz o jogo* (lógica externa), não deixa de ser menos importante reconhecer que *o jogo faz o jogador* (lógica interna) (Castelo, 1996). Ao configurar o jogo procuramos entender a lógica externa do jogo, tal como o jogador faz o jogo, desconhecendo as razões da conduta.

O conhecimento, a operacionalização e a forma de explorar estas regras de conduta, determinam as diferentes condutas, sendo que é a forma, o critério, a sequência de apresentação, a transmissão, a solicitação e o reenquadramento constante destas mesmas regras, em situação de jogo, que podem determinar as diferenças de formação e a formação da lógica interna.

Devemos ter sempre presente que o conceito de intenção táctica está associado ao conteúdo principal para o ensino dos desportos colectivos (Bayer, 1986).

III. MATERIAL E MÉTODOS

3.1. Amostra

Para a realização do presente estudo foram escolhidos dois níveis competitivos, etários, distintos do andebol português.

As equipas apuradas para o grupo A (disputa do título nacional) do Campeonato Nacional da I^a Divisão Sénior, na época de 1997/98, constituem o primeiro grupo. As equipas que disputaram o Campeonato Nacional da I^a Divisão de Juvenis, na época de 1997/98, constituem o segundo grupo.

A amostra foi constituída a partir de um total de quinze jogos, trinta observações, com uma composição de 1365 sequências ofensivas, 980 para o grupo do escalão sénior (GS) e de 385 para o grupo do escalão juvenil (GJ).

3.2. Material de apoio à realização do estudo

3.2.1. Recolha de imagens

Para o Grupo Sénior (GS) foram cedidas pela Federação de Andebol de Portugal os registos dos jogos efectuados pelas equipas deste grupo, na fase final do referido campeonato. A recolha de imagens do Grupo Juvenil (GJ) realizou-se no local.

A totalidade das filmagens foi efectuada de um plano superior, com a preocupação de enquadrar a totalidade dos jogadores. Esta norma é utilizada para a recolha de imagens nos jogos do GS e também foi utilizada no GJ, por ser a mais adequada para o efeito.

3.2.2. Gravação dos jogos em vídeo

Para a gravação, observação e registo dos dados utilizou-se video-gravador.

3.2.3. Redacção do estudo

A redacção e apresentação do estudo exigiu a utilização do seguinte material: Computador PC, Impressora, Processador de texto "Microsoft Word

Office 2000”, Folha de cálculo “Microsoft Excel Office 2000” e SPSS 10.0 for Windows.

3.3. Análise do jogo

Deve-se considerar a categorização (Bardin, 1994) como uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e posterior reagrupamento de acordo com o género (analogia), seguindo critérios previamente definidos. Essas categorias são classes que reúnem um grupo de elementos sob um título genérico, agrupando de acordo com caracteres comuns destes elementos.

O sistema de categorias é um sistema fechado, possuindo categorias de observação pré-determinadas (Oliveira, 1993).

Pretende-se que esta decomposição/reconstrução permita a análise de conteúdo dando a conhecer, com a passagem de dados brutos a dados organizados, índices invisíveis, sem desvios face ao material recolhido.

O método de observação utilizado no presente estudo é o método de observação indirecta, tendo como técnica a observação sistemática de imagens gravadas (Oliveira, 1993).

No sentido de proceder à observação do processo ofensivo tivemos em consideração:

- sequência de passes na construção do processo ofensivo anterior à perda da posse da bola;
- condições de finalização; e
- acção de finalização.

Para a anotação dos dados foi elaborada uma ficha de observação (Anexo). A observação de cada sequência obrigava ao recurso à passagem lenta ou à paragem (pause) das imagens gravadas. Sempre que se justificava, para melhor compreensão, procedia-se ao número de repetições e paragens consideradas necessárias para reduzir eventuais erros de observação.

3.4. Categorização e explicitação das variáveis

A definição das categorias e dos elementos de análise depois de ter sido elaborada e testada na forma de fichas de observação, na sua primeira forma, foi apresentada e validada por parecer: (i) científico, por três Docentes do Gabinete de Andebol da Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto; e (ii) técnico, por três Treinadores de Andebol da principal divisão nacional.

Número de ataques (NA)

Consideramos que uma equipa entra na posse da bola quando um jogador dessa mesma equipa estiver em condições de explorar a aplicação da regra 7 (sete) das regras oficiais do jogo de Andebol, manejo da bola. Assim, sempre que a equipa possuir um jogador que esteja de posse de bola e em condições de empreender acções ofensivas para obter golos, consideramos que essa equipa se encontra no processo ofensivo. Este processo é normalmente designado de ataque, e o número de ocorrências que se verifica no jogo será designado por número de ataques.

Número de passes de ataque (NPA)

O passe é a forma de transladar a bola de um jogador para outro (Sánchez, 1991), numa acção técnico-táctica de ligação-comunicação, através da bola (Fonseca, 1999 citando Castelo, 1994).

O número de passes de ataque é efectuado pelos jogadores de uma equipa durante o período que antecede a finalização (acção individual).

São considerados para o efeito apenas os da última sequência no ataque da baliza. Nesta sequência de passes de ataque nem todos os passes efectuados pelos jogadores podem ser considerados. Devemos considerar apenas os que são determinantes para o ataque da baliza e a finalização.

Assim não são considerados os que são efectuados:

- antes de o processo ofensivo ser interrompido, por exemplo, quando se assinala falta do defensor sobre o atacante;

- quando os atacantes abdicam do ataque da baliza para garantirem a posse da bola, pela necessidade de garantirem a manutenção da posse da bola;
- nos casos de ataque posicional em que há a necessidade de primeiro passar para o terreno de ataque e depois de ocupar o dispositivo de ataque (os postos específicos de ataque de acordo com o sistema de jogo utilizado). Durante esse período de tempo e percurso, a circulação de bola mantém-se sem um carácter ofensivo.

Condições de finalização (CF)

Designamos por condições de finalização uma situação de cooperação/oposição que se verifica até ao momento da decisão de finalizar e registamos a relação numérica relativa à zona da bola.

Diferenciamos essas situações de finalização de acordo com a forma como a passagem para o terreno de ataque se verifica (Teodorescu, 1984):

- rápida, com contra-ataque ou ataque rápido;
- lenta, com ataque posicional, irá determinar as condições de finalização.

Assim passamos a considerar para efeitos de registo, por apresentarem formas distintas de organização:

- 1) **Contra-ataque (CA)** - situação em que o número de jogadores solicitados e o número de passes efectuados é diminuto, desde a entrada na posse da bola até à finalização, com passagem rápida para o terreno de ataque.
Consideramos como critério no jogo de grande espaço, o número de jogadores envolvidos não pode ser superior a três (3) e o número de passes não pode ser superior a quatro (4).
- 2) **Ataque rápido (AR)** - situação em que o número de jogadores solicitados é a quase totalidade ou mesmo a totalidade, o número de passes efectuados é superior ao do contra-ataque. No ataque rápido a continuidade de acções, após a passagem rápida para o terreno de

ataque, e o ritmo elevado com que estas são desenvolvidas no grande espaço e depois próximo do alvo, no pequeno espaço, torna este método como híbrido dos outros. Podemos referir que a particularidade deste método é que procura explorar a fase crítica da defesa antes da ocupação e organização do dispositivo defensivo, a defesa transitória.

- 3) **Ataque posicional (AP)** - caracteriza-se pela elevada organização do processo ofensivo, no pequeno espaço, próximo do alvo. É a forma mais frequente do jogo ofensivo no Andebol, em que as circulações de bola e jogadores, combinações e acções individuais, de forma organizada e para desorganizar a defesa adversária, visam criar condições favoráveis à finalização (Teodurescu, 1984).

Perda da posse de bola (PB)

Considera-se perda da posse de bola sempre que nenhum jogador de uma equipa dispuser de condições para explorar a regra 7 (sete) do jogo de Andebol - manejo da bola.

São distintas as condições de perda de posse da bola (Teodorescu 1984):

- 1) **Normal (Nr)** - sempre que é obtido golo.
- 2) **Justificada (Js)** - sempre que tentou o golo mas não teve êxito.
- 3) **Não justificada (Nj)** - por erro ou desrespeito pelo regulamento, bem como outras situações não previstas.

Linhas (Lh)

São diferenciadas as posições que os diferentes jogadores ocupam no sistema de jogo. Considera-se sistema de jogo como uma forma geral de organização das acções, defensivas e ofensivas, com uma distribuição previamente definida e precisa de funções e princípios de circulação e colaboração (Teodurescu, 1984; Araújo, 1992). Os jogadores, de acordo com os diferentes sistemas, ocupam posições pré-determinadas, zonas comuns, cuja distância da área de baliza pode ser comum ou distinta. Estas zonas são distintas de posto específico dado que este determina o lugar concreto de cada jogador, dentro da zona.

Designa-se por **1ª linha** os que estão na zona mais próxima da nossa área de baliza, por **2ª linha** os que estão na zona mais afastada (Sánchez, 1991).

Superioridade numérica absoluta (SPA) e Inferioridade numérica absoluta (INR)

Verificam-se sempre que, por imposição regulamentar, uma exclusão, desclassificação ou expulsão (regra 17) for imposta a uma equipa.

Assim, temporariamente ou definitivamente uma equipa dispõe, à partida, de superioridade/inferioridade numérica absoluta como consequência de aplicação regulamentar.

Superioridade numérica relativa (SuNR)

Quando a colocação adequada de jogadores permite uma vantagem numérica relativa numa determinada parte, ou zona, do campo (Czerwinski, 1993). Essa colocação adequada obtém-se através duma gestão racional do tempo e espaço no local onde se encontra a bola (Castelo citado por Garganta, 1997).

Igualdade numérica relativa (IgNR)

Idêntica à anterior mas com igualdade numérica relativa de jogadores na zona do campo em que se encontra a bola.

Inferioridade numérica relativa (IfNR)

Idêntica à anterior mas com inferioridade numérica relativa de jogadores na zona do campo em que se encontra a bola.

3.5.Fiabilidade da observação

Procedemos a sessões de treino para aperfeiçoar o registo das observações.

As observações processaram-se com um intervalo superior a três meses, num processo de um só observador para a observação das mesmas variáveis, em sessões distintas.

Para determinar a fiabilidade, normalmente compara-se as observações entre observadores ou intra-observador, que foi o caso, relativamente à análise dos mesmos comportamentos pelo mesmo observador em momentos distintos, após o que se procede à aplicação de uma fórmula, neste caso a proposta por Van der Mars (1989) para obter a fiabilidade da observação. Este autor sugere que resultados com valores entre 80% e 85% são considerados fiáveis particularmente quando se usa um sistema complexo de observação, sendo o nível de 90% ou mais, apenas recomendado para medições de uma ou algumas variáveis (Van der Mars, 1989, citando Hartmann, 1977 e Johnson & Bolstad,1973).

Quadro 3 - Registo da fiabilidade das observações nas variáveis em análise

variáveis observadas			% de acordos intra-observador
Número de ataques			100%
Número de passes			94,30%
Condições de finalização	Contra ataque	Superioridade	98,00%
		Igualdade	98,30%
		Inferioridade	97,10%
	Ataque rápido	Superioridade	96,30%
		Igualdade	97,10%
		Inferioridade	96,80%
	Ataque posicional	Superioridade	93,80%
		Igualdade	94,70%
		Inferioridade	97,30%
Perda de posse de bola	Contra ataque	Superioridade	100%
		Igualdade	100%
		Inferioridade	100%
	Ataque rápido	Superioridade	100%
		Igualdade	100%
		Inferioridade	100%
	Ataque posicional	Superioridade	98,40%
		Igualdade	99,70%
		Inferioridade	99,70%
Linhas de ataque	1ª Linha		100%
	2ª Linha		100%
Regulamentar	Superioridade Absoluta		96,50%
	Inferioridade Absoluta		100%

3.6. Procedimentos estatísticos

A análise dos dados foi efectuada a partir dos procedimentos da estatística descritiva apresentando-se a média, o desvio-padrão, a amplitude de variação e a percentagem.

Para identificar diferenças entre os grupos considerados recorreu-se ao teste one way Anova. O nível de significância foi mantido em 5%.

IV. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1. Os métodos de jogo

Das 1353 situações de ataque observadas registamos 970 para o Grupo Sénior (GS) e 383 para o Grupo Juvenil (GJ).

Quadro 4 - Resultados gerais relativos aos métodos de jogo, com número total de ataques, percentagem e média por jogo, relativamente aos dois grupos.

	Sénior (GS)			Juvenil (GJ)			F	p
	n	%	μ	n	%	μ		
Ataque posicional	739	76,19	36,95	324	84,60	32,4	1,924	0,169
Contra ataque	193	19,90	9,65	38	9,92	3,8	19,114	0,000
Ataque rápido	38	3,92	1,9	21	5,48	2,1	0,660	0,798
total	970		48,5	383		38,3		

Estes resultados, no Quadro 4, permitem salientar que em média o Grupo Juvenil apresenta menor número de ataques por jogo (38,3). Esta diferença de dez ataques por jogo entre os dois grupos torna-se menos relevante, ou mesmo insignificante, se se considerar que o tempo de jogo regulamentar do Grupo Juvenil é de 50 minutos, portanto menos 10 minutos que o Grupo Sénior.

De acordo com Seco (1999) o número médio de ataques por jogo, nas provas mundiais, tem aumentado nesta última década, registando valores que oscilam entre 47,9 (WCh. 93) e os 54,3 (WCh. 99). Estes valores são corroborados por Peñas (2000, citando Suter, 1996) que considera que o aumento da velocidade do jogo pode ser verificado pelo número de ataques por jogo, referindo que a média de ataques por jogo era de 47,8 em 1994 (Ech. 94) e de 52,6 em 1995 (Seco, 1999; WCh. 95).

Os resultados que apresentamos para os dois Grupos podem ser aceitáveis neste quadro de referência, no entanto é necessário aumentar o número de ataques por jogo porque estes resultados apontam para uma diferença muito grande relativamente ao melhor nível de jogo, com o qual nos devemos comparar.

As contingências da decisão de um título nacional, que envolviam as equipas dos dois Grupos quando foram efectuados os registos, poderão ter

exacerbado o rigor estratégico, conduzindo a um jogo posicional seguro, que é um factor de influência do baixo ritmo de jogo (Peñas, 2000).

Este aspecto está relacionado com a importância dos diferentes métodos de jogo, sendo que o Grupo Juvenil (84,60%) apresenta mais 8,41% de ataques posicionais que o Grupo Sénior (76,19%). A elevada percentagem de jogo posicional, só por si, realça a importância do método de jogo em ataque posicional no jogo de Andebol e estabelece uma relação entre o predomínio do método e o ritmo de jogo.

Relativamente ao método de jogo em ataque posicional verificamos que Leitão (1998) apresenta dois valores correspondentes a dois níveis de competição, sendo que para o grupo de nível superior registou 67% (com 33% para o contra-ataque) e para o grupo de nível inferior apresenta 82% (com 18% para o contra-ataque), sendo que neste caso o autor não diferencia contra-ataque e ataque rápido. Mortágua (1999) apresenta valores de 73,2%, com 23% para o contra-ataque e 1,1% para o ataque rápido, sendo que Barbosa (1999) apresenta valores que discriminam simetria, com 75%, e assimetria, em superioridade com 71% e 82% para a inferioridade, para o método de jogo em ataque posicional e regista no contra-ataque 15%, 19% e 18% respectivamente e de acordo com as relações numéricas, tendo registado para o método de ataque rápido 10%, excepto para a situação de inferioridade numérica relativa em que não houve qualquer registo. O estudo desenvolvido por Soares (2001) apresenta para o ataque posicional 80,1% e 79,5% para os grupos internacional e nacional respectivamente, sendo de 14,5% e 15,2% para o contra-ataque, respectivamente, e de 4% e 4,6% para o ataque rápido respectivamente.

Podemos então considerar que o método de jogo em ataque posicional, o método dominante, se situa em valores que oscilam entre os 60% (Czerwinski, 1994,1995; Leitão, 1998; Fonseca 1999) e os 80% (Germain, 1997; Conceição 1998; Leitão, 1998; Soares, 2001), sendo que os valores obtidos no nosso estudo apresentam valores superiores a 80% (indicador de forte colonização pelo método de jogo em ataque posicional) para o Grupo Juvenil (84,6%) e dentro do intervalo referido para o Grupo Sénior (76,19%). Os valores do Grupo Sénior (76,19%) são idênticos aos apresentados por Barbosa (1999), 75% e Mortágua (1999), 73,2%.

Estes resultados apresentam uma disparidade aceitável para validar a ordem de importância dos diferentes métodos de jogo.

Em relação a este aspecto devemos considerar a opinião de Czerwinsky (1994^a) quando refere que deve ser aceite de forma consensual que haja diversidade de opiniões quanto à forma de análise do mecanismo do jogo, sendo isto resultado da ausência de uma metodologia coerente e da complexidade do próprio jogo. No entanto devemos realçar que a maior disparidade de resultados encontrados refere-se fundamentalmente à análise do jogo no grande espaço, o que nos leva a crer que de facto pode ter a ver com a metodologia, porque neste caso também está associado à diversidade de conceitos, a que já fizemos referência.

Devemos atender ainda à particularidade do estudo apresentado por Leitão (1998), com uma amostra do Andebol Feminino e em que os dois grupos analisados apresentam uma profunda diferença na utilização do método de jogo posicional. Dos dois níveis de jogo considerados por este autor, o nível inferior utiliza mais esse método, tal como acontece no nosso estudo, ou seja, aponta para que haja uma relação entre a alteração da relação de solicitação do método e o nível de jogo, sendo que aumenta o predomínio do ataque posicional consoante o nível de jogo é mais baixo. Embora não se possa efectuar uma comparação linear de conclusões, e muito menos na relação do jogo masculino com o feminino, devemos considerar que as principais diferenças entre ambos, de acordo com Taborsky (1995), estão relacionados com a potência e a habilidade dos jogadores, sendo esta diferença compensada no jogo feminino com o aumento de recursos táticos, nomeadamente ao nível da tática de grupo. No entanto e sabendo que ambas as equipas estão activas e o resultado do jogo depende do nível relativo desta actividade (Czerwinsky, 1994a), podemos considerar que em diferentes níveis encontramos diferentes características no jogo. Portanto pode ser, de facto, que essas diferenças comuns aos níveis tenham mais a ver com o nível em si, com o nível qualitativo.

Relativamente aos valores que registamos no método de jogo em ataque rápido, devemos destacar o significado da similaridade nos dois grupos (Grupo Sénior com 1,9% e GJ com 2,1%), pois além de serem muito idênticos, têm como factor comum a sua diminuta utilização.

É nos métodos de jogo em grande espaço que surgem as maiores divergências nos registos efectuados nos diferentes estudos, em que a problemática da metodologia de observação é particularmente relevante ao nível da diferenciação entre ataque rápido e contra-ataque, mas dos estudos referidos podemos concluir que a diferenciação em três métodos de jogo começa a ser uma norma.

Verificamos ainda que o Grupo Juvenil apresenta um recurso diminuto do método de jogo em contra-ataque (3,8%), sendo a diferença para o Grupo Sénior estatisticamente significativa.

A questão de competência que já referimos e que se traduz no que parece ser um baixo nível qualitativo, é reforçada pela pouca presença de passes mais longos no jogo do Grupo Juvenil, isto é, estes procuram jogar no grande espaço, utilizando o método de ataque rápido. No entanto tal deve acontecer porque este método utiliza passes mais curtos do que no contra-ataque e pela necessidade de jogar no grande espaço. Isto pode confirmar que as dificuldades evidenciadas para determinadas tarefas devem ser compensadas com o aumento de recursos tácticos, tal com se verifica no jogo de Andebol feminino, como já referimos.

A solicitação dos diferentes métodos de jogo traduz opções estratégicas importantes. Essas opções devem considerar as tendências modernas do jogo, que são rapidez e dinamismo, a atenção deve centrar-se na velocidade do jogo (Czerwinsky, 2000) e procurar soluções tácticas e técnicas relevantes para tornar o jogo mais aliciante (Czerwinsky, 1998). Não é exactamente isto que encontramos nos dois Grupos que analisamos, sendo que quanto a isso os indicadores são claros.

Apesar do comportamento dos defesas determinar o comportamento dos atacantes e de estes por vezes limitarem-se a aproveitar os erros da defesa, como são exemplo alguns dos erros mais comuns da defesa, as falhas de marcação e de cobertura na zona da bola, posicionamento estático, erros de posicionamento em relação à bola e falhas de marcação do pivot, dificuldades na cooperação (Czerwinsky, 1995), os atacantes não podem limitar-se a esperar que eles apareçam. Quando estes erros não “aparecem” há que provocá-los, com diferentes meios mas com uma intenção táctica comum: a de criar superioridade numérica relativa. Não sendo possível concretizar esta

intenção, não podemos evitar a utilização de situações de igualdade numérica relativa e por vezes é mesmo impossível recusar a inferioridade.

Com os resultados da investigação que realizou, Czerwinsky (1994a) demonstra que o incremento de intensidade do jogo tem lugar próximo da zona da área de baliza, numa faixa de 5 a 10 metros. Para este autor é nesta zona do campo que quase todas as situações de jogo têm lugar, pelo que a utilização dominante do jogo em espaço reduzido é de facto uma característica do jogo. No entanto não podemos ignorar a importância de uma mudança decisiva de atitude dos jogadores para um jogo mais rápido, convencê-los da efectividade do contra-ataque, do ataque rápido e das suas espectaculares qualidades (Czerwinsky, 1994b). Assim, os dois grupos que estudamos apresentam resultados que não se enquadram no jogo de andebol actual, de nível internacional, sendo claro que o Grupo Juvenil tem necessidade de desenvolver mais o jogo no grande espaço, pelo que necessita de aumentar as suas competências individuais, nomeadamente as que condicionam o desenvolvimento do contra-ataque.

As características que apresentam as equipas dos dois grupos, relativamente às condições de finalização e da perda de posse da bola nos diferentes métodos de jogo, são outros indicadores com relevo neste estudo.

4.2. As condições de finalização e a perda de posse de bola nos diferentes métodos de jogo em simetria absoluta

A análise das condições de finalização e da perda de posse de bola será efectuada com fraccionamento e agrupamento de dados, de acordo com as situações de assimetria ou simetria numérica relativa.

Para cada uma das distintas situações de relação numérica (superioridade, igualdade e inferioridade numérica relativa) podemos ter diferentes situações de ocorrências posteriores de perda de posse de bola (normal, justificada e não justificada), sendo que, no momento desta, também se podem encontrar diferentes formas de relação numérica.

Foi com base nesta estrutura que foram analisados os dados consoante a incidência pretendida e que efectuámos a associação dos mesmos.

São consideradas nesta análise todas as situações de simetria absoluta, igualdade numérica absoluta, verificadas durante os jogos e analisadas relativamente aos diferentes métodos de jogo.

4.2.1. Ataque posicional

Podemos verificar que os valores apresentados no quadro 5 relativo às condições de finalização não registam qualquer diferença estatisticamente significativa. Da importância que o método de jogo em ataque posicional e em igualdade numérica absoluta apresenta no jogo de Andebol, podemos dizer que as diferenças do jogo do jovem e do adulto, pela amostra utilizada, quanto à criação de condições de finalização pela equipa, não são estatisticamente significativas.

Quadro 5 - valores da análise das condições de finalização que a equipa criou em ataque posicional, com média (μ) desvio-padrão (DP), amplitude, para cada um dos grupos, e os valores de F e p referentes à comparação dos grupos.

Condições de finalização	Seniores			Juvenis			F	p
	μ	+ DP	amplitude	μ	+ DP	amplitude		
Ataque Posicional								
Superioridade numérica relativa	8,95	+ 3,44	3 - 14	9,90	+ 2,73	5 - 14	0,577	0,454
Igualdade numérica relativa	15,25	+ 4,38	8 - 23	13,30	+ 2,41	10 - 19	1,707	0,202
Inferioridade numérica relativa	6,45	+ 2,61	3 - 13	5,10	+ 2,28	2 - 9	1,935	0,175

O mesmo se verifica no que se refere à perda de posse de bola, Quadro 6, uma vez que podemos considerar que o valor encontrado na comparação dos dois grupos, em superioridade numérica relativa, apresenta um valor de pouco significado estatístico (0,092). Devemos admitir que a exigência de análise poderá permitir, consoante o caso do estudo em causa, que tenha este significado ou não (D'Hainaut, 1997). No caso do presente estudo entendemos como adequado que não tenha significado estatístico, no entanto este valor, como o de casos similares, será utilizado como mais um indicador de análise.

Quadro 6 - valores da análise da perda da posse de bola que a equipa criou em ataque posicional, com média (μ) desvio-padrão (DP), amplitude, para cada um dos grupos, e os valores de F e p referentes à comparação dos grupos.

Perda da posse de bola	Seniores			Juvenis			F	p
	μ	+ DP	Amplitude	μ	+ DP	Amplitude		
Ataque Posicional								
Superioridade numérica relativa	13,35	+ 3,51	8 - 21	11,10	+ 2,88	7 - 18	3,054	0,092
Igualdade numérica relativa	11,50	+ 4,38	6 - 19	11,80	+ 2,15	9 - 17	0,041	0,840
Inferioridade numérica relativa	5,75	+ 2,65	1 - 11	5,10	+ 2,64	1 - 10	0,401	0,532

Este caso permite sublinhar a competência individual que se traduz numa situação de valorizar, de forma acentuada no Grupo Sénior e relativamente às condições criadas, a superioridade numérica relativa no momento de perda de posse de bola.

O Grupo Sénior demonstra de forma clara a tendência para criar condições de finalização em igualdade numérica relativa.(Quadro 5 - média de 15,25). As condições de finalização em superioridade numérica relativa apresentam valores que a colocam imediatamente a seguir (Quadro 5 - média de 8,95). A situação inverte-se relativamente à perda de posse de bola (Quadro 6) e traduz a relevância de conduta adequada por parte do jogador responsável pela perda de posse da bola. Podemos verificar que em relação ao Grupo Juvenil a situação é idêntica.

Desta forma devemos destacar que as equipas de ambos os Grupos, de acordo com esta amostra, têm dificuldade em operacionalizar a intenção táctica de criar superioridade numérica relativa como condição de finalização, mas que esta se traduz em dominante na forma em que a perda de posse de bola se verifica.

Quadro 7 - análise comparada das condições da perda de finalização e de perda da posse de bola que a equipa criou e de que tirou proveito em ataque posicional, com os valores de F e p referentes à comparação.

Ataque posicional	Sénior		Juvenil	
	F	p	F	p
superioridade numérica relativa	16,010	0,000	0,914	0,352
igualdade numérica relativa	7,333	0,100	11,25	0,159
inferioridade numérica relativa	0,709	0,405	0,000	1,000

Ao compararmos a relação numérica relativa das condições de finalização com a relação numérica relativa na perda da posse da bola (Quadro 7) pode-se verificar que há uma diferença que tem significado estatístico, no Grupo Sénior, sendo essa uma diferença positiva, quanto à intenção táctica, porque há um aumento de incidência na superioridade numérica relativa.

Podemos considerar que relativamente às condições de finalização e perda da posse de bola em simetria absoluta se verifica uma configuração idêntica para os dois Grupos no método de jogo em ataque posicional. Em ambos os Grupos são criadas como condição de finalização e de forma dominante, situações de igualdade numérica relativa. Temos, no entanto, que

as situações de superioridade numérica relativa são por sua vez dominantes no momento de perda de posse de bola. Parece que as capacidades individuais dos jogadores são determinantes para a concretização da superioridade numérica relativa, pela decisão e pela capacidade.

Não podemos no entanto deixar de considerar que o jogo do jovem se opõe ao jogo de alto nível pela lentidão e descontinuidade das acções e por uma grande dependência na manipulação da bola (Trosse, 1993), em que o desenvolvimento do jogo está dependente do nível do jogador (Czerwinsky, 1997), razão pela qual o Grupo Sénior apresenta maior facilidade em criar a referida diferença positiva, quanto à intenção táctica.

4.2.2. Ataque rápido

Podemos verificar pelos valores apresentados no Quadro 8 que não se regista qualquer diferença estatisticamente significativa, sendo no entanto clara a predisposição do Grupo Juvenil para apresentar condições de finalização em superioridade numérica relativa com diferenças mínimas para os outros métodos.

Quadro 8 - valores da análise das condições de finalização que a equipa criou em ataque rápido, com média (μ) desvio-padrão (DP), amplitude, para cada um dos grupos, e os valores de F e p referentes à comparação dos grupos.

Condições de finalização	Seniores			Juvenis			F	p
	μ	+ DP	amplitude	μ	+ DP	amplitude		
Ataque Rápido								
Superioridade numérica relativa	0,50	+0,76	0 - 2	0,90	+1,60	0 - 5	-0,881	0,356
Igualdade numérica relativa	0,70	+0,73	0 - 2	0,60	+0,97	0 - 3	-0,100	0,754
Inferioridade numérica relativa	0,25	+0,55	0 - 2	0,40	+0,97	0 - 3	-0,297	0,590

De acordo com Czerwinsky (1994b) as situações adequadas para o desenvolvimento do contra-ataque não são muitas vezes exploradas pelas seguintes razões: (i) pouca velocidade com a bola; (ii) carência de convicção, como de organização do contra-ataque; (iii) falta de uma clara concepção da organização do contra-ataque. No entanto o recurso a um maior número de passes, apesar da dificuldade ser superior, deve ser determinado por algum factor que entendemos ser de carácter técnico e associado ao passe longo característico do contra-ataque (Czerwinsky, 1994 a). Entendemos poder ser esta a razão emergente para o escalão mais jovem, Grupo Juvenil, limitar claramente a exploração deste método de jogo.

Quadro 9 - valores da análise da perda da posse de bola que a equipa criou em ataque rápido, com média (μ) desvio-padrão (DP), Amplitude, para cada um dos grupos, e os valores de F e p referentes à comparação dos grupos.

Perda posse de bola	Seniores			Juvenis			F	p
	μ	$\pm$ DP	Amplitude	μ	$\pm$ DP	Amplitude		
Ataque Rápido								
Superioridade numérica relativa	0,90	$\pm$ 0,97	0 - 3	0,90	$\pm$ 1,45	0 - 4	0,000	1,000
Igualdade numérica relativa	0,25	$\pm$ 0,44	0 - 1	0,70	$\pm$ 0,82	0 - 2	3,838	0,060
Inferioridade numérica relativa	0,30	$\pm$ 0,73	0 - 3	0,30	$\pm$ 0,67	0 - 2	0,000	1,000

Devemos ainda destacar, para as situações de perda de posse de bola (Quadro 9), que as relações numéricas relativas permitem observar uma diferença com pouco significado estatístico (0,060) nas condições de perda de posse de bola em igualdade numérica relativa, verificando-se uma igualdade para as situações de assimetria relativa.

Esta constatação aponta para alterações, visíveis pela análise da média e confirmadas pela análise comparada das condições de finalização e de perda de posse de bola. No Quadro 10, de análise comparada, podemos registar uma diferença estatisticamente significativa na igualdade numérica relativa para o Grupo Sénior (0,024), sendo visível que a conduta do jogador deste Grupo permite tirar proveito destas condições de relação numérica, convertendo as situações de igualdade numérica relativa em situações de superioridade numérica relativa.

Quadro 10 - análise comparada das condições de finalização e de perda da posse de bola que a equipa criou e de que tirou proveito em ataque rápido, com os valores de F e p referentes à comparação.

Ataque rápido	Sénior		Juvenil	
	F	p	F	p
superioridade numérica relativa	2,111	0,154	0,000	1,000
igualdade numérica relativa	5,516	0,024	0,062	0,806
inferioridade numérica relativa	0,06	0,809	0,072	0,791

Mesmo assim, o facto de neste método de jogo de ataque rápido se pretender explorar as dificuldades da equipa adversária na ocupação e organização do dispositivo defensivo, fase crítica da defesa (Teodorescu, 1984), não torna tão evidente a importância da criação da superioridade numérica defensiva. É possível criar condições de finalização favoráveis, com remate de zona idónea, pela dificuldade que a defesa experimenta na definição de oponente directo (decisão) e quando definido em condicionar o portador da

bola, quando está a procurar colocar-se numa situação de defesa propriamente dita, ou seja, a ocupar a sua posição no sistema defensivo.

De acordo com Czerwinsky (1998) o número de ataques rápidos no Campeonato da Europa de 1998, em Itália, foi 6,2 de média, com uma amplitude entre 5,9 e 9,6, o que o autor considerou como muito fraco. Os resultados que encontramos nos dois Grupos são francamente inferiores, com dois ataques rápidos por jogo.

Czerwinsky (2000) defende que para se implementar as tendências modernas do jogo - rapidez e dinamismo - a atenção deve centrar-se na velocidade do jogo. A preocupação do aumento da velocidade do jogo leva a que se explorem as situações de reposição de bola após golo, aliás como algumas equipas já o fazem (Costantini, 1999) e que conduziu à utilização de movimentos e combinações estudadas iniciadas a partir de reposição de bola após golo, como factor surpresa (Seco, 1999). No entanto regista-se, em simultâneo com esta situação de forma cada vez mais frequente, permanentes substituições de defesas/atacantes, que chegam a ser de três jogadores em simultâneo, o que constitui um factor contraproducente para o aumento directo da velocidade de jogo (Czerwinsky, 2000). Não estamos de acordo com Mortágua (1999) e Fonseca (1999) quando estes referem que as situações de golo e a frequência destes no jogo são factores limitativos do desenvolvimento do jogo rápido. Estas são situações que pela frequência e previsão de ocorrência poderiam ser desenvolvidas, exploradas, de forma a aumentarem o ritmo de jogo, no entanto parece haver um abandono deliberado do método de jogo em ataque rápido. As permanentes substituições de defesas/atacantes podem não condicionar o ritmo de jogo se os jogadores especialistas na defesa integrarem o ataque rápido e procederem à permuta apenas após se ter inviabilizado o desenvolvimento deste método. Esta situação também pode ser válida para os movimentos e combinações estudadas, iniciadas a partir de reposição de bola após golo, pelo que o aumento da velocidade de jogo pode ser desenvolvido a partir destas situações.

4.2.3. Contra-ataque

Relativamente ao conta-ataque verificam-se grandes diferenças quanto à utilização deste método de jogo, pelos dois Grupos. O Grupo Sénior apresenta, em média, uma utilização de 8,95, contra uma média de 2,90 para o Grupo Juvenil (GJ). O valor da diferença encontrada na comparação dos dois Grupos, relativamente à condição de finalização em superioridade e igualdade numérica relativa, apresenta diferenças de significado estatístico (Quadro 11).

Quadro 11 - valores da análise das condições de finalização que a equipa criou em contra-ataque, com média (μ) desvio-padrão (DP), amplitude, para cada um dos grupos, e os valores de F e p referentes à comparação dos grupos.

Condições de finalização	Seniores			Juvenis			F	p
	μ	+ DP	amplitude	μ	+ DP	amplitude		
Contra Ataque								
Superioridade numérica relativa	4,40	+ 2,26	1 - 9	1,40	+ 1,78	0 - 6	13,419	0,001
Igualdade numérica relativa	3,50	+ 1,93	0 - 7	0,70	+ 1,06	0 - 3	18,045	0,000
Inferioridade numérica relativa	1,05	+ 1,10	0 - 4	0,80	+ 1,32	0 - 4	0,303	0,587

Existe uma clara predisposição do Grupo Sénior para apresentar condições de finalização em superioridade numérica relativa (média de 4,40), embora as situações de igualdade numérica relativa apresentem um valor médio próximo (média de 3,50). A pouca expressão das situações de inferioridade numérica relativa deve estar associada à avaliação das condições para a realização do contra-ataque, efectuada num diminuto espaço de tempo para não inviabilizar a utilização deste método. Isto pode explicar também, mas em parte, a razão do equilíbrio no sentido da criação da superioridade numérica relativa para o Grupo Juvenil (média de 1,40) apesar das dificuldades que demonstra em geral na utilização deste método.

Neste conjunto de variáveis é visível a diferença entre os dois Grupos, estaticamente significativa nos casos que referimos, sendo de realçar a preocupação do Grupo Juvenil em evitar e recusar as situações de igualdade e inferioridade numérica relativa, apesar do tempo de decisão diminuto que a utilização deste método implica.

Relativamente a este aspecto, da oportunidade e decisão, devemos salientar em particular o papel do Guarda-Redes que no contra-ataque é muito importante, nomeadamente na criação de condições de finalização e que é determinante para o seu sucesso, o qual depende da velocidade com que a

bola é reintroduzida no jogo (Czerwinsky, 1994b), sendo esta a função principal do Guarda-Redes no jogo de ataque.

As diferenças na utilização deste método são particularmente justificadas pela forma como se verifica a perda da posse de bola (Quadro 12), confirmando a capacidade dos jogadores do Grupo Sénior em explorar o grande espaço para tirar proveito ou criar superioridade numérica relativa.

Quadro 12 - valores da análise da perda da posse de bola que a equipa criou em contra-ataque, com média (μ) desvio-padrão (DP), amplitude, para cada um dos grupos, e os valores de F e p referentes à comparação dos grupos.

Perda posse de bola		Seniores			Juvenis			F	p
Contra Ataque	total	μ	$\pm$ DP	amplitude	μ	$\pm$ DP	amplitude		
	Superioridade numérica relativa	6,30	$\pm$ 2,39	3 - 12	1,60	$\pm$ 1,96	0 - 6	28,916	0,000
	Igualdade numérica relativa	2,00	$\pm$ 1,56	0 - 5	0,90	$\pm$ 1,29	0 - 4	3,709	0,064
	Inferioridade numérica relativa	0,75	$\pm$ 1,02	0 - 4	0,50	$\pm$ 0,71	0 - 2	0,481	0,494

As diferenças estatisticamente significativas, que aparecem no Quadro 12 , relativas à perda da posse de bola reportam-se às situações de superioridade e igualdade numérica relativa tal com já se havia verificado quanto às condições de finalização.

O quadro 13, de análise comparada das condições de finalização e de perda da posse de bola, realça de forma estatisticamente significativa a capacidade do Grupo Sénior em jogar no grande espaço. O Grupo Sénior tira, claramente, proveito do grande espaço para alcançar a superioridade numérica relativa, com redução significativa das situações de igualdade numérica relativa e a alteração, favorável, das situações de inferioridade numérica relativa.

As diferenças entre a condição de finalização e a perda da posse de bola, para o Grupo Sénior, traduzem-se em diferença estatisticamente significativa nas situações de superioridade (0,014) e igualdade (0,010) numérica relativa.

Quadro 13 - análise comparada das condições de finalização e de perda da posse de bola que a equipa criou e de que tirou proveito em contra-ataque, com os valores de F e p referentes à comparação.

Contra ataque	sénior		juvenil	
	F	p	F	p
superioridade numérica relativa	6,692	0,014	0,057	0,813
igualdade numérica relativa	7,308	0,010	0,144	0,709
inferioridade numérica relativa	0,345	0,560	0,403	0,534

A diferença, no que se refere à inferioridade numérica relativa, no Grupo Sénior não tem alteração significativa, até pela sua própria natureza, dado que as condições de finalização desfavoráveis deviam apontar para que a conduta do jogador se pautasse pela manutenção da posse de bola, mas questões de ordem diversa devem ter determinado a opção sem vantagem na relação numérica.

São claras as dificuldades no Grupo Juvenil em tirar proveito deste método de jogo, particularmente pela impossibilidade em explorar o grande espaço, não se verificando qualquer vantagem, traduzida em proveito significativo, à imagem do que acontece com o Grupo Sénior. Relativamente a esta diferença devemos atender ao que Moya (1998) refere quando defende que o aspecto técnico-motriz, num quadro de actuação em que a relação espaço-temporal é “pequena”, suporta as acções rápidas da táctica individual, enquanto que as relações espaço-temporal “grandes” suportam os aspectos estratégicos dos jogadores.

Atendendo ao facto do contra-ataque ser caracterizado pela simplicidade dos métodos, temos que contrapor a falta de ideias claras quanto à sua organização, no geral, e em última instância no campo, em particular (Czerwinsky, 1994a), não havendo outros motivos para que um método que permite concretizar, com os indicadores que apresentamos, a intenção táctica da superioridade numérica relativa, a partir de condições de finalização em igualdade numérica relativa, não seja mais utilizado.

De facto o ataque rápido e o contra-ataque realçam a dificuldade de interpretação do Grupo Juvenil dos métodos de jogo no grande espaço porque das condições de finalização para a perda da posse de bola regista-se, em ambos os métodos, um aumento de situações de igualdade numérica relativa.

4.3. As condições de finalização e a perda da posse de bola nas relações assimétricas absolutas nos diferentes métodos de jogo

As situações de assimetria, porque garantem uma relação numérica de benefício/prejuízo à partida, podem alterar as condutas dos jogadores e as situações de jogo, motivo para merecerem uma análise particular, mas também permitem verificar se a intenção táctica de superioridade numérica relativa

prevalece na manutenção do benefício e até que ponto está presente no prejuízo.

Não se verificou, em relação às condições de finalização no método de jogo em ataque rápido, um número de ocorrências passível de análise estatística, pelo que não é apresentado qualquer quadro referente às condições de finalização e perda de posse de bola neste método de jogo.

O facto de este tipo de ataques apresentar uma efectividade de concretização inferior às suas potencialidades, porque 65% não é uma efectividade satisfatória (Czerwinsky, 1995), justifica que seja o menos utilizado, pelo que não é estranho que as equipas, em assimetria na relação numérica de benefício/prejuízo à partida, evitem utilizá-lo.

O tempo de exclusão permite em competições mundiais, na década de noventa, de acordo com Czerwinsky (1997), a cada equipa ter normalmente a possibilidade de jogar entre 6-8 minutos por jogo em vantagem numérica absoluta, ou seja, um pouco mais de 10% do tempo total de jogo. O autor destaca ainda que nestas situações, em que logicamente se poderia considerar que as combinações para remate preparadas para situações de 6 contra 6 também teriam sucesso aplicadas no 6 contra 5, se verifica a existência de combinações especialmente preparadas para as situações de assimetria. É provável que, com o ataque posicional em situações de superioridade numérica absoluta, se tenha procurado mais segurança pela possibilidade de o preparar para o menor nível de improbabilidade. Por tal motivo já apareceram especialistas para situações particulares da defesa, em superioridade numérica absoluta e inferioridade numérica absoluta (Seco, 1999). Mesmo assim a eficácia do ataque em superioridade numérica absoluta nos jogos de Andebol é geralmente baixa, para o que contribui: (i) a utilização de combinações tácticas fechadas, o que torna o jogo de ataque mais previsível; (ii) finalização precipitada como consequência de ataques demasiado curtos; (iii) aumento da agressividade e entre-ajuda defensivas, procurando parar sistematicamente o ataque e dessa forma anular a vantagem que este apresenta garantida à partida (Garcia, 1998; Spate, 1999; Silva, 2000).

4.3.1. Ataque posicional

As condições de finalização e de perda de posse de bola em assimetria consideram a superioridade e a inferioridade numérica absoluta. Procuramos verificar a forma como os dois grupos se apresentaram: (i) perante a superioridade garantida à partida, em que é necessário mantê-la; e (ii) como é possível ultrapassar a situação de maior adversidade, garantida à partida.

Verificamos que as condições de finalização do ataque posicional, tanto em superioridade como em inferioridade numérica absoluta, permite ao Grupo Sénior diferenciar-se do Grupo Juvenil pela forma como lida com essa assimetria absoluta. Podemos verificar, no Quadro 14, que o Grupo Sénior consolida a superioridade de forma mais clara que o Grupo Juvenil e evita a inferioridade numérica relativa em situação de benefício, traduzindo-se esta última de forma estatisticamente significativa (0,038). Em situação de prejuízo o Grupo Sénior apresenta maior facilidade em lidar com essa mesma situação de inferioridade numérica relativa, traduzindo-se também esta de forma estatisticamente significativa (0,046), sendo evidente que apresenta capacidades para jogar em inferioridade porque é evidente que não a recusa.

O número médio de ataques para os dois Grupos é idêntico em ambas as situações de assimetria para o Grupo Sénior enquanto que o Grupo Juvenil apresenta uma diferença bastante grande entre as situações de benefício (média de 2,80) e as de prejuízo (média de 1,20). O Grupo Juvenil parece que se “recusa” a perder a bola quando em inferioridade numérica absoluta, jogando nos limites do jogo passivo.

Quadro 14 - valores da análise das condições de finalização que a equipa criou em ataque posicional em assimetria absoluta, com média (μ) desvio-padrão (DP), amplitude, para cada um dos grupos, e os valores de F e p referentes à comparação dos grupos.

Condições de finalização	Seniores			Juvenis			F	p
	μ	+ DP	amplitude	μ	+ DP	amplitude		
superioridade numérica absoluta								
Superioridade numérica relativa	2,10	$\pm$ 1,29	0 - 4	1,60	$\pm$ 1,84	0 - 5	0,750	0,394
Igualdade numérica relativa	1,10	$\pm$ 1,17	0 - 4	0,70	$\pm$ 1,34	0 - 4	0,713	0,406
Inferioridade numérica relativa	0,10	$\pm$ 0,37	0 - 1	0,50	$\pm$ 0,71	0 - 2	4,741	0,038
inferioridade numérica absoluta								
Superioridade numérica relativa	0,50	$\pm$ 0,83	0 - 2	0,20	$\pm$ 1,06	0 - 2	1,151	0,293
Igualdade numérica relativa	0,60	$\pm$ 0,82	0 - 3	0,50	$\pm$ 0,97	0 - 3	0,088	0,769
Inferioridade numérica relativa	1,90	$\pm$ 2,05	0 - 7	0,50	$\pm$ 0,71	0 - 2	4,340	0,046

Normalmente as equipas procuram prolongar o seu tempo de ataque quando em inferioridade numérica absoluta, tendo assim, como primeira prioridade, evitar a perda da posse de bola, por forma a que o tempo de exclusão se esgote e possam ficar novamente em igualdade numérica absoluta (Sánchez, 1991; Rios, 1998; Silva, 2000). De acordo com Silva (2000, citando, Anti, 1999), uma equipa em inferioridade numérica absoluta tem um tempo médio de ataque de 1 minuto e 30 segundos, com um decréscimo acentuado do tempo útil de jogo.

Ao facto de o Grupo Sénior ter uma elevada incidência de criação de condições de finalização em inferioridade numérica relativa quando em prejuízo não deve ser alheia a particularidade de três das quatro equipas observadas apresentarem um especialista para rematar à baliza nestas situações. Este facto ajuda a compreender porque é que as diferenças entre os dois grupos são estatisticamente significativas, em situação de prejuízo em inferioridade numérica absoluta.

Podemos verificar que as situações de perda de posse de bola mantêm características idênticas, com diferenças estatisticamente significativas para as situações de inferioridade numérica relativa, em ambas as situações de assimetria. Temos ainda que as condutas de jogadores do Grupo Sénior permitem reduzir o prejuízo, com uma diferença estatisticamente significativa ao nível da perda de posse de bola em superioridade numérica relativa (0,026), quando em situação de inferioridade numérica absoluta.

Quadro 15 - valores da análise da perda da posse de bola que a equipa criou em ataque posicional em assimetria absoluta, com média (μ) desvio-padrão (DP), amplitude, para cada um dos grupos, e os valores de F e p referentes à comparação dos grupos.

Perda da posse de bola	Seniores			Juvenis			F	p
	μ	+ DP	Amplitude	μ	+ DP	Amplitude		
Ataque Posicional								
superioridade numérica absoluta								
Superioridade numérica relativa	2,50	+ 1,85	0 - 7	1,70	+ 1,83	0 - 5	1,256	0,272
Igualdade numérica relativa	0,65	+ 0,75	0 - 2	1,00	+ 1,70	0 - 4	0,626	0,436
Inferioridade numérica relativa	0,15	+ 0,37	0 - 1	0,60	+ 0,84	0 - 2	4,223	0,049
inferioridade numérica absoluta								
Superioridade numérica relativa	1,00	+ 1,03	0 - 3	0,20	+ 0,42	0 - 1	5,531	0,026
Igualdade numérica relativa	0,50	+ 0,69	0 - 2	0,60	+ 0,97	0 - 3	0,107	0,746
Inferioridade numérica relativa	1,50	+ 1,61	0 - 5	0,40	+ 0,70	0 - 2	4,230	0,049

Esta situação é distinta da que referimos, dos especialistas em rematar à baliza em condições de relação numérica desfavorável, já que nesta situação não se verifica a perda de posse de bola em inferioridade numérica relativa, mas sim em superioridade. Assim temos especialistas que rematam à baliza em inferioridade numérica relativa e jogadores que são capazes de converter uma situação de relação numérica desfavorável em favorável.

As situações de superioridade numérica absoluta deviam apontar para situações mais evidentes de superioridade numérica relativa. Não devemos contudo ignorar que nas situações de dificuldade acrescida, por vezes a defesa em dificuldade consegue superar a inferioridade numérica absoluta com sucesso, provavelmente correndo os riscos adequados à situação, conforme já foi referido. Estas dificuldades em tirar proveito das situações de benefício e de lidar com o prejuízo são mais evidentes no Grupo Juvenil, mas não podemos omitir que a imaturidade táctica é compreensível nas categorias destas idades (Czerwinsky, 1997).

Podemos verificar que, para os dois Grupos, as diferenças entre as condições de finalização e de perda de posse de bola não apresentam diferenças estatisticamente significativas (Quadro 16), apesar de o Grupo Sénior apresentar, na situação de inferioridade numérica absoluta, uma diferença pouco significativa (0,098) ao nível da superioridade numérica relativa.

Quadro 16 - análise comparada das condições de finalização e de perda da posse de bola que a equipa criou e de que tirou proveito no método de jogo posicional em assimetria absoluta, com os valores de F e p referentes à comparação.

Ataque posicional	Sénior		Juvenil	
	F	p	F	p
Superioridade Absoluta				
superioridade numérica relativa	0,628	0,433	0,015	0,904
igualdade numérica relativa	2,117	0,154	0,192	0,666
inferioridade numérica relativa	0,218	0,643	0,830	0,777
Inferioridade Absoluta				
superioridade numérica relativa	2,879	0,098	0,000	1,000
igualdade numérica relativa	0,174	0,679	0,053	0,820
inferioridade numérica relativa	0,472	0,496	0,101	0,754

Parece adequado sublinhar que o Grupo Juvenil apresenta, aquando da relação de superioridade numérica relativa nas duas formas de assimetria, uma

estabilidade entre as condições de finalização e a perda de posse da bola, que salienta uma dependência das condições de finalização que a equipa promove.

Ambos os Grupos, nas situações de assimetria, apresentam no ataque posicional características idênticas no aumento/redução da relação numérica relativa, das condições de finalização para as de perda da posse de bola.

4.3.2. Contra-ataque

Os registos que encontramos do desenvolvimento do método de jogo em contra-ataque, em assimetria absoluta, são muito baixos, não se verificando ocorrências de condições de finalização e de perda da posse de bola para os dois Grupos, nas situações de superioridade numérica absoluta em inferioridade numérica relativa e em inferioridade numérica absoluta em situações de igualdade numérica relativa (Quadro 17).

Quadro 17 - valores da análise das condições de finalização que a equipa criou no método de jogo em contra-ataque, em assimetria absoluta, com média (μ) desvio-padrão (DP), amplitude, para cada um dos grupos, e os valores de F e p referentes à comparação dos grupos.

Condições de finalização	Seniores			Juvenis			F	p
	μ	$\pm$ DP	amplitude	μ	$\pm$ DP	amplitude		
superioridade numérica absoluta								
Superioridade numérica relativa	0,30	$\pm$ 0,66	0 - 2	0,20	$\pm$ 0,42	0 - 1	0,190	0,666
Igualdade numérica relativa	0,20	$\pm$ 0,52	0 - 2	0,10	$\pm$ 0,32	0 - 1	0,306	0,585
Inferioridade numérica relativa	0	0	0 - 0	0	0	0 - 0	.	.
inferioridade numérica absoluta								
Superioridade numérica relativa	0,10	$\pm$ 0,45	0 - 2	0	0	0 - 0	0,491	0,489
Igualdade numérica relativa	0	0	0 - 0	0	0	0 - 0	.	.
Inferioridade numérica relativa	0,10	$\pm$ 0,31	0 - 1	0,20	$\pm$ 0,63	0 - 2	0,346	0,561

Não se registam diferenças significativas entre os dois Grupos, mas apenas de destacar uma incidência muito baixa, com o Grupo Sénior a apresentar 0,5 de média de ocorrências em superioridade numérica absoluta com a taxa mais alta e ambos os Grupos a apresentar 0,2 de média em situação de inferioridade numérica absoluta.

Os registos da perda de posse de bola (Quadro 18) não permitem verificar quaisquer diferenças significativas entre os dois Grupos.

Quadro 18 - valores da análise da perda da posse de bola que a equipa criou no método de jogo em contra-ataque em assimetria absoluta, com média (μ) desvio-padrão (DP), amplitude, para cada um dos grupos, e os valores de F e p referentes à comparação dos grupos.

Perda da posse de bola		Seniores			Juvenis			F	p
		μ	$\pm$ DP	Amplitude	μ	$\pm$ DP	Amplitude		
Contra-ataque	superioridade numérica absoluta								
	Superioridade numérica relativa	0,35	$\pm$ 0,67	0 - 2	0,30	$\pm$ 0,48	0 - 1	0,044	0,836
	Igualdade numérica relativa	0,15	$\pm$ 0,37	0 - 1	0	0	0 - 0	1,647	0,210
	Inferioridade numérica relativa	0	0	0 - 0	0	0	0 - 0	.	.
	inferioridade numérica absoluta								
	Superioridade numérica relativa	0,15	$\pm$ 0,49	0 - 2	0,20	$\pm$ 0,63	0 - 2	0,086	0,772
	Igualdade numérica relativa	0	0	0 - 0	0	0	0 - 0	.	.
	Inferioridade numérica relativa	0,10	$\pm$ 0,22	0 - 1	0	0	0 - 0	0,491	0,489

Aliás, a diminuta utilização do contra-ataque e a quase ausência de ataque rápido podem estar associados a vários factores, mas não devemos ignorar que os ataques em inferioridade numérica absoluta são normalmente longos e com a finalização em situação de remate preparada, de forma a evitar a possibilidade de resposta rápida. Os ataques em superioridade numérica absoluta são normalmente curtos, tendo Silva (2000, citando, Anti, 1999) referido uma média de 30 segundos, perante uma defesa fortemente empenhada na defesa da baliza e com esta sem preocupações de partir rápido para o terreno de ataque, pela relação numérica de inferioridade a manter-se. Aliás, Klein (1998) refere que a orientação no contra-ataque passa por questões de estratégia, a qual deve considerar a utilização dos jogadores a partir das características destes e dos sistemas defensivos. Em ambas as situações de assimetria numérica absoluta as equipas deviam manter as mesmas características, ou seja, o que Trosse (1993) refere como sendo uma situação em que a equipa mantém a possibilidade de utilizar o contra-ataque de uma forma mais ou menos recorrente, constituindo-se como uma ameaça permanente para o adversário, aumentando assim o desgaste das suas capacidades. Será desta forma que o jogador especialista do contra-ataque se destaca nestas situações, justificando, de alguma forma a facilidade em converter as situações menos favoráveis em situações de perda de posse de bola em superioridade numérica relativa.

Aliás, este será um motivo pelo qual não parece estranho que o Grupo Juvenil apresente registos em situação de inferioridade numérica absoluta nas condições de finalização em inferioridade numérica relativa, transformando-os

em situação de superioridade numérica relativa aquando da perda da posse de bola. Isto não invalida que, pela análise comparada das condições de finalização e de perda da posse de bola (Quadro 19), se verifique que as condições que a equipa criou, em termos de relação numérica sejam idênticas à da perda de posse de bola, ou seja, não há alterações significativas, para ambos os Grupos.

Quadro 19 - análise comparada das condições de finalização e de perda da posse de bola que a equipa criou e de que tirou proveito no método de jogo de contra-ataque em assimetria absoluta, com os valores de F e p referentes à comparação.

Contra ataque	Sénior		Juvenil	
	F	p	F	p
Superioridade Absoluta				
superioridade numérica relativa	0,570	0,813	0,243	0,628
igualdade numérica relativa	0,123	0,728	1,000	0,331
inferioridade numérica relativa	.	.	.	.
Inferioridade Absoluta				
superioridade numérica relativa	0,114	0,738	1,000	0,331
igualdade numérica relativa	.	.	.	.
inferioridade numérica relativa	0,345	0,560	1,000	0,331

A pouca utilização do método de jogo em contra-ataque é de todo previsível, considerando que as equipas têm: (i) combinações especialmente preparadas para as situações de assimetria (Czerwinsky, 1997a); (ii) especialistas para situações particulares da defesa, em assimetria (Seco, 1999); (iii) especialistas para situações de remate em inferioridade numérica relativa, em assimetria; (iv) tempo de preparação do ataque prolongado em inferioridade numérica relativa (Anti, 1999; Silva, 2000).

4.4. A solicitação das diferentes linhas do sistema de jogo

4.4.1. A solicitação das diferentes linhas, nos dois Grupos, do sistema de jogo ofensivo no método de jogo em ataque posicional e ataque rápido

No Quadro 20 podemos verificar que não se registam grandes diferenças entre os dois Grupos, na forma como a primeira linha é solicitada.

A única diferença estatisticamente significativa (0,014) está relacionada com o ataque rápido em igualdade numérica relativa, na situação de perda de posse de bola justificada. Como já foi referido, a utilização da primeira linha em situações de ataque rápido pode ser importante para remate à baliza de zona

idónea. A ocupação e organização do dispositivo defensivo, como é o caso da recuperação, representa uma fase crítica, em que as defesas passam por um verdadeiro exame de maturidade táctica (Teodurescu, 1984). Neste caso o exame de maturidade também é para o ataque, traduzindo-se em situações de perda de posse de bola justificadas, mas em que não se confirma a idoneidade, comparando com os resultados que o Grupo Sénior apresenta.

Quadro 20 - valores da análise da solicitação da 1ª linha do sistema de jogo, com média (μ) desvio-padrão (DP), amplitude, para cada um dos grupos, e os valores de F e p referentes à comparação dos grupos.

Sistema - 1ª linha			Normal					Justificada					Não Justificada				
Método	Relação Numérica Absoluta	Grupo	μ	$\pm$ DP	ampltd.	F	Sig.	μ	$\pm$ DP	ampltd.	F	Sig.	μ	$\pm$ DP	ampltd.	F	Sig.
Posicional	Igualdade	Seniores	9,30	$\pm$ 2,72	5 - 14	1,047	0,315	7,15	$\pm$ 3,03	2 - 15	2,794	0,106	4,80	$\pm$ 2,53	1 - 9	0,109	0,744
		Juvenis	8,20	$\pm$ 2,90	4 - 14			5,30	$\pm$ 2,45	2 - 8			5,10	$\pm$ 1,91	3 - 8		
	Superioridade	Seniores	1,15	$\pm$ 0,99	0 - 3	1,950	0,174	0,50	$\pm$ 0,76	0 - 2	0,121	0,730	0,30	$\pm$ 0,80	0 - 3	0	1,000
		Juvenis	0,60	$\pm$ 1,07	0 - 3			0,40	$\pm$ 0,70	0 - 2			0,30	$\pm$ 0,48	0 - 1		
	Inferioridade	Seniores	0,90	$\pm$ 0,79	0 - 2	1,471	0,235	0,70	$\pm$ 0,86	0 - 3	1,632	0,212	0,50	$\pm$ 0,69	0 - 2	0,473	0,514
		Juvenis	0,50	$\pm$ 0,97	0 - 3			0,30	$\pm$ 0,67	0 - 2			0,30	$\pm$ 0,95	0 - 3		
Ataque Rápido	Igualdade	Seniores	0,30	$\pm$ 0,57	0 - 2	0,176	0,678	0,05	$\pm$ 0,22	0 - 1	6,936	0,014	0,20	$\pm$ 0,41	0 - 1	0,644	0,429
		Juvenis	0,40	$\pm$ 0,70	0 - 2			0,50	$\pm$ 0,71	0 - 2			0,40	$\pm$ 0,97	0 - 3		
	Superioridade	Seniores	0,15	$\pm$ 0,49	0 - 2	0,086	0,772	0	0	0 - 0	,	,	0	0	0 - 0	,	,
		Juvenis	0,10	$\pm$ 0,32	0 - 1			0	0	0 - 0			0	0	0 - 0		
	Inferioridade	Seniores	0,05	$\pm$ 0,22	0 - 1	0,491	0,489	0	0	0 - 0	,	,	0,05	$\pm$ 0,22	0 - 1	0,252	0,619
		Juvenis	0	0	0 - 0			0	0	0 - 0			0,10	$\pm$ 0,32	0 - 1		

No quadro 21, não se registam quaisquer diferenças quanto às características da solicitação da segunda linha pelos dois Grupos, sendo apenas de destacar que não se registam ocorrências quanto a situações de perda de posse de bola, justificada e não justificada, em situações de ataque rápido. Aliás poucas são as ocorrências em assimetria, estando o insucesso do ataque rápido associado à primeira linha, nestes casos e em situações de perda de pose da bola, para ambos os grupos e apenas em inferioridade numérica absoluta.

Não se identificam diferenças estruturais profundas na solicitação da segunda linha do sistema de jogo ofensivo, entre os dois Grupos. Aliás verifica-se que são bastante idênticas as formas de solicitação da segunda linha, particularmente no ataque posicional.

Quadro 21 - valores da análise da solicitação da 2ª linha do sistema de jogo, com média (μ) desvio-padrão (DP), amplitude, para cada um dos grupos, e os valores de F e p referentes à comparação dos grupos.

Sistema - 2ª linha			Normal					Justificada					Não Justificada				
Método	Relação Numérica Absoluta	Grupo	μ	± DP	ampltd.	F	Sig.	μ	± DP	ampltd.	F	Sig.	μ	± DP	ampltd.	F	Sig.
Posicional	Igualdade	Seniores	5,05	± 2,24	1 - 9	0,003	0,956	2,25	± 1,29	0 - 4	0,223	0,640	2,10	± 1,25	0 - 5	0,390	,844
		Juvenis	5,00	± 2,49	1 - 10			2,50	± 1,51	0 - 4			2,20	± 1,40	0 - 5		
	Superioridade	Seniores	0,85	± 0,99	0 - 3	0,257	0,616	0,30	± 0,57	0 - 2	0	1,000	0,20	± 0,52	0 - 2	0	1,000
		Juvenis	0,60	± 1,07	0 - 3			0,40	± 0,70	0 - 2			0,30	± 0,48	0 - 1		
	Inferioridade	Seniores	0,45	± 0,51	0 - 1	3,909	0,580	0,20	± 0,41	0 - 1	2,333	0,138	0,25	± 0,55	0 - 2	2,029	0,165
		Juvenis	0,10	± 0,32	0 - 1			0	0	0 - 0			0	0	0 - 0		
Ataque Rápido	Igualdade	Seniores	0,60	± 0,68	0 - 2	1,541	0,225	0,10	± 0,31	0 - 1	1,266	0,270	0,25	± 0,55	0 - 2	2,029	0,165
		Juvenis	0,30	± 0,48	0 - 1			0,30	± 0,67	0 - 2			0	0	0 - 0		
	Superioridade	Seniores	0,15	± 0,37	0 - 1	1,647	0,210	0	0	0 - 0	,	,	0	0	0 - 0	,	,
		Juvenis	0	0	0 - 0			0	0	0 - 0			0	0	0 - 0		
	Inferioridade	Seniores	0,05	± 0,22	0 - 1	0,491	0,489	0	0	0 - 0	,	,	0	0	0 - 0	,	,
		Juvenis	0	0	0 - 0			0	0	0 - 0			0	0	0 - 0		

4.4.2. A solicitação das diferentes linhas, em cada Grupo, do sistema de jogo ofensivo no método de jogo em ataque posicional e ataque rápido

A solicitação das diferentes linhas do sistema de jogo permite observar o registo de diferenças estatisticamente significativas no ataque posicional, em igualdade numérica e em qualquer forma de perda de posse da bola, em cada Grupo (Quadro 22 e 23).

A solicitação idêntica das duas linhas no ataque posicional é mais equilibrada quando em superioridade numérica absoluta, em qualquer uma das formas de perda de posse da bola (Quadro 22 e 23).

Quadro 22 - valores da análise da solicitação das diferentes linhas do sistema de jogo, no Grupo Sénior, com média (μ) desvio-padrão (DP), amplitude, para cada um dos grupos, e os valores de F e p referentes à comparação dos grupos.

Sênior			Normal						Justificada						Não Justificada					
			μ	+ DP	ampltd.	F	Sig.	μ	+ DP	ampltd.	F	Sig.	μ	+ DP	ampltd.	F	Sig.			
Método	Relação Numérica Absoluta	Grupo																		
Posicional	Igualdade	1ª linha	9,30	± 2,72	5 -14	29,189	0,000	7,15	± 3,03	2 - 15	44,226	0,000	4,80	± 2,53	1 - 9	18,346	0,000			
		2ª linha	5,05	± 2,24	1 - 9			2,25	± 1,29	0 - 4			2,10	± 1,25	0 - 5					
	Superioridade	1ª linha	1,15	± 0,99	0 - 3	0,922	0,343	0,50	± 0,76	0 - 2	0,884	0,353	0,30	± 0,80	0 - 3	0,218	0,643			
		2ª linha	0,85	± 0,99	0 - 3			0,30	± 0,57	0 - 2			0,20	± 0,52	0 - 2					
	Inferioridade	1ª linha	0,90	± 0,79	0 - 2	4,594	0,039	0,70	± 0,86	0 - 3	5,460	0,025	0,50	± 0,69	0 - 2	1,610	0,212			
		2ª linha	0,45	± 0,51	0 - 1			0,20	± 0,41	0 - 1			0,25	± 0,55	0 - 2					
Ataque Rápido	Igualdade	1ª linha	0,30	± ,57	0 - 2	2,280	0,139	0,05	± 0,22	0 - 1	0,345	0,560	0,20	± 0,41	0 - 1	1,000	0,746			
		2ª linha	0,60	± 0,68	0 - 2			0,10	± 0,31	0 - 1			0,25	± 0,55	0 - 2					
	Superioridade	1ª linha	0,15	± 0,49	0 - 1	0,000	1,000	0	0	0 - 0	,	,	0	0	0 - 0	,	,			
		2ª linha	0,15	± 0,37	0 - 2			0	0	0 - 0			0	0	0 - 0					
	Inferioridade	1ª linha	0,05	± 0,22	0 - 1	0,000	1,000	0	0	0 - 0	,	,	0,05	± 0,22	0 - 1	1,000	0,324			
		2ª linha	0,05	± 0,22	0 - 1			0	0	0 - 0			0	0	0 - 0					

Devemos destacar ainda que a especialização de jogadores para remate à baliza do Grupo Sénior, quando em inferioridade numérica absoluta está devidamente assinalada pelo registo de diferenças estatisticamente significativas, na solicitação da primeira linha quando em inferioridade numérica absoluta, com perda de posse de bola com remate à baliza, ou seja, com perda da posse de bola em situações normais ou justificadas.

A optimização do remate da ponta, conforme refere Seco (1999), deve ter contribuído para este registo, porque nesta situação a amplitude do jogo ofensivo não encontra resposta na oposição defensiva, pela redução numérica de defensores, pelo que a solicitação dos pontas como finalizadores eficazes pode adquirir predominância com elevada probabilidade de êxito, parecendo ser mais evidente no Grupo Juvenil (Quadro 23) em que a perda de posse de bola normal é dominante para a segunda linha.

Quadro 23 - valores da análise da solicitação das diferentes linhas do sistema de jogo, no Grupo Juvenil, com média (μ) desvio-padrão (DP), amplitude, para cada um dos grupos, e os valores de F e p referentes à comparação dos grupos.

Juvenil			Normal					Justificada					Não Justificada				
Método	Relação Numérica Absoluta	Grupo	μ	$\pm$ DP	ampltd.	F	Sig.	μ	$\pm$ DP	ampltd.	F	Sig.	μ	$\pm$ DP	ampltd.	F	Sig.
Posicional	Igualdade	1ª linha	8,20	$\pm$ 2,90	4 - 14	7,003	0,002	5,30	$\pm$ 2,45	2 - 8	9,458	0,007	5,10	$\pm$ 1,91	3 - 8	14,988	0,001
		2ª linha	4,10	$\pm$ 2,49	1 - 7			2,50	$\pm$ 1,51	0 - 4			2,20	$\pm$ 1,40	0 - 5		
	Superioridade	1ª linha	0,60	$\pm$ 1,07	0 - 3	0,603	0,447	0,40	$\pm$ 0,70	0 - 2	0,106	0,749	0,30	$\pm$ 0,48	0 - 1	0,158	0,696
		2ª linha	1,10	$\pm$ 1,73	0 - 5			0,30	$\pm$ 0,67	0 - 2			0,20	$\pm$ 0,63	0 - 2		
	Inferioridade	1ª linha	0,50	$\pm$ 0,97	0 - 3	1,532	0,232	0,30	$\pm$ 0,67	0 - 2	1,976	0,177	0,30	$\pm$ 0,95	0 - 3	1,000	0,331
		2ª linha	0,10	$\pm$ 0,32	0 - 1			0	0	0 - 0			0	0	0 - 0		
Ataque Rápido	Igualdade	1ª linha	0,40	$\pm$ 0,70	0 - 2	0,138	0,714	0,50	$\pm$ 0,71	0 - 2	0,419	0,526	0,40	$\pm$ 0,97	0 - 3	1,714	0,207
		2ª linha	0,30	$\pm$ 0,48	0 - 1			0,30	$\pm$ 0,67	0 - 2			0	0	0 - 0		
	Superioridade	1ª linha	0,10	$\pm$ 0,32	0 - 1	1,000	0,331	0	0	0 - 0			0	0	0 - 0		
		2ª linha	0	0	0 - 0			0	0	0 - 0			0	0	0 - 0		
	Inferioridade	1ª linha	0	0	0 - 0			0	0	0 - 0			0	0	0 - 0	1,000	0,331
		2ª linha	0	0	0 - 0			0	0	0 - 0			0,10	$\pm$ 0,32	0 - 1		

De acordo com Sibila (1997) e o seu “Modelo para orientação e selecção em Andebol” para o jogo de jovens de 15/16 anos (Grupo Juvenil), o processo de orientação no Andebol deve considerar as diferentes funções nos sistemas de jogo, em que após a sua formação suportada numa não especialização, recomenda a orientação para duas ou três posições em cada fase do jogo. Embora de extrema importância e validade, como queremos aqui sublinhar, não nos parece que seja esta a razão pela qual tal se verifica. Consideramos que o facto de o método de jogo em ataque posicional ser predominante para o

Grupo Juvenil, de as situações de igualdade numérica absoluta representarem parte relevante desse método, de existir uma similaridade muito grande entre a solicitação das diferentes linhas nos dois grupos, com diferenças estatisticamente significativas nos dois grupos para todas as situações de perda da posse de bola em igualdade numérica absoluta, aponta para que o método de jogo em ataque posicional seja colonizador para este Grupo.

Devemos considerar como muito provável que haja um predomínio de preparação e mesmo uma predisposição para o jogo em ataque posicional, sendo que este método é à partida identidade da modalidade e passível de ser utilizado como opção não determinada pelo adversário.

Perante os resultados obtidos fica particularmente claro que a diferença de solicitação, na perda da posse de bola, entre as duas linhas do sistema de jogo é significativa, sendo estatisticamente significativa, nos dois Grupos, no método de jogo em ataque posicional em situação de igualdade numérica absoluta, sendo de assinalar que esta situação representa mais de três quartos do total de situações de perda da posse de bola em sistema de jogo.

De acordo com Mortágua (1999) a segunda linha é a mais solicitada para a finalização, destacando a zona central (Pivot) como sendo a preferida (34,9%). Apresenta como segunda zona preferida a das pontas (17,3%), referindo que as zonas menos utilizadas são as de lateral esquerdo e direito. Também Barbosa apresenta valores de 58% de remates para a 2ª linha e de 42% de remates para a primeira linha, enquanto que Czerwinski (1994b) apresenta 60% e 40%. Por outro lado Sanchez (1991) apresenta 38% (pivot com 20% e pontas com 18%) para a segunda linha e 39% para a primeira linha. Podemos ainda referir Soares (2001) que aponta, para remates efectuados por zona, valores de 56,2% para a segunda linha e de 43,8% para a 1ª linha, mas com eficácia de 65,5% e de 34,5%, respectivamente. As diferenças de valores apresentados podem estar associados ao processo de recolha de dados, definição de variáveis, mas também existem diferenças porque no nosso estudo consideramos todas as situações de perda de posse de bola e apenas estas, estando definido que a identificação da linha está associada à posição que ocupa no sistema defensivo, no momento da recepção da bola, e não na zona de finalização como referem claramente Mortágua (1999), Barbosa (1999) e Soares (2001). Pretendemos com estes

nossos dados traduzir o peso específico que têm estes jogadores no sistema de jogo de uma equipa (Sanchez, 1991).

4.5. Número de passes de ataque anterior à perda da posse de bola em cada método de jogo

Para a análise do Quadro 24 entendemos adequado procurar uma incidência de solicitação e assim concluímos ser adequado efectuar a análise a dois níveis: (i) conjunto de número de passes cujo somatório de percentagens apresente valores superiores a dois terços do total; (ii) conjunto de número de passes cujo somatório de percentagens apresente valores superiores a mais 20% (83%) do definido no nível anterior.

Quadro 24 - percentagens da utilização do número de passes de ataque relativos à perda de posse de bola em cada método de jogo

	Ataque posicional									
	Igualdade absoluta		Superioridade absoluta		Inferioridade absoluta		Ataque rápido		Contra-ataque	
nº passes	seniores	juvenis	seniores	juvenis	seniores	juvenis	seniores	juvenis	seniores	juvenis
0	0,7 %		3,5 %				2,6 %		6,1 %	
1	24,8 %	32,9 %	18,6 %	34,5 %	18,8 %	33,3 %	10,5 %		33,2 %	39,4 %
2	29,7 %	36,0 %	40,0 %	37,9 %	27,5 %	46,7 %	4,9 %	31,6 %	34,2 %	39,4 %
3	25,1 %	16,1 %	28,6 %	20,7 %	27,5 %	6,7 %	4,9 %	26,3 %	26,4 %	15,2 %
4	10,0 %	8,4 %	8,6 %	3,5 %	11,6 %	13,3 %	34,2 %	15,8 %	3,7 %	
5	5,7 %	2,5 %	4,3 %			8,8 %	48,8 %	10,5 %		
6	3,3 %	2,8 %			2,9 %			2,5 %	5,3 %	
7	1,0 %	0,4 %			2,9 %			4,9 %		
8	0,5 %	0,4 %								

Assim, temos um conjunto de valores que pela sua associação poderá apresentar algum indicador relativo à importância do passe: (i) o ataque posicional em igualdade numérica absoluta –para o Grupo Sénior utiliza, para o 1º nível e com carácter dominante, de 1 a 3 passes, contra a utilização de 1 ou 2 passes para o Grupo Juvenil e para o 2º nível 1 a 4 passes (Grupo Sénior) e 1 a 3 passes (Grupo Juvenil); (ii) o ataque posicional em superioridade numérica absoluta – apresenta, segundo o mesmo critério, para o 1º nível de 2 ou 3 passes para o Grupo Sénior e de 1 ou 2 passes para o Grupo Juvenil. Para o 2º nível verificamos que ambos os grupos apresentam solicitações de 1

a 3 passes; (iii) o ataque posicional em inferioridade numérica absoluta – apresenta para o 1º nível, 2 a 4 passes para o Grupo Sénior e 1 ou 2 passes para o Grupo Juvenil, e para o 2º nível, 1 a 4 passes para os dois grupos, sendo que para o Grupo Juvenil representa a totalidade das solicitações; (iv) ataque rápido – apresenta para ambos os níveis, no Grupo Sénior, 4 ou 5 passes, sendo que na primeira situação apresenta para o Grupo Juvenil, 2 a 4 passes, e na segunda situação de 1 a 5 passes; (v) contra-ataque – para o 1º nível verificamos que ambos os grupos utilizam 1 ou 2 passes, enquanto que para o 2º nível, ambos utilizam de 1 a 3 passes.

Verificamos que o Grupo Juvenil apresenta, no ataque posicional em igualdade numérica absoluta, menos passes, relativamente às mesmas condições para o Grupo Sénior. Tendo o ataque posicional o maior volume de jogo de ataque, devemos considerar este como o aspecto mais relevante, embora não permita em si mesmo extrair qualquer indicador.

No entanto não deixa de ser interessante poder considerar que a simplicidade de processos está presente, aumentando de complexidade com o número de passes, sendo a expressão desse aumento mais um passe. Grande parte das situações de finalização no Grupo Juvenil passa por um ou dois passes de ataque, enquanto que no Grupo Sénior a utilização de um a três passes é muito equilibrada, na incidência da solicitação. Trosse (1993) considera que o Andebol é cada vez mais alicerçado na aplicação de meios tácticos de grupo, os quais permitem múltiplas formas de conjugação de acções simples e que diversificadas no seu encadeamento tornam-se complexas quando suportadas por um forte e diversificado repertório técnico, proporcionando desta forma condições favoráveis à emergência da individualidade em processos mais criativos e espectaculares. Para tal, de acordo com o mesmo autor, devemos considerar que a estrutura de jogo tem por base a conjugação das acções individuais, respeitando a individualidade. Esta conjugação permite e procura promover a articulação das acções de grupos de dois ou três jogadores, ou de grupos de jogadores, visando criar situações de superioridade numérica ou posicional, adequadas à finalização. Foi constatado nestes últimos anos um progresso assinalável, que mostra uma relação com a aparente dificuldade da evolução técnica e o bom trabalho de equipa, em grupos de 2-3 jogadores (Czerwinsky, 1998).

A incidência de solicitação de passe de contra-ataque, idêntica para os dois grupos, parece ser mais característica do método de jogo do que qualquer outra particularidade.

No ataque rápido surgem algumas dificuldades de interpretação se atendermos ao facto de o Grupo Juvenil apresentar uma grande variedade na utilização de recursos traduzidos pelo número de passes. A transição para o terreno de ataque não é muito rápida, mas segura, pelo que só podemos considerar o número de passes para este efeito após a aceleração do ritmo que permitiu as condições de finalização.

Destaque-se que a base de todas as formas de jogar, do ponto de vista de um jogo eficaz, apontam para que os remates sejam os mais importantes, seguidos pelo passe e depois pela recepção, sendo cada vez mais marcante a variedade dos tipos de passes, finta de passe e novos passes, em que estes são muito importante no sentido da variedade, na velocidade do jogo e no factor surpresa (Czerwinsky, 1995). Salaria ainda este autor a importância emergente de mais recursos especiais no drible e no passe, especialmente nos passes para o pivot e pontas, devendo haver um aperfeiçoamento qualitativo na relação táctica com os pontas. A articulação e desenvolvimento entre as duas linhas dos sistemas de jogo de ataque ainda carece de desenvolvimento em que o passe terá papel preponderante.

Actualmente considera-se a filosofia do jogo de ataque suportada em ideias e particularidades, traduzidas em formas simples que incluem acções pré-programadas, as quais limitam o grau de tomadas de decisão (Klein, 1998). Este autor refere ainda que as diferenças fundamentais no jogo são determinadas pelo carácter dos jogadores das diferentes equipas, dando como exemplo o caso da equipa nacional da Jugoslávia que tem na individualidade a expressão máxima no desenvolvimento do jogo, verificando-se, em contraste que na equipa nacional da Suécia o colectivo é determinante. Considera que as restantes equipas nacionais oscilam entre estes dois extremos. O factor velocidade parece ser determinante no desenvolvimento do Andebol, em que no futuro o aumento da frequência de passe sem perder a bola parece ser determinante para o sucesso, sendo exemplo disso a equipa nacional da Suécia, que consegue manter elevada sequência de passes sem falhas, chegando a apresentar uma sequência de 11 passes de ombro (no jogo com a

Jugoslávia, Ech.98) em 11 segundos, para ser um primeira linha a finalizar (Klein, 1998). Também Mortágua (1999) apresenta no seu trabalho um registo de um elevado número de passes ($13,47 \pm 9,13$), mas a diferenciação entre passes e passes de ataque. O registo que efectuámos, do número de passes de ataque, pode constituir um indicador interessante se se considerar que o número de passes de ataque é de facto reduzido. Aliás Czerwinsky (1994a) refere que a análise de pesquisas demonstrou que se verifica um elevado número de falhas no ataque, especialmente no que se refere aos passes, com 70% dos passes a não criarem situações ameaçadoras, a não criarem qualquer vantagem para as acções da equipa. Destaca ainda este autor que a finalização aparece suportada, associada a uma diversidade de número de passes relativamente restrita.

As diferenças de critério na análise dos passes levanta questões que se prendem com a importância dos diferentes tipos de passe. Os passes de ataque podem traduzir uma diferença construída a partir dos passes de preparação desse mesmo ataque, sendo esta dependente da qualidade permitida pela velocidade de circulação de bola. Assim, o passe e a continuidade das acções podem ser particularmente importantes para proporcionar situações de superioridade numérica relativa através dos meios tácticos. No entanto, verificamos que a maior parte das situações de jogo em espaço reduzido, jogo posicional, proporcionam condições de finalização em igualdade numérica relativa e algumas mesmo de inferioridade numérica relativa. Temos que admitir que as decisões dos jogadores quando optam pela perda da posse de bola, justificada e não justificada, estão condicionados pelas suas competências, as quais podem considerar as situações menos favoráveis na relação numérica como idóneas.

Assim, a particular relevância da cooperação/oposição e bola, referida por Alvaro & col. (1995), que pode conduzir à sequência táctica susceptível de causar prejuízo na equipa contrária, deverá estar dependente da qualidade do passe em função do grau de liberdade de acção que permite e da competência do receptor, para poder tirar proveito dessa mesma liberdade de decisão.

V. CONCLUSÕES

Conclusões

O objectivo do nosso trabalho foi efectuar a análise da configuração do processo ofensivo, pela relação numérica de cooperação/oposição relativo à zona da bola, no jogo de andebol das melhores equipas portuguesas de distintos níveis competitivos (jovens e adultos).

Considerando a amostra do estudo, os resultados encontrados permitem concluir o seguinte:

1. Os métodos de jogo divergem , entre os dois Grupos, na utilização do grande espaço, verificando-se diferenças na exploração do contra-ataque, tendo este método algum relevo no jogo do Grupo Sénior. A menor utilização deste método pelo Grupo Juvenil está associada ao facto de o método de jogo de ataque posicional representar 85% do total de ataques para este Grupo, ou seja, a quase totalidade do jogo de ataque verifica-se no pequeno espaço. Por tal motivo designamos o método de jogo em ataque posicional de colonizador do jogo dos jovens. Nos restantes métodos não houve diferenças de significado estatístico, embora no método de jogo em ataque posicional, em simetria absoluta, apareça uma diferença com pouco significado estatístico relativamente à perda de posse de bola. Significa neste caso uma maior capacidade dos jogadores do Grupo Sénior em tirar proveito das condições de finalização que a equipa cria. Também se regista uma diferença de pouco significado estatístico no ataque rápido, para a perda de posse de bola em igualdade numérica, sendo que os jogadores do Grupo Sénior conseguem aqui também tirar proveito das condições de finalização criadas pela equipa para ultrapassar a oposição.
2. Os dois Grupos, e nos diferentes métodos de jogo, não têm diferenças significativas, na relação numérica de cooperação/oposição relativa à zona da bola nas condições de finalização e de perda de pose da bola. De facto, a superioridade numérica relativa não é predominante como condição de finalização, para os dois Grupos e nos diferentes métodos de jogo, mas é predominante na perda de posse de bola para o grupo Sénior. Os jogadores do Grupo Sénior conseguem com maior frequência ultrapassar a oposição a partir das condições criadas pela equipa, sendo a competência

individual que determina a predominância da superioridade numérica relativa na perda da posse de bola.

3. A utilização dos diferentes métodos de jogo em assimetria sofre alterações com o quase desaparecimento do jogo no grande espaço, em ambos os Grupos.
4. A primeira linha do sistema de jogo é mais importante no jogo de ambos os Grupos, particularmente no método de jogo em ataque posicional, sendo manifestamente mais importante no jogo adulto.
5. Os jovens apresentam um menor número de passes de ataque para emergirem condições de finalização, criadas ou forçadas. O jogo com menor suporte na articulação das acções colectivas deve apresentar falta de continuidade do jogo de ataque, porque o equilíbrio da oposição nos duelos deve estar de acordo com o nível de jogo. Podemos admitir que o aumento do número de passes está associado ao aumento da complexidade do jogo.

VI. BIBLIOGRAFIA

- ALVARO, J., DORADO, A., BADILLO, J., GONZÁLEZ, J. (coord.), NAVARRO, F. MOLINA, J., PORTOLES, J., SANCHEZ, F. (1995). Modelo de análisis de los deportes colectivos baseado en el rendimiento en competition. INFOCOES, vol. I, nº 0. pp 21-40
- ANDRÉS, F.; ARILLA, L. ; GALLEG0, Q.; GROS, G.; PERISÉ, E. & RODRIGUEZ, A. (1997). Balonmano: análisis de cuatro equipos de la Bundesliga: T.H.W. Kiel, Gummersbach, Dusseldorf, S.G. Wallau. *Apunts Education Física y Deportes*. (47): 52-57.
- ANTI, T. (1999): A propos du jeu en inégalité numérique. *Approches du Handball*, (50): 20-30.
- ARAÚJO, J. (1992). "Basquetebol, preparação técnica e tática". Federação Portuguesa de Basquetebol e Associações de Basquetebol. Feira.
- BANA, P. (1996) Mondial masculin 1995: combinaisons tactiques. *Approches du handball*. Gentilly. 31: 2-7
- BARBOSA, J. (1999). A organização do jogo em andebol: estudo comparativo do processo ofensivo em equipas de alto nível, em função da relação numérica ataque-defesa. Dissertação de Mestrado. FCDEF-UP.
- BARCENAS, D. (1981). "Táctica colectiva ofensiva". Barcelona. FEBM.
- BARDIN, L. (1994). "Análise de conteúdo". Edições 70. Lisboa
- BAYER, C. (1983). "Handball. La formation du joueur". Vigot Editions. Paris.
- BAYER, C. (1990). Peut-on parler de spécificité du handball féminin? *Approches du Handball* (5):18-20
- BAYER, C. (1994). Breves reflexões sobre o 1º ECh. Masculino. *Andebol Revista* (2): 4-6.
- BAYER, C. ; MAUVOISI, M. (1986). Prespectives pédagogiques. *Education Physique et Sport*. (198): 28-31.
- BLAISE, P.; DONDELINGER, B.; GENDRE, D. & LAUNUZEL, J. (1997) Évolution du haut niveau féminin. Analyse de la finale olympique 96. *Approches du Handball*. (39): 19-27.
- BORGES, S. (1996). O perfil do deslocamento do andebolista. Um estudo com jogadores seniores masculinos. Dissertação de Mestrado. FCDEF-UP.
- BRUGNOT, J. & LANDURÉ, P. (1998). Championnats D'Europe Espoirs Féminin. *Approches du Handball*. (47): 21-31.
- CANAYER, P.; VERDON, D. (2000). Championnat d'Europe en Croatie Masculin. *Approches du Handball*. (56): 17-35.
- CASTELO, J. (1996). "Futebol, a organização do jogo". Edição do autor.
- CERCEL, P. (1990). "O treino de equipas masculinas". Edições Bidesporto. Linda-a-Velha.
- CONCEIÇÃO, L. (1996) Estudo da evolução do jogo da selecção feminina da Coreia do Sul, entre a final dos Jogos Olímpicos de 1988 e a final do Campeonato do Mundo de 1995. Monografia. FCDEF-UP.
- CONCEIÇÃO, L. (1998): Análise do Jogo de Andebol. Estudo comparativo do processo ofensivo em equipas de iniciadas e juvenis femininos. Dissertação de Mestrado. FCDEF-UP.
- COSTA, A. (1994): Campeonato Europeu de Andebol 1994 – comportamento anti-regulamentar de atletas de alto nível. Monografia. FCDEF-UP.
- COSTANTINI, D. (1995). Dossier spécial mondial – Le jeu de l'équipe de France. *Approches du Handball*. (27): 3-6.
- COSTANTINI, D. (1997). Strategies d'encadrement. *Approches du handball*. (41): 19-24

- COSTANTINI, D. (1999). Status-quo after the 99 World Championship in Egypt. *EHF Periodical for Coaches, Refrees and Lecteurs*, (2): 12-15.
- CUNHA, A. (2000). A análise técnico-táctica do campeonato do mundo de Andebol – Egipto 99. In: horizontes e Órbitas no Treino dos Jogos Desportivos Colectivos. J. Garganta (Ed). FCDEF-UP.
- CUNHA, A., MOREIRA, J., LIBERATO, A. (1994). O ensino do Andebol. In O ensino dos jogos desportivos. A. Graça & J. Oliveira (Eds) 49-60. FCDEF-UP. Porto.
- CURELLI, J.; KRUMBHOLZ, O. (1994) Mondial a feminin en Norvege le jeu des pivots. *Approches du handball*. (20) 14-18; 23-25.
- CZERWINSKI, J. (1991). Structure du Handball. In IHF Trainers' d Chief-Refrees' Symposium. I. H. F. (Ed.). Athènes. Grèce.
- CZERWINSKI, J. (1993). "El Balonmano. Técnica, táctica y Entrenamiento". Paidotribo. Barcelona.
- CZERWINSKI, J. (1994a). An analysis of the level of Technique and Tactics at the Womn's World Handball Championship in Oslo. *Handball Periodical for Coaches, Refrees and Lecteurs*. (1): 4-11.
- CZERWINSKI, J. (1994b). An analysis of the European Men's Championship – Portugal, June 1994: Technique and Tactics. *Handball Periodical for Coaches, Refrees and Lecteurs*. (2): 7-16.
- CZERWINSKI, J. (1995). Technical-Tactical analysis of Men's European Champions – Germany, September 1994. *Handball Periodical for Coaches, Refrees and Lecteurs*. (2): 7-16.
- CZERWINSKI, J. (1997b). The level of Youth Handball Development. *Handball – EHF Periodical for Coaches, Refrees and Lecteurs*. (2): 12-20.
- CZERWINSKI, J. (1998). Statistical analysis of men's European Championship held in Italy 1998. *Handball – EHF Periodical for Coaches, Refrees and Lecteurs*. (2): 10-18.
- CZERWINSKI, J. (2000). Statistical analysis and remarks on the game character based on the European Championship in Croatia. *Handball – EHF Periodical for Coaches, Refrees and Lecteurs*. (1): 5-10.
- CZERWINSKI, J.; TABRSSKY, F. (1996). The technic and tactical eveluation of the game of women's junior championship – Cetniewo, September 1996. *Handball – EHF Periodical for Coaches, Refrees and Lecteurs*. (2): 12-24.
- DIRECTION TECHNIQUE NATIONALE (1968). Principes d' attaques des défenses de zone. Fédération Française de Handball – *Revue Education Physique et Sport*. (7) : 1-4.
- EHERT, A., JOHANSSON, B., ZOVKO, Z. E COSTANTINI, D. (1995): Dossier spécial mondial – L'analyse du jeu par les meilleurs entraineurs. *Approches du Handball* (27): 7-16.
- ESPEÇADA, P. & CRUZ, C. (1984). "Alguns dados da observação da fase final do Campeonato Nacional de Seniores Masculinos – Divisão de Honra". *Setemetros*: (19): 23-33.
- F. A. P. (2001). "Regras de Jogo". Federação de Andebol de Portugal. Lisboa.
- FALKOWSKI, M.; FERNANDEZ, E. (1979), "Táctica ofensiva colectiva, táctica e sistemas de jogo". vol./II. Esteban Sanz. Madrid.
- FERREIRA, D. (1997): A manutenção do jogo 7 contra 7 após exclusão de 2 minutos. Monografia. FCDEF-UP.
- FERREIRA, J. ; QUEIRÓS, C. (1982). Da formação à alta competição. *Futebol em Revista*. 3 (10): 35-43.

- FONSECA, O. (1999). Andebol Português versus Andebol Mundial. Dissertação de Mestrado. FCDEF-UP. Porto
- GARCÍA, J. L. A. (1990). "Balonmano. Fundamentos y etapas del aprendizaje. Un proyecto de escuela española". Gymnos. Madrid.
- GARCÍA, J. L. A. (1994). "Balonmano: metodologia y alto rendimiento". Paidotribo. Barcelona.
- GARCÍA, J. L. A. (1998). "Balonmano. Táctica grupal ofensiva. Concepto, estrutura y metodologia". Gymnos. Madrid.
- GARCÍA, J. L. A. (1999). La teoria escalonada de Roth: una vía imprescindible en el aprendizaje táctico del balonmano, *in* Jornadas de formación en balonmano, alternativas y factores a valorar el aprendizaje (livro de resumos). J. L. A. García & L. C. Ríos (Eds.). FCAFD. Universidade de Granada. Granada.
- GARGANTA, J. & OLIVEIRA, J. (1996). Estratégias e tática nos jogos Desportivos Colectivos. J. Oliveira e F. Tavares (Eds.). CEJD. FCDEF-UP. 7-23.
- GARGANTA, J. (1994): Para uma teoria dos Jogos Desportivos Colectivos: In O Ensino dos Jogos Desportivos. 11-25. A. Graça & J. Oliveira (Eds), CEJD/FCDEF-UP.
- GARGANTA, J. (1997) Modelação táctica do jogo de Futebol. Estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento. Tese de Doutoramento. FCDEF-UP. Porto
- GERMAIN, J.-M. , SOUBRANNE, P. (1999). 12^e Championnat du monde junior masculin au Qatar. *Approches du Handball*. (54): 31-36.
- GERMAIN, J-M (1997) Évolution du haut niveau féminin. Mondial 95. *Approches du Handball* (37) 15-29.
- GERMAIN, J-M (1997) Évolution du haut niveau féminin. Mondial 95. *Approches du Handball* (38) 15-34.
- GERMANESCU, I. K. (s.d). "Traité de l'Ecole Internationale de Handball de Fribourg (EIHf)". Allemagne
- GIMÉNEZ, A. (1998). La observation in vivo del rendimiento deportivo. Un instrumento de analisis en iniciacion al baloncesto. <http://www.efdeportes.com/> revista digital. Buenos Aires. (3): 12.
- GREHAIGNE, J-F. (1992). "L'organisation du jeu en football". Éditions Actio. França.
- HATTIG, F.; HATTIG, P.; GHERMANESCU, I.K. ; SCHMIT, M. (1979) Handball. Technique - tactique – regles. Federation Internationale de Handball.
- HVROJE, D. (1972). "Táctica do andebol". Edição do autor.
- KLEIN, G. (1998). Selected aspects of a titative analysis of player's performance at the 1998 Men's European Championship in Italy. *EHF Periodical for Coaches, Refrees and Lecteurs*, (2): 17-26.
- KOVACS, P. (1998) Le bilan des C. M. 1997. *World Handball Magazine*. (1): 26-28.
- KOVACS, P. (2001) The zone attack with special emphasis on the executor. *Handball – EHF Periodical for Coaches, Refrees and Lecteurs*. (1): 33-35.
- KRUMBHOLZ, O. (1993)Le haut niveau féminin. *Approches du Handball*. (24) : 31-36.
- KRUMBHOLZ, O. (1994). Mondial A féminin Noruege – Décembre 1993. *Approches du Handball*. (19) : 2-6.
- KRUMBHOLZ, O. (1995) Mondial espoir feminin. *Approches du handball*. (30): 33-36
- KRUMBHOLZ, O. (1996) Mondial feminin 1995. *Approches du handball*. (32): 2-4

- KRUMBHOLZ, O. (1998). Championnat du Monde féminin: le chemin a parcourir. *Approches du Handball*. (44) : 39-42.
- LANDURÉ, P.; HORVARTH, L. (1989). "Preparation specifique au Handball". Amphora. Paris.
- LANDURE, P; CURELLI, J. (1996) Championnat d'Europe masculin 1996. *Approches du handball*. (33) 17-24; 29-36
- LANNUZEL, J.-L. (1998). Jeu sur Grand espace. *Approches du Handball*. (43): 25-28.
- LASSIERRA, G. (1990). Aproximación a una propuesta de aprendizaje de los elementos tácticos individuales en los deportes de equipo. *Apunts Educação Física Deportes*, (24): 59-68.
- LASSIERRA, G.; PONZ, J.M.; DE ANDRÉS, F. (1992). "1013 ejercicios y juegos aplicados al balonmano. Volumen I - Fundamentos y ejercicios individuales". Paidotribo. Barcelona.
- LASSIERRA, G.; PONZ, J.M.; DE ANDRÉS, F. (1992). "1013 ejercicios y juegos aplicados al balonmano. Volumen II - Sistemas de juego y entrenamiento del portero". Paidotribo. Barcelona.
- LATISKEVITS, L.A. (1991) "Balonmano". Paidotribo. Barcelona.
- LEGALL, J.-L. (1999). Championnat d'Europe Junior féminin. *Approches du Handball*. (54): 17-29.
- LEITÃO, A. (1998). O Processo ofensivo no Andebol. Dissertação de Mestrado. FCDEF-UP.
- LEITE, A. (1995). Estudo comparativo entre Magnus Anderson e Talant Dujshebaev. Monografia. FCDEF-UP.
- MAGALHÃES, P. (1995). Variações da força muscular durante um programa de treino de força e destreino – um estudo em andebolistas juvenis. Monografia. FCDEF-UP.
- MAHLO, F. (s/d). "O acto táctico no jogo". Compendium. Lisboa.
- MALFONDET, G.; FAURE, B. (1998). Analyse du niveau de jeu des jeunes filles nees en 79/80. 1^{er}/2^e parties. *Approches du handball*. (43/44): 39-46/31-35.
- MARINHO, C. (1996): Selecção Nacional de França – A evolução do Jogo. Monografia. FCDEF-UP.
- MARQUES, A. (1983). Direcção da evolução do Andebol de alto nível na década de 70. *Revista Setemetros*. (4) 11-15.
- MARQUES, A. (1984). Abosdagem do Andebol na escola – do 5º ao 9º ano de escolaridade... *Setemetros*. (8): 12-19.
- MARQUES, A. (1984). Abosdagem do Andebol na escola – do 5º ao 9º ano de escolaridade... *Setemetros*. (9): 6-16.
- MARTIN, C. (1996). Handball féminin aux Jeux Olímpiques. *Revue Education Physique et Sport*. (5): 5-8.
- MORENO, J. & COL. (1998). La iniciacion deportiva desde la praxiologia motriz. Estudio prático: hacia la cuantificación táctica. 148-160. IV Seminario Internacional de la Actividad Física y el Deporte en Barcelona.
- MORENO, J. (1994). "Análise de las estructuras del juego deportivo". INDE publicaciones.
- MORENO, J. (s/d - 2001). Analisis de los parametros espacio y tempo en el balonmano. La distancia recorrida y el ritmo y direccion del desplazamiento del jugador durante un encuentro de competición. Documento facultado pelo autor.

- MORTÁGUA, L. (1995). Modelo de jogo ofensivo em Andebol. Estudo da organização das fases ofensiva em equipas seniores masculinas da Alto Rendimento portuguesas. Dissertação de Mestrado. FCDEF-UP.
- MORTÁGUA, L. (1995). Verificação dos indicadores de selecção para o jogador central em Andebol. Monografia. FCDEF-UP.
- MOYA, F. (1998) El concepto de táctica individual en los deportes colectivos. *Apunts Educação Física Deportes*. (51) 16-22.
- MRÁZ, J. (1989) Análisi del 6º Campeonato del mundo junior de Balonmano. ÚV CSTV. Santiago de Compostela.
- MRÁZ, J. (1991). Analyse des championnats du monde de 1990, hommes et dames. *Euro-Hand*. 84-88.
- MULLER, M. GERT-STEIN, H., KONZAG, B. & KONZAG, I. (1996). "Balonmano, entrenarse jugando". Paidotribo. Barcelona.
- NOTEBOOM, T. (1995). "Handball. Technique, pédagogie, entraînement". Amphora. Paris.
- NOUET, S. (1997). Mondial Masculin – Japon 1997 – Analyse. *Approches du Handball*. (30): 9-12.
- OLIVEIRA, A. (1996). O Guarda-redes de Andebol – Um estudo exploratório das suas características e eficiência nos remates de 1ª linha e de ponta. Dissertação de Mestrado. FCDEF-UP.
- OLIVEIRA, J. (1993). A análise do jogo de basquetebol. In A ciência do desporto e a cultura do homem. J. Bento & A. Marques (Eds). 297-306. FCDEF-UP.
- OLIVEIRA, J.C. (1999). Parâmetros configuradores da estrutura do Basquetebol: perspectiva de cooperação/oposição. Estudo dos jogos desportivos. Concepções, metodologias e instrumentos. Fernando Tavares (Ed.) CEJD. FCDEF-UP. 78-89.
- PAOLINI, P.; THOMAS-TERRIER, M. (1990). Le surnombre 6 contre 5. *Approches du handball*. Gentilly. (4): 25-32
- PARLEBAS, P. (1986). "Éléments de sociologie du sport". Press Universitaires de France.
- PEÑAS, C.; GRAÑA, P. (2000). O treino da velocidade no jogo de Andebol. <http://www.efdeportes.com/> revista digital. Buenos Aires. 5 (28).
- PENATI, B.; CONTINO, P. & THOMAS, J.-P. (2000). Championnat du monde féminin 99 en Norvège. *Approches du Handball*. (55/56): 17-35/37-39.
- PETIT, S. (1987). L'evolució táctica en l'handbol. *Apunts Educação Física Deportes*. (7/8). 35-38.
- PRUDENTE, J. (2000). A concretização do ataque n Andebol Português de Alto Nível em Superioridade Numérica de 6x5. Dissertação de Mestrado. UM.
- QUEIRÓS, C. (1983). Para uma teoria do ensino/treino do Futebol. *Futebol em Revista*, 4(1): 47-49
- RAMALHO, L. (2000). As situações de desigualdade numérica no campeonato Português: estudo descritivo baseado nos indicadores de jogo. FCDEF-UP.
- RIBEIRO, M. (1994). Andebol feminino. Concretização de jogo juvenil e estratégias a desenvolver para melhorar a sua qualidade. *Andebol Revista*. (2): 14-15.
- RIERA, J. (1995). Análise de la táctica deportiva. *Apunts Educação Física Deportes*. (40). 47-60.
- RIOS, J.; RIOS, I. & PUCHE, P. (1998). Planificacion y secuenciacion de un modelo de entrenamiento integrado dentro del juego complejo en balonmano. <http://www.efdeportes.com/> revista digital. Buenos Aires. 3 (11).

- ROMAN, J. (1998) 1998 Men's Junior Championship in Austria. *Handball – EHF Periodical for Coaches, Refrees and Lectors*, (2): 35-46
- SALAS (2001). La estruturación del contraataque de "equipo", un paso adelante, in VIII Jornadas Internacionales de Balonmano (livro de resumos). Instituto Andaluz del Deporte. Málaga.
- SANCHEZ, F. (1991). "Conteúdo do jogo". Capítulo II, 30-161. COE. Barcelona.
- SANTOS, F. (1999) Perfil de excelência do jogador pivot de Andebol definido a partir de indicadores somáticos, técnicos e táticos. Dissertação de Mestrado. FCDEF-UP.
- SANTOS, M. (1997). Análise das combinações táticas ofensivas de grupo em equipas de alto nível-ataque posicional em igualdade numérica. Monografia. FCDEF-UP.
- SECO (1999). World Championship Analysis – Egypt 1999. *EHF Periodical for Coaches, Refrees and Lectors*, (2): 2-7.
- SECO, J. (1998). Los XI Campeonatos del Mundo Junior – Turquia, 1997. Comunicação apresentada no II Seminário Internacional. Córdoba.
- SENLANNE, Y. (1996). Apprendre a lire et a ecrire le jeu. *Approches du handball*. (35): 29-38.
- SENLANNE, Y. (1996). Apprendre a lire et a ecrire le jeu. Suite et fin. *Approches du handball*. (36): 9-16
- SIBILA, M. (1997). Initial and futher selection of a children gifted for Handball on a basis of some chosen morphological and motor parameters. *EHF Periodical for Coaches, Refrees and Lectors*, (1): 7-17.
- SILVA, A. (1993). Caracterização do jogo ofensivo no andebol. Um estudo com atletas do escalão de formação. Tese de Doutoramento. FCDEF-UP. Porto
- SILVA, J. (1998) O sucesso no Andebol. Correlação entre indicadores de rendimento e classificação final. Comunicação apresentada no I Congresso Mundial de Notação – 1998. Documento não publicado. FCDEF-UP.
- SILVA, J. (2000). A importância dos indicadores do jogo na discriminação da vitória e derrota em andebol. Provas de aptidão pedagógica e Científica. FCDEF-UP. Porto
- SOARES, S. (2001). Caracterização do processo ofensivo em equipas Nacionais e Internacionais. Monografia. FCDEF-UP. Porto
- SOUSA, R. (1994). Estudo monográfico do Guarda-redes Soren Gottfredsen – atleta do FCP. Monografia. FCDEF-UP.
- SPATE, D. (1991). La tactique collective, joyau du jeu offensif dans le handball moderne. *Euro-hand*: 89-148.
- SPATE, D. (1992). Des ouvelles tendances dans le sport du handball. *Euro-Hand* : 102-104.
- SPATE, D. (1994). Counter-attack tranig. *World Handball Magazine*, (2): 47-49.
- SPATE, D. (1996). L'attaque en progrès. *World Handball Magazine*, (3/4): 49-64.
- SPATE, D. (1999). Die WM in Zahlen: Anzahl der Angriffe, Angriffseffektivitat, tore pro spiel steigen weiter. *Handball Trainnig*. (9/10): 54-57.
- STEIN, H.; FEDERHOFF, E. (1982). "Andebol". Estampa-Desporto.
- TABORSKY, F. (1994). The state of women's handball and developmental tendencies. *Handball – EHF Periodical for Coaches, Refrees and Lectors*, (2): 22-30.
- TABORSKY, F. (1995). The 1995 Women's Junior World Championship. *Handball – EHF Periodical for Coaches, Refrees and Lectors*, (2): 7-11.

- TABORSKY, F.; LINDER, T. (1997). Women's handball out of shadow. Handball – *EHF Periodical for Coaches, Refrees and Lecteurs*, (1): 24-30.
- TAVARES, F. (1995). O processamento da informação nos jogos desportivos. In: O ensino dos Jogos Desportivos. 35-46. A. Graça & J. Oliveira (Eds). CEJD/FCDEF-UP.
- TAVARES, F. (1996). Bases teóricas da componente táctica nos Jogos Desportivos Colectivos. Estratégia e Tática nos JDC. J. Oliveira e F. Tavares (Eds.). 25-32.CEJD. FCDEF-UP.
- TAVARES, G. (1994). O papel das regras na definição das “lógicas” dos desportos colectivos. *Ludens*. X.(60): 207-210.
- TEIXEIRA, J. (1998). caracterização da acção ofensiva do Jogador central de Andebol. Estudo descritivo em jogadores de Alto Rendimento Nacional. Dissertação de Mestrado. FCDEF-UP.
- TEODURESCU, L. (1984). “Problemas da teoria e metodologia nos jogos desportivos”. Livros Horizonte. Lisboa.
- TROSSE, H. (1993). “Balonmano. Entrenamiento, técnica e táctica”. Martinez Roca. Barcelona
- VAN DER MARS (1989) Observer Reliability: Issues and Procedures. In: *Analysin Physical Education and Sport Instruction*. Human Kiectis. P.Darst, D. Zakrajsek & V. Mancini (eds). (2): 53-79.
- VELÁZQUEZ, A. (2000). Estudio praxiológico en el fútbol de alta competición. <http://www.efdeportes.com/> revista digital. Buenos Aires. 5 (20).

Equipa observada:

Observador: _____

Observação: 1ª Data :

2ª **Data :**

Nº at.	Nº pass	Condições de finalização									Perda de posse de bola										Regulm.		
		Contra at.			At. rápido			At. Posicional			Normal			Justificada			Não justifcd			Linha			
		sp.	ig.	in.	sp.	ig.	in.	sp.	ig.	in.	sp.	ig.	in.	sp.	ig.	in.	sp.	ig.	in.	1ª	2ª	sp.	in.
1																							
2																							
3																							
4																							
5																							
6																							
7																							
8																							
9																							
10																							
11																							
12																							
13																							
14																							
15																							
16																							
17																							
18																							
19																							
20																							
21																							
22																							
23																							
24																							
25																							
26																							
27																							
28																							
29																							
30																							
31																							
32																							
33																							
34																							
35																							
36																							
37																							
38																							
39																							
40																							